

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

JULIANA GOMES MOREIRA

**TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS NO PAMPA BRASILEIRO: AS MUDANÇAS
NA BOVINOCULTURA DE CORTE DIANTE DO AVANÇO DA SOJA**

Porto Alegre

2019

JULIANA GOMES MOREIRA

**TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS NO PAMPA BRASILEIRO: AS MUDANÇAS
NA BOVINOCULTURA DE CORTE DIANTE DO AVANÇO DA SOJA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Antônio Conterato

Co-orientadora: Prof. Dra. Alessandra Matte

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Moreira, Juliana Gomes

Transformações produtivas no pampa brasileiro: as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja / Juliana Gomes Moreira. -- 2019.

107 f.

Orientador: Marcelo Antônio Conterato.

Coorientadora: Alessandra Matte.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Pampa. 2. Pecuária. 3. Commodities. 4. Percepções dos pecuaristas. I. Conterato, Marcelo Antônio, orient. II. Matte, Alessandra, coorient. III. Título.

JULIANA GOMES MOREIRA

**TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS NO PAMPA BRASILEIRO: AS MUDANÇAS
NA BOVINOCULTURA DE CORTE DIANTE DO AVANÇO DA SOJA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 29 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Antônio Conterato – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Alessandra Matte – Coorientadora
UTFPR

Profa. Dra. Tanice Andreatta
UFSM

Prof. Dr. Cláudio Marques Ribeiro
Unipampa

Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil
UFRGS

Dedico a minha avó Eva (*in memorium*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me acompanharam durante esse período, em especial aos meus pais pelo apoio em todas as horas.

Agradeço imensamente a minha orientadora de graduação Ana Monteiro Costa por despertar em mim o interesse pela pesquisa. Sempre será uma inspiração.

Agradeço ao meu orientador da especialização em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia professor Claudio Becker. Muito obrigada por me incentivar a seguir a carreira acadêmica. És um excelente profissional e uma pessoa maravilhosa Profe. Claudio.

Sou muito grata aos amigos Rodrigo, Kelly, Juliana e Marielen pelo apoio de sempre.

Agradeço imensamente a minha co-orientadora Alessandra Matte pelo suporte, contribuições e principalmente pela presença durante esse processo.

Grata ao meu orientador Marcelo Conterato pelas valiosas contribuições e a toda a equipe do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural.

RESUMO

O mercado internacional das commodities agrícolas tem influenciado sobremaneira as transformações no espaço agrário do bioma Pampa. O cultivo intensivo de arroz, as plantações de eucaliptos e mais recentemente o rápido crescimento das áreas cultivadas com soja, são a versão Pampiana de uma dinâmica global avançando sobre os campos naturais típicos de pecuária. Diante desse cenário, o estudo versou sobre o tema das mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço das lavouras de soja no Pampa brasileiro. Assim, o objetivo do trabalho consiste em identificar quais as mudanças percebidas pelos pecuaristas na bovinocultura de corte diante do avanço das lavouras de soja. O recorte empírico dessa pesquisa foi o município de Dom Pedrito, localizado na microrregião Campanha Meridional no estado do Rio Grande do Sul, compreendendo o bioma Pampa, onde as lavouras de soja avançaram 78.383 hectares em um período de 17 anos. Foram realizadas 14 entrevistas com pecuaristas de corte, no município. A principal técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista semiestruturada com um roteiro de questões abertas de caráter qualitativo. Os pecuaristas entrevistados foram divididos em dois grupos distintos de acordo com as características socioeconômicas e os aspectos produtivos, sendo eles Pecuaristas Sojicultores e Pecuaristas Tradicionais. De modo geral, os resultados apontam que na percepção dos Pecuaristas Sojicultores a principal mudança na bovinocultura de corte é a diminuição da prática dessa atividade em favor das lavouras de soja, tendo em vista que os pecuaristas desse perfil consideram o retorno das atividades agrícolas mais satisfatórios, integrando a pecuária apenas quando possível. As mudanças mais significativas percebidas pelos Pecuaristas Tradicionais na bovinocultura de corte são o aumento na oferta de alimento para os animais oriunda das pastagens cultivadas nas entressafras de soja e o expressivo incremento na renda por meio do cultivo ou arrendamento de áreas para a soja, porém também percebem a diminuição do acesso a terra e a supressão dos campos naturais. Não obstante, os dois grupos percebem que as principais mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa se referem ao uso da terra, a diminuição da atividade praticada sobre pastagens naturais, a supressão dos campos naturais e especialmente ao retorno monetário das duas atividades. Conclui-se que as concepções em torno do avanço do cultivo da soja no Pampa são diversas. Por um lado, aspectos econômicos tem favorecido o avanço dessa atividade. Por outro, a redução das áreas destinadas à pecuária e a supressão das pastagens naturais, representam uma ameaça à atividade tradicional do Pampa.

Palavras-chave: Pampa. Pecuária. Commodities. Percepções dos pecuaristas.

ABSTRACT

The international market for agricultural commodities has greatly influenced the transformations in the agrarian space of the Pampa biome. Intensive rice cultivation, eucalyptus plantations, and more recently the rapid growth of soybean cultivated areas, are the Pampean version of a global dynamic advancing over typical natural ranching fields. Given this scenario, the study focused on the relationship between the advance of soybean crops and livestock activity, with emphasis on beef cattle farming. Given this scenario, the study focused on the issue of changes in beef cattle breeding in the face of the advance of soybean crops in the Brazilian Pampa. Thus, the objective of this work is to identify the changes perceived by cattle ranchers in beef cattle before the advance of soybean crops. The empirical cut of this research was the municipality of Dom Pedrito, located in the South Campanhã microregion in the state of Rio Grande do Sul, comprising the Pampa biome, where soybean crops advanced 78.383 hectares over a period of 17 years. There were 14 interviews with cattle ranchers in the municipality. The main research technique used was the semistructured interview with a script of open questions of a qualitative nature. The cattle ranchers interviewed were divided into two distinct groups according to the socioeconomic characteristics and the productive aspects, being Livestock Farmers and, Traditional Ranchers. In general, the results indicate that in the perception of Sojicultural farmers the main change in beef cattle is the reduction of the practice of this activity in favor of soybean crops, considering that the cattle ranchers of this profile consider the return of more satisfactory agricultural activities, integrating livestock farming only when possible. The most significant changes perceived by Traditional Cattle Raisers in beef cattle are the increase in the supply of feed for the animals from the pastures grown in the soybean off season, and the significant increase in income through the cultivation or renting of areas for soybeans perceive the reduction of access to land and the suppression of natural. Nevertheless, the two groups perceive that the main changes in beef cattle in the face of the advance of soybean in the Pampa refer to land use, reduction of activity on natural pastures, suppression of natural fields and especially the monetary return of the two activities. It can be concluded that there is a diversity of conceptions around the advance of soybean cultivation in Pampa. On the one hand, economic aspects have favored the advance of this activity. On the other hand, the threat on the reproduction of natural pastures and reduction of the areas destined to the cattle raising, represent a threat to the traditional activity of the Pampa.

Keywords: Pampa. Livestock. Commodities. Perceptions of cattle ranchers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Mudanças no uso da terra no Rio Grande do Sul (2000-2017).....	23
Gráfico 2 - Evolução da produção de soja e do número de bovinos no Rio Grande do Sul (2000-2017).....	25
Gráfico 3 - Países com os maiores rebanhos de bovinos (2017).....	29
Gráfico 4 - Maiores produtores de carne bovina (2017).....	30
Gráfico 5 - Distribuição dos rebanhos bovinos por regiões no Brasil (2000-2017).....	31
Gráfico 6 - Produção de soja (toneladas) nos países que compreendem o bioma Pampa (2000-2017).....	33
Gráfico 7 - Evolução da produção de soja nos cinco principais países produtores (ton.) (2010-2017).....	34
Gráfico 8 - Participação dos cinco maiores produtores de soja no total produzido (2017).....	34
Gráfico 9 - Participação dos países exportadores de soja no total de exportações (2017).....	35
Gráfico 10 - Participação dos países que mais importam soja (2017).....	35
Gráfico 11 - Evolução da área e quantidade produzida da soja no Brasil (2000-2017).....	38
Gráfico 12 - Uso da terra no Rio Grande do Sul (2000-2017).....	40
Gráfico 13 - Evolução da produção de soja no Rio Grande do Sul (2000-2017).....	40
Figura 1 - Localização do município de Dom Pedrito.....	43
Quadro 1 - Síntese das características produtivas, socioeconômicas e percepções – Pecuaristas Sojicultores.....	52
Figura 2 - Registro de propriedades de Pecuaristas-Lavoureiros Especializados com cultivo de soja irrigada (superior) e colheita de arroz (inferior) com maquinário utilizado para as duas culturas.....	54
Quadro 2 - Síntese das características produtivas, socioeconômicas e percepções – Pecuaristas Tradicionais.....	55
Figura 3 – Atividade com o gado na propriedade de um Pecuarista Tradicional, ao fundo área arrendada para o cultivo de soja.....	56
Gráfico 14 - Mudança no uso da terra em Dom Pedrito (2000-2017).....	79
Figura 4 - Representação do “cercamento” da pecuária pela soja percebido pelos Pecuaristas Tradicionais em Dom Pedrito.....	79
Figura 5 - Área de campo nativo em que houve cultivo da soja.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIEC	– Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes
ABIOVE	– Produtores de Óleos Vegetais
EMATER	– Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	– Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	– Estados Unidos da América
FAO	– Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	– Imposto sobre Circulação de Mercadorias
ILP	– Integração Lavoura Pecuária
MDA	– Ministério do Desenvolvimento Agrário
PIB	– Produto Interno Bruto
PLE	– Pecuarista Sojicultor
PT	– Pecuarista Tradicional
PRONAMP	– Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural
SEBRAE	– Serviço Brasileiro de apoio as micro e Pequenas Empresas
USDA	– Departamento de Agricultura dos Estados Unidos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A BOVINOCULTURA DE CORTE NA OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	15
3	PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CARNE BOVINA E DA SOJA BRASILEIRA	28
4	MÉTODO	42
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO EMPÍRICO: A BOVINOCULTURA DE CORTE E O CRESCIMENTO DAS LAVOURAS DE SOJA NO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS	42
3.2	MÉTODOS DE PESQUISA	46
4.2.1	Da definição dos entrevistados.....	47
4.2.2	Dos instrumentos de coleta de dados.....	49
4.3	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	50
5	TRANSFORMAÇÕES NA BOVINOCULTURA DE CORTE FRENTE AO AVANÇO DAS LAVOURAS DE SOJA: PERCEPÇÕES DE PECUARISTAS DO PAMPA BRASILEIRO	51
5.1	CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	51
5.2	AS TRANSFORMAÇÕES NA BOVINOCULTURA DE CORTE NA PERCEPÇÃO DOS PECUARISTAS SOJICULTORES	57
5.2	AS TRANSFORMAÇÕES NA BOVINOCULTURA DE CORTE NA PERCEPÇÃO DOS PECUARISTAS TRADICIONAIS	70
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA A PECUARISTAS	102
	APÊNDICE B – REGISTROS DO TRABALHO DE CAMPO	105

1 INTRODUÇÃO

Complexas mudanças vêm acontecendo no cenário agrário mundial, impulsionadas principalmente pela dinâmica econômica global. Nesse cenário, há significativo protagonismo da cadeia de grãos baseada em uma agricultura empresarial, implicando em progressiva introdução e ampliação de monoculturas no contexto brasileiro, especialmente a da soja. Esse grão tornou-se uma das *commodities* mais importantes do mundo, servindo de base para a produção de alimentos industrializados, ração animal, combustível e centenas de produtos industriais, explicando a expansão das fronteiras agrícolas e da intensificação da atividade no Brasil.

O rápido e expressivo crescimento das áreas com lavouras de soja vem mudando as paisagens de diferentes contextos do país, a exemplo da área compreendida pelo bioma Pampa, no sul do Rio Grande do Sul, tradicionalmente reconhecido por suas vastas extensões de campos naturais e pela criação pecuária¹ de modo extensivo. Assim, de modo geral, o tema dessa dissertação é a interação entre a atividade pecuária, tradicional atividade produtiva do bioma Pampa, com o crescente avanço de áreas cultivadas com soja. Portanto, as mudanças produtivas em curso no bioma e como pecuaristas têm relacionado suas decisões a isso.

O Pampa é um dos seis biomas terrestres brasileiros e o único que se estende apenas por um só estado, ocupando uma superfície de 178.000 Km², o que representa 63% do território do Rio Grande do Sul e 2,1% do território nacional. A fração brasileira do bioma Pampa é parte de uma extensa região natural que representa 750.000 km² que abrange todo o território uruguaio, o centro leste da Argentina e o extremo sudeste do Paraguai, abrigando uma vida silvestre particular e diversificada, com espécies de plantas e animais que não existem em qualquer outro lugar ou região do planeta, a não ser no Pampa (BENCKE; CHOMENKO; SANT'ANNA, 2016).

Os referidos autores afirmam que desconsiderar a dimensão sociocultural do Pampa impossibilita uma definição fidedigna desse bioma, visto que, o Pampa em toda sua extensão

¹ A terminologia da palavra pecuária que, para este trabalho, consiste na criação e tratamento de gado para diversos fins. Gado, por sua vez, consiste no conjunto de animais (como por exemplo, bovinos, caprinos, ovinos, equinos etc.) criados para prestar serviços, para fornecer leite, lã ou para corte, constituindo rebanhos dessas espécies animais. Tais conceituações estão sustentadas com base no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2017). Assim, pecuária refere-se à criação de distintos animais domésticos. Entretanto, nesse estudo, pecuária refere-se especificamente a bovinocultura de corte e o termo gado pode ser entendido como rebanho bovino.

é o berço do povo gaúcho², cuja cultura e tradições foram construídas sobre os campos nativos de um território de fronteira indeterminada e em estreita associação com a atividade econômica mais antiga na região: a criação extensiva de gado (BENCKE; CHOMENKO; SANT'ANNA, 2016).

A criação extensiva de gado ou pecuária extensiva está presente no sul do estado do Rio Grande do Sul desde meados do século XVII, e durante séculos os criadores de gado do bioma Pampa no Brasil, Uruguai e Argentina combinaram a pecuária a pasto, tendo o sol como principal fonte de energia e o gado como o motor central de reconversão de fibra em proteína, sistema que coexistiu, com relativo sucesso com o solo do Pampa, em muitas áreas vulnerável para a agricultura, mas que têm sido o principal fator produtivo para o desenvolvimento da criação pecuária (PILLAR *et. al*, 2009; BORBA; TRINDADE, 2009; ARBELETICHE; LITRE; HERMES, 2010).

Para a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FOOD AND AGRICULTURE OF THE UNITED NATIONS – FAO, 2018) a pecuária é definida como a criação de animais domesticados terrestres em um ambiente agrícola para fornecer tração ou produzir mercadorias como carne, leite, ovos e peles. A pecuária contribui para diversos sistemas agroalimentares em todo o mundo, desempenhando muitos papéis para diferentes grupos de pessoas.

Em âmbito mundial, a FAO (2018) considera a pecuária altamente versátil, ajudando centenas de milhões de pessoas a sobreviver em áreas marginais, resistir a choques climáticos e adaptar-se às mudanças nas condições climáticas, na medida em que é atividade tradicional e adaptada a diferentes contextos do mundo. A pecuária baseia-se fortemente em recursos naturais, mas também têm potencial para contribuir para a conservação da biodiversidade e recursos genéticos para alimentação e agricultura. Se gerida de forma sustentável, a pecuária pode contribuir para funções importantes do ecossistema, ciclagem de nutrientes, sequestro de carbono orgânico no solo e manutenção de paisagens agrícolas.

Ainda que a importância da atividade pecuária seja reconhecida mundialmente, e as pastagens naturais do Pampa apresentem base alimentar eficiente para a criação de gado, um acelerado processo de transformação produtiva e socioeconômica vem sendo observado na região, provocado principalmente pelo crescimento das áreas de soja e silvicultura. Nesse sentido, Pillar *et al.* (2009) afirmam que o aumento de atividades como culturas anuais e

² A palavra “gaúcho”, inicialmente usada em tom pejorativo, terminou designando os habitantes do Pampa nos quatro países que o integram. No caso brasileiro, o gentílico denomina todos os habitantes do estado do Rio Grande do Sul (ADAUTO, 2016).

silvicultura, invasão de espécies exóticas e uso inadequado do solo contribuem para a redução das áreas pastagens naturais do bioma.

Essas transformações vêm afetando diretamente os pecuaristas. Algumas dessas mudanças podem ser observadas no estudo realizado por Matte (2013) com pecuaristas de corte do Pampa brasileiro, em que a autora mostra um conjunto de situações de vulnerabilidade resultantes também dessas transformações, evidenciando, por exemplo, que a expansão da silvicultura e das lavouras de soja geram situações de vulnerabilidade para os pecuaristas.

Nesse contexto, o preço internacional dos produtos agrícolas tem influenciado sobremaneira as transformações no espaço agrário do bioma Pampa, observado especialmente por meio do avanço do cultivo de áreas com soja, de modo que, o avanço da lavoura de grãos tem se multiplicado com velocidade sobre áreas típicas de criação pecuária. De acordo com Escher (2016) o *boom* da soja no Brasil se deve ao significativo aumento da demanda chinesa e o conseqüente aumento dos preços, e é a contraparte brasileira à reestruturação da indústria de carnes na China para a formação do “complexo soja-carne”.

Nesse cenário, o Rio Grande do Sul é o terceiro estado brasileiro que mais exporta soja, e no primeiro trimestre de 2018 no Porto de Rio Grande a China foi o destino de 2,29 milhões de toneladas em carga, e a soja em grão correspondeu a 87,42% dessa movimentação. Merece destaque a exportação de farelo de soja, que movimentou 563,9 mil toneladas para Eslovênia, Espanha, Japão e Estados Unidos (EXPORTAÇÕES, 2018).

Estudo realizado por Silveira; González; Fonseca (2017) sobre as mudanças no uso da terra no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1990 e 2015, concluiu que a proporção de terras dedicadas ao cultivo da soja cresceu ao longo do período estudado nos dois biomas localizados no estado, Mata Atlântica e Pampa, especialmente após o ano de 2000, período de aumento de preço das *commodities*. Entretanto, no bioma Mata Atlântica, essa ampliação ocorre na fronteira da principal área de produção, enquanto que no bioma Pampa a conversão de pastagem natural em lavoura foi a principal razão do grande incremento na área cultivada (SILVEIRA; GONZÁLEZ; FONSECA, 2017).

Os autores apontam que entre os anos de 2000 e 2013 (período de aumento do preço das *commodities*) um total de 505.162 ha do bioma Mata Atlântica e de 1.192.115 ha do bioma Pampa foram incorporados a produção de soja, ao passo que no mesmo período houve diminuição de 1.092.788 ha de campos naturais do bioma Pampa (MAPBIOMAS, 2018).

Considerando que a região do bioma Pampa oferecia áreas disponíveis para o cultivo da soja por fatores como, por exemplo, estruturas favoráveis ao cultivo do grão oferecidas

pelo plantio de arroz, parcelas de áreas de terra não utilizadas pela atividade pecuária, tecnologia de sementes, entre outros³, a delimitação empírica desse estudo tem como referência a microrregião da Campanha Meridional - RS, região compreendida pelo Pampa brasileiro, haja vista o aumento das áreas cultivadas com soja nas últimas décadas, de forma mais acentuada a partir da década de 2000, impulsionadas principalmente pelo o aumento dos preços das *commodities*.

Não obstante, o desenvolvimento da soja no Pampa gaúcho vem provocando transformações nas dinâmicas produtivas, socioeconômicas, fundiárias e ambientais que envolvem a atividade pecuária representando a versão pampiana da dinâmica global baseada na produção agrícola intensiva, desconsiderando as funções econômicas, ambientais e sociais dos ecossistemas locais (MOREIRA; OPPLERT; MACIEL, 2018).

Dessa forma, ainda que as lavouras de soja tenham avançado no Pampa sob a égide do desenvolvimento econômico e da modernização do rural, de acordo com Kageyama (2008, p. 56) “o desenvolvimento rural, por sua vez, não é identificado como crescimento econômico, mas visto como um processo que envolve múltiplas dimensões: dimensão econômica, dimensão sociocultural, dimensão político-institucional e dimensão ambiental”.

Considerando as dimensões apresentadas por Kageyama (2008) as principais consequências desse processo de substituição de atividades produtivas tradicionais por atividades que atendem interesses econômicos globais tendem a resultar em concentração de renda, contínua perda de identidade cultural e a capacidade de dar continuidade aos sistemas produtivos originais desses ambientes, políticas públicas que favorecem a expansão de projetos desenvolvimentistas e a supressão dos recursos naturais.

Não obstante, no Pampa brasileiro, em especial na microrregião estudada, alguns dos impactos decorrentes dessas reconfigurações indicam para efeitos na dimensão econômica como a concentração de terra e de renda; na dimensão sociocultural a redução da pecuária tradicional de modo extensivo; na dimensão político-institucional pressão à modernização da atividade e; na dimensão ambiental a redução de áreas destinadas à pecuária sobre pastagens naturais, supressão do bioma Pampa e perda da biodiversidade, fatores esses potencialmente capazes de gerar substituição da atividade pecuária de modo extensivo por uma pecuária dependente de pastagens cultivadas.

Diante da contextualização apresentada, o problema de pesquisa é definido com as seguintes questões norteadoras: Frente a um contexto de aumento nas lavouras de soja no

³ Outros fatores serão apresentados e explorados ao longo desse estudo

Pampa brasileiro, quais aspectos produtivos e socioeconômicos influenciam nas escolhas dos pecuaristas, especialmente na dualidade entre expandir a bovinocultura de corte ou dedicar-se ao cultivo do grão? Os pecuaristas de corte percebem mudanças na bovinocultura de corte influenciadas pelo aumento no cultivo da soja?

Assim, o objetivo geral orientador deste estudo consiste em analisar as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa brasileiro. Para tanto, foram definidos três objetivos específicos: 1) Descrever as mudanças nas dinâmicas históricas e produtivas da pecuária e da soja no Pampa brasileiro; 2) Identificar a partir da percepção dos pecuaristas quais as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa brasileiro e; 3) Analisar quais aspectos influenciam nas escolhas dos pecuaristas, especialmente entre investir na bovinocultura de corte ou dedicar-se ao cultivo da soja.

A dissertação está organizada e estruturada em cinco capítulos, incluindo a introdução como primeiro capítulo. O segundo capítulo apresenta o papel da bovinocultura de corte na ocupação e formação do estado do Rio Grande do Sul. O terceiro capítulo apresenta o cenário da produção e comercialização da carne bovina e da soja partindo do nível global até o nível local. O quarto capítulo compreende a apresentação dos procedimentos metodológicos, onde são descritas as etapas metodológicas utilizadas e percorridas no estudo, bem como a caracterização do local do estudo. O quinto capítulo está diretamente ligado ao segundo e ao terceiro objetivos específicos, identificando quais as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa brasileiro vem sendo percebidas pelos pecuaristas e quais aspectos influenciam na escolha dos pecuaristas entre investir na bovinocultura de corte ou dedicar-se ao cultivo da soja. Ainda nesse capítulo são apresentados os fatores que contribuíram para o avanço das lavouras de soja no Pampa brasileiro e quais relações se estabeleceram entre as duas atividades na percepção dos entrevistados. Por fim, nas considerações finais são retomados os principais resultados da pesquisa, assim como, os limites encontrados ao longo deste trabalho e as possibilidades de avanços em estudos futuros.

2 O PAPEL DA BOVINOCULTURA DE CORTE NA OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Mesmo passados quatro séculos desde o início do desenvolvimento da bovinocultura de corte no estado do Rio Grande do Sul, superando diversas crises e estando em constante transformação, o modo de vida constituído a partir da atividade se mantém preservado até os dias de hoje pelos pecuaristas de corte, bem como sua importância na economia gaúcha. Dessa forma, essa seção tem como objetivo explicitar a relevância da bovinocultura de corte na formação do estado do Rio Grande do Sul, apresentando as principais fases e as transformações da atividade no estado.

A extração e a comercialização do couro do gado a solta, ou gado chimarrão, demarcou a primeira fase da pecuária gaúcha, a qual permitiu que o extremo sul brasileiro se tornasse conhecido pela riqueza pecuária (FONTOURA; PIZZATO, 2009; MATTE; NESCKE; ANDREATTA *et al.*, 2016). Assim, a “caça” ao gado bovino xucro abandonado em 1640 pelos jesuítas espanhóis constituiu o fundamento econômico básico de apropriação de terra no estado do Rio Grande do Sul, formando as primeiras estâncias de criação de gado no estado, com animais trazidos da província argentina de Corrientes. De acordo com a historiadora Sandra Pesavento (1985, p. 09), importância referencial nesse tema, “Estes rebanhos abandonados no Pampa e reproduzindo-se a solta formaram uma imensa reserva de gado conhecida como Vacaria del Mar”.

À época, o gado bovino solto era caçado para extrair o couro que seria exportado para Europa por Buenos Aires ou Sacramento, atividade que despertou interesses de diferentes grupos sociais como, por exemplo, portugueses de Sacramento, índios aldeados por Jesuítas, comerciantes argentinos que caçavam os animais com permissão das autoridades espanholas, indivíduos que caçavam por conta própria e vendiam o couro a quem lhes pagasse mais e a instalação de um entreposto da companhia inglesa “*South Sea Company*”, visando os lucros dos negócios do couro, que obtinha direitos exclusivos do comércio com a América do Sul (PESAVENTO, 1985).

Em 1682, os padres jesuítas já haviam retornado ao Rio Grande do Sul fundando os Sete Povos das Missões, estabelecendo junto às reduções as primeiras estâncias de criação de bovinos e, devido a significativa diminuição do rebanho pelo abate dos animais para a extração do couro, a formação de uma nova reserva de gado chamada Vacaria dos Pinhais ou Campos de Vacaria no nordeste do estado. Assim, os Sete Povos tornaram-se importantes centros econômicos baseados na criação de gado bovino e produção de erva-mate.

Praticamente autônomos, pouco a pouco foram se tornando uma ameaça à segurança do absolutismo monárquico dos Estados europeus resultando na expulsão dos jesuítas de Portugal, Espanha e América efetivando o confisco de suas propriedades (CHELOTTI, 2009).

Durante o século XVII, os rebanhos de gado no sul do Brasil assumem relevância como economia subsidiária da economia central de exportação de minério da região das Gerais. Paulistas e lagunistas começaram a descer até o RS para capturar os bovinos xucros (selvagens) e levar os animais até a zona mineira. Todavia, desde o início do século a Vacaria del Mar era percorrida por tropeiros e contrabandistas de gado que visavam abastecer as Gerais (alusão ao estado de Minas Gerais) com animais para o corte (gado em pé) e para o transporte (mulas, que eram criadas em território argentino). Nesse período, o tipo social por excelência era o tropeiro que ao longo de suas viagens marcou a abertura de vias de comunicação do RS com o restante do país, por meio da estrada do litoral e da estrada da serra.

Por volta da terceira década do século XVII, a Coroa portuguesa considerando ser conveniente que o vasto território entre o Prata e a Laguna fosse ocupado e houvesse uma reposição no número de bovinos que vinha diminuindo pela atividade predatória para extração do couro, teve início o processo de distribuição de sesmarias, definindo o estabelecimento das estâncias por meio da posse da terra e do gado. A concessão das sesmarias a militares e tropeiros estimulou a criação do gado tendo em vista que o sesmeiro ao mesmo tempo em que defendia a sua propriedade defendia o território português (PESAVENTO, 1985; FONTOURA; PIZZATO, 2009).

O processo de distribuição de terras sob a forma de sesmarias se deu de forma particular no RS, visto que nas regiões açucareiras e cafeeiras do Brasil o requisito básico para a obtenção das terras era a disponibilidade de recursos por parte dos futuros estancieiros e no RS o requisito básico era a prestação de serviços à Coroa, embora a disponibilidade de recursos não fosse totalmente desconsiderada. Desde a formação das primeiras estâncias era realizada a criação extensiva de gado bovino utilizando como mão de obra os peões, elementos considerados subalternos do antigo bando armado que tropeava o gado, índios egressos das missões e em menor proporção negros escravizados. Nos tempos de guerra estancieiros e peões lutavam lado a lado em defesa do território português, e nos tempos de paz a hierarquia militar se reproduzia na estância (PESAVENTO, 1985; FONTOURA; PIZZATO, 2009).

Ao final do século XVIII houve uma reorientação na pecuária gaúcha, que, de fornecedora de animais para corte e transporte, passa a fornecer charque juntamente com o

trigo para o mercado interno brasileiro. No que tange a produção de trigo, essa se deve à entrada de casais açorianos no estado para povoar a região das Missões, que pelo tratado de Madrid passaram a pertencer a Portugal.

Embora a exportação de trigo fosse expressiva ao final dos anos 1780 representado riqueza para alguns, enfrentava uma série de dificuldades técnicas, de comercialização e um baixo grau de incentivo por parte do governo à época, até que no início do século XVIII a incapacidade técnica de combater a doença da “ferrugem” assolou os trigais gaúchos desestimulando novas plantações. Assim, os açorianos que conseguiram acumular capital com o trigo na época de pujança, posteriormente a diminuição na quantidade de lavouras orientaram seus recursos para a atividade pecuária, que se revelava bem mais lucrativa, visto sua mercantilização por meio do charque (PESAVENTO, 1985; CHELOTTI, 2009).

O desenvolvimento da economia baseada na pecuária por meio do charque se transformou em um significativo polo de atração ao criar um mercado regional para o gado, conferindo um novo valor para a carne e ligando-se a um mercado independente das flutuações da economia nacional, visto que o principal mercado acessado pelo charque era o de alimentos destinados aos escravos.

Internamente, o charque foi capaz de constituir no RS uma camada senhorial enriquecida, sem que se repetisse no sul a aristocratização da sociedade açucareira nordestina visto a baixa capitalização da pecuária gaúcha, tornando os pecuaristas gaúchos bem menos refinados nos hábitos e costumes do que os aristocratas açucareiros, mas que seguiam os mesmos padrões autoritários de mando, exercidos de forma violenta em uma sociedade composta por senhores de terra, gado, charqueadas e escravos (PESAVENTO, 1985).

Assim, de acordo com Andreatta (2009) a estrutura de funcionamento e a organização do trabalho na estância tinha características singulares diante da alternância entre tempos de paz e guerra. Segundo a autora, em tempos de paz as atividades se restringiam aos cuidados com o rebanho, como por exemplo, fazer a contagem e verificar se havia algum extravio de animais, bem como a conferência dos sinais típicos de identificação de propriedade do gado, conhecidos como “marcas”, enquanto que em tempos de guerra os peões se transformavam em bandos armados para defender as causas das estâncias e os interesses da classe proprietária, com exemplar obediência aos estancieiros (ANDREATTA, 2009).

A crescente importância militar culminou na elevação da região à “Capitania do Rio Grande de São Pedro”, em 1760, desvinculada de Santa Catarina, com sede em Rio Grande e subordinada ao Rio de Janeiro, circunstância que não finda as disputas coloniais ibéricas por esse território, provocando uma constante militarização da sociedade gaúcha, visto a

importância das forças irregulares da campanha rio grandense para a defesa da terra (PESAVENTO, 1985).

Em 1777 o tratado de Santo Idelfonso entre as Coroas espanhola e portuguesa permitiu um período de paz, se estendendo até 1801, marcado pelo significativo período de desenvolvimento da economia pecuária sulina baseada no charque fortalecendo os clãs patriarcais. Dada a importância do charque, em 1779 foi instalada uma das primeiras charqueadas, indústrias que posteriormente vão se tornar um marco na economia regional, visto a grande movimentação de capitais em decorrência da compra e venda do gado permitindo o desenvolvimento de um centro comercial e financeiro, que girava em torno das charqueadas e suas respectivas atividades (ANDREATTA, 2009, p. 68)

De acordo com a autora as disputas políticas e comerciais em torno da cadeia produtiva do charque se acirraram entre os segmentos produtivos do Rio Grande do Sul e os países vizinhos do Prata e principalmente com o Governo Central Brasileiro, descontentamento esse considerado um dos principais motivos da Revolução Farroupilha (1835-1845). Após a Revolução Farroupilha a economia pecuária gaúcha foi beneficiada pelos acordos econômicos entre o governo central e a província bem como pelos conflitos recorrentes no Prata tendo em vista que durante o período de confronto o gado uruguaio foi contrabandeado para as charqueadas sulinas, sendo alvo das chamadas “califórnia” promovidas por estancieiros gaúchos.

As diferenças no tratamento oferecido à pecuária por parte dos governos centrais do Brasil e do Prata promoveu um entrave tecnológico para a pecuária gaúcha, tendo em vista que a partir de 1860, o saladeiro platino passou a experimentar uma série de inovações configurando as charqueadas em verdadeiras empresas capitalistas, empregando mão de obra assalariada, e não mais escrava, intensificando a divisão social do trabalho com funcionários sendo contratados de acordo com as necessidades da empresa e executando tarefas cada vez mais especializadas. Ainda, no que tange a matéria prima da atividade saladeril, houve uma intensificação do aproveitamento do boi, diversificando a gama de subprodutos, como o couro salgado e seco, a graxa, o sebo, o sangue e o esterco (PESAVENTO, 1985).

No que se refere às questões de infraestrutura da economia do charque, a autora destaca as melhorias sanitárias, o aparelhamento dos portos, a construção de vias férreas e a intensa propaganda publicitária dos produtos uruguaio na Europa fatores que contribuíram para o incremento de produtividade das charqueadas possibilitando a inserção no mercado interno brasileiro de um charque mais barato que o produto produzido no Rio Grande do Sul,

que era contingenciado pelo fato de a economia estar subordinada ao interesse do centro do país em baratear o produto.

Entretanto, de acordo com Pesavento (1985) a charqueada sulina, tal como estava constituída, apresentava um grande descompasso tecnológico diante dos processos mais modernos de conservação da carne, utilizados na mesma época no Prata: os frigoríficos. Não obstante, a instalação das primeiras indústrias no Rio Grande do Sul, somente no início do século XX, pode ser considerada tardia em relação ao Uruguai e a Argentina que tiveram as primeiras instalações frigoríficas ainda no século XIX. Esse atraso está vinculado à aspectos de cunho técnico-produtivo relacionado a qualidade do rebanho do riograndense, e político associado ao debate da implementação de indústrias utilizando capital nacional. A entrada de dois grupos estrangeiros de frigoríficos no estado e a alta demanda por carne provocada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial representaram grande impulso para o desenvolvimento da pecuária gaúcha, principalmente no que se refere a renovação tecnológica da atividade (PESAVENTO, 1985).

Neste cenário, a instalação das empresas estrangeiras as principais vantagens para o setor pecuário foram uma maior valorização do rebanho bovino promovendo impulso ao seu melhoramento e as formas de criação e um aproveitamento também do rebanho ovino gaúcho. Entretanto, ao final da guerra houve uma significativa diminuição do consumo de carnes na Europa gerando uma profunda crise nos frigoríficos estrangeiros que produziam em larga escala e a nível mundial e conseqüentemente reduzindo o número de abate de animais e baixando o preço do gado. Assim, diante de um contexto desfavorável, os frigoríficos estrangeiros que tinham o controle absoluto do setor mais dinâmico da indústria da pecuária e as estruturas das charqueadas em permanente crise baixavam os preços pagos aos produtores, provocando uma dupla pressão aos pecuaristas, o que levou a implementação de medidas redutoras de custos de produção, como por exemplo, melhoramento genético e de recursos forrageiros voltados para atender as indústrias frigoríficas foram reduzidos ou descontinuados (PESAVENTO, 1985; ANDREATTA, 2009).

Ainda que não tenha havido uma inovação sistemática das técnicas de produção pecuária tais como, manejo de rebanho e recursos forrageiros e uma padronização do gado, as experiências realizadas à época da implementação dos frigoríficos se refletem até hoje nos índices técnico-produtivos da atividade pecuária gaúcha, permitindo diferenciar as unidades de produção e/ou os pecuaristas entre tradicionais e empresariais, ainda que até a atualidade predominem as unidades pecuárias nos moldes da bovinocultura praticada no século XIX (ANDREATTA, 2009).

Na região da Campanha gaúcha é verificada uma maior incidência de unidades pecuárias aos moldes do século XIX, também considerada uma pecuária tradicional, tendo em vista as diferenças na ocupação do território rio-grandense, dada a entrada de imigrantes alemães e italianos no século XIX nas regiões norte e nordeste do Rio Grande do Sul praticando a policultura em pequenas propriedades rurais enquanto no sul do estado a pecuária permaneceu como atividade principal (ANDREATTA, 2009; CHELOTTI, 2009).

Dessa forma, durante o processo de modernização da agricultura os agricultores do Rio Grande do Sul, principalmente de trigo e de arroz, foram beneficiados sobremaneira com os recursos e políticas públicas disponibilizados pelo Estado brasileiro. Durante o período de 1965 a 1979, diante do acelerado processo de industrialização havia necessidade de uma agricultura capitalista, culminando em uma série de investimentos em infraestrutura e transporte e um conjunto de medidas para alavancar a agricultura visando a modernização do campo (ANDREATTA, 2009). Ao passo que o Estado financiava a modernização da agricultura gaúcha, aumentava o número de frigoríficos nacionais, principalmente, para atender a demanda de carne bovina e seus derivados pelos Estados Unidos e Europa (MIELITZ NETTO, 1994 apud ANDREATTA, 2009).

Na década de 1970 e 1980 o Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária (CONDEPE) coordenou o mais importante programa direcionado à atividade, e tinha como objetivo melhorar a produtividade da bovinocultura e ovinocultura em parte do território nacional e o Rio Grande do Sul e os estados do Centro-Oeste foram os estados onde as ações foram mais efetivas dada a importância da pecuária na época. Entretanto, os incentivos por parte do Estado para a modernização rural, principalmente por meio de oferta de crédito e de programas que visavam aumentar a produtividade dos sistemas pecuários não foram suficientes para modernizar a pecuária gaúcha, que na época encontrava-se tecnicamente atrasada por não ter sido capaz de estabelecer vínculo significativo com a indústria à montante e a jusante diferentemente das atividades das lavouras (ANDREATTA, 2009).

Assim, de acordo com a autora, em um contexto onde grande parte dos estancieiros não dominavam os instrumentos de crédito, o investimento na agricultura gerava incerteza e o desconhecimento de técnicas de melhoramento dos rebanhos e das pastagens impedia um melhor desempenho na atividade, passa a ocorrer a expansão da agricultura mecanizada sobre as áreas de pecuária, e esta vai se dar sob a forma de arrendamento. Não obstante, “na região Central e Campanha, a lavoura do arroz vinha sendo implementada e, sob a égide da modernização, se expande sobre as áreas de campo” (ANDREATTA, 2009, p. 74).

Nesse sentido, Alves e Bezzi (2013) apontam a inserção da lavoura de arroz na microrregião da Campanha como o marco de um processo denominado “despecuarização espacial” definido pelas autoras como a cedência de parte da área de terra do latifúndio pastoril à agricultura. Porém, “esta dinâmica só foi possível através da inserção da lavoura empresarial altamente mecanizada e competitiva no mercado interno e externo, imprescindível para que se viabilizasse seu desenvolvimento, uma vez que, na sua maioria, as lavouras são realizadas via arrendamento de terras da pecuária” (ALVES; BEZZI, 2013, p. 19). Corroborando com as autoras, Andreatta (2009) aponta que desde a década de 1950 o crescimento de atividades relacionadas ao binômio trigo-soja vinha provocando transformações na região do Planalto, visto o avanço desse cultivo sobre algumas áreas de pecuária na referida região.

Alves e Bezzi (2013) ressaltam a consolidação da soja no ano de 1985, alicerçada na modernização da agricultura no Centro-Norte e Noroeste gaúcho, ocupando algumas áreas que um dia foram tradicionalmente destinadas à pecuária na região das Missões. As autoras destacam o arrendamento de terras como um fator decisivo para a expansão de uma agricultura empresarial, que por meio da modernização ofereceu retorno financeiro a um prazo mais curto se comparado à pecuária, em razão de a agricultura necessitar de menor tempo para ter seu produto final, conseqüentemente o lucro mais rápido e mais significativo (ALVES; BEZZI, 2013).

Ao passo que essas transformações vinham acontecendo no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1990 a bovinocultura de corte brasileira passou por um processo de profissionalização da atividade com significativas alterações na sua produção e produtividade. De acordo com Barcellos *et al.* (2004) novas tecnologias de produção foram consolidadas e difundidas aos sistemas produtivos, como por exemplo, suplementação estratégica, o semiconfinamento, o uso das misturas múltiplas, os cruzamentos, novas variedades forrageiras entre outras, permitiram encurtar o ciclo de produção, bem como a incorporação de métodos de gestão tecnológica, agora integrados com os aspectos relacionados aos custos e as margens econômicas.

Assim, a pecuária de corte tornou-se um dos protagonistas do agronegócio brasileiro, permitindo ao Brasil se tornar, ao final de 2003, um dos maiores exportadores de carne bovina (BARCELLOS *et al.*, 2004). Segundo os autores, ainda que a intensificação dos sistemas tenha contribuído para uma melhor gestão dos processos, com destaque para o melhoramento na alimentação dos animais, o conceito do uso de suplementos, e uma série de princípios incorporados às bases produtivas, estes processos tecnológicos foram viáveis quando os

preços dos grãos e dos resíduos agrícolas estavam enfrentando uma fase de baixa constituindo-se numa das principais estratégias de curto e médio prazo para melhorar a eficiência dentro da porteira.

Porém, significativas mudanças no cenário internacional como o crescimento da demanda por parte dos países asiáticos e ao mesmo tempo, a substituição do consumo de carne bovina pela carne de frango devido ao estabelecimento de normas de garantia dos alimentos pela Europa, principalmente para a carne bovina repercutiu fortemente nos preços agrícolas no mercado internacional. Conseqüentemente houve uma queda nos preços globais pagos pela carne. Esses fenômenos contribuíram para o crescimento na demanda por proteína vegetal e para alta dos preços da soja (BARCELLOS *et al.*, 2004).

De acordo com os autores, diante dessa mudança conjuntural com insumos mais caros em relação aos preços pagos boi gordo, os sistemas de produção ficaram vulneráveis. Todavia, os pecuaristas que intensificaram o seu sistema pecuário sustentado pela lavoura, o impacto foi minimizado, tendo em vista que a alta no preço dos grãos compensou os prejuízos gerados pela bovinocultura de corte. O mesmo não aconteceu nos sistemas pecuários onde a pecuária de corte era atividade principal, onde o aumento dos custos da tecnologia intensificadora provocou o empobrecimento dos pecuaristas.

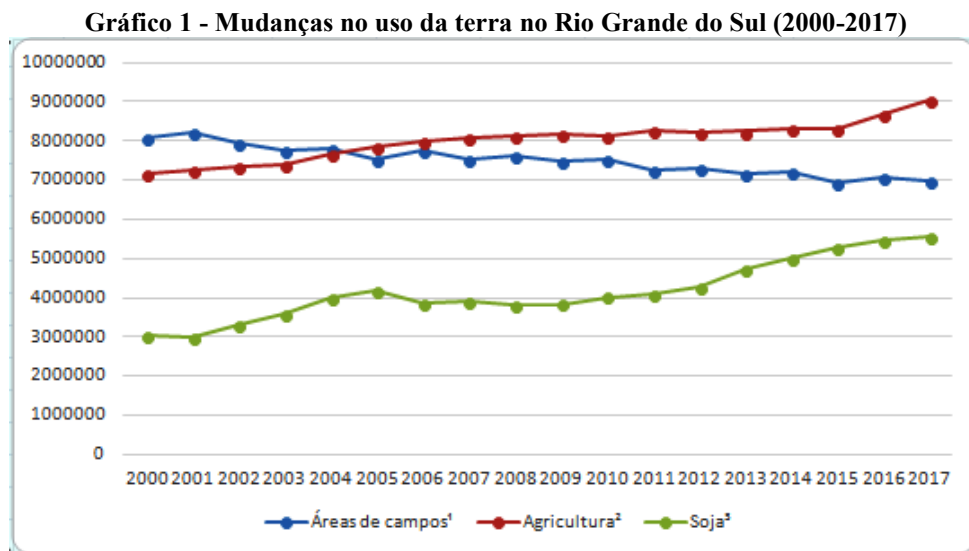
Barcellos *et al.* (2004, p. 7) destacam que “esta nova ordem conjuntural configurou a chamada agriculturização do sul do Brasil” baseada na integração com a lavoura, seja pelo próprio pecuarista com alguma vocação agrícola, pela ampliação de áreas cultivadas por aqueles que já praticavam com terceiros alguma lavoura e ainda a possibilidade de arrendamentos de terras para agricultores que migraram para regiões marginais com terras a preços mais acessíveis.

Entende-se neste trabalho a despecuarização e a agriculturização no Rio Grande do Sul como processos contemporâneos de transformações no espaço agrário gaúcho, principalmente no que tange ao uso da terra e conseqüentemente na bovinocultura de corte. Embora a ocorrência desses processos possa ser observada em todo o estado, eles acontecem em diferentes períodos nos biomas Mata Atlântica e Pampa gaúchos. No que se refere ao bioma Pampa, a despecuarização e agriculturização deste território, hoje, está materializada na soja.

Desta maneira, Silveira; González; Fonseca (2017) aponta para um total de 505.162ha do bioma Mata Atlântica e de 1.192.11ha do bioma Pampa incorporados à produção de soja entre os anos de 2000 a 2013, período de aumento de preços das commodities, o dobro da área registrada no bioma Mata Atlântica. Logo, no início do século XXI, para aumentar a produção de soja no Pampa, eram necessárias mudanças a fim de superar limites físicos e sociais. As

principais mudanças identificadas por Pizzato (2013) foram: A presença de técnicas que transpusessem a presença de algumas classes de solos, até então pouco visadas para a prática agrícola; a busca por terras com preços mais acessíveis; a seleção de cultivares cada vez mais adaptadas à região e; a substituição do modelo pecuarista pelo arrendamento e o aparecimento de novos atores determinados a investir nesta nova fronteira agrícola.

Dessa forma, as áreas destinadas ao cultivo de soja no Rio Grande do Sul cresceram em 82,9%, ao passo que as áreas de pastagens naturais, geralmente destinadas à alimentação dos animais, reduziram em 13,5%, para o período compreendido entre 2000 e 2017. Não obstante, no mesmo período, as áreas destinadas à agricultura apresentaram crescimento de 26,5% como ilustra o gráfico abaixo, indicando uma possível substituição de áreas antes destinadas exclusivamente à atividade pecuária por lavouras de soja.



Fonte: Elaborado pela autora com base em MapBiomias (2019), IBGE/PAM (2019)

Nesse sentido, estudo realizado por Piccin (2016) no município de São Gabriel localizado na microrregião da Campanha Central aponta que ao final dos anos 1990 início dos anos 2000, diante da baixa no preço dos bovinos, as lavouras tanto de arroz quanto de soja passaram a ter maior importância na formação de receita líquida das estâncias, por meio de arrendamentos para terceiros, pelas plantações por conta própria dos estancieiros ou pela necessidade de incrementar as pastagens para o gado. Antes disso, o gado bovino de corte não era somente considerado o negócio mais lucrativo, como também o mais seguro.

O autor destaca o gado bovino como principal gerador de receita líquida para os estancieiros, tendo em vista que até meados da década de 1970 somente a venda da lã de ovinos cobria todos os custos monetários necessários dos sistemas pecuários. No entanto, a queda nos preços da lã e dos bovinos aumentou a pressão por novas alternativas para gerar

receitas, pois agora a “vaca não paga mais a conta” e é necessário “aumentar a agricultura”, para complementar o orçamento doméstico, ou seja, aumentar as áreas destinadas às lavouras comerciais (PICCIN, 2016).

Em linhas gerais, as principais estratégias adotadas pelos estancieiros frente aos períodos de crise na pecuária, é vender os ativos fundiários e se estabelecer em empregos urbanos ou aumentar as áreas de lavouras, seja pelo arrendamento ou pelo cultivo próprio. Nesse cenário houve reconfiguração nas relações de poder entre os donos da terra e os arrendatários diante da necessidade de aumentar as áreas de lavoura, se tornando o estancieiro mais dependente da renda proveniente do aluguel de terras e/ou da pastagem barata para o período do inverno.

Entretanto, os significados dessas alterações no espaço social ultrapassam o fato de que aumenta a disponibilidade de área para arrendamento, pois as trajetórias descendentes dos estancieiros estão na proporção inversa às trajetórias ascendentes dos agricultores que iniciaram como pequenos arrendatários no início da segunda metade do século XX e se tornam proprietários (PICCIN, 2016, p. 159).

Diante desse contexto, embora a pecuária na região da Campanha tenha sido considerada, durante muitas décadas um sinônimo de senhores de terra e grandes latifúndios improdutivos, desconsiderando a necessidade de maiores áreas de terra para a criação de gado de corte e a relação da atividade com o território, fica evidente que a bovinocultura de corte foi fundamental não apenas para fins econômicos, mas também foi fundamento básico na formação de importantes categorias sociais do Rio Grande do Sul, como os estancieiros, e embora invisibilizados por muitas décadas, os pecuaristas familiares.

Os pecuaristas familiares vêm recebendo o devido reconhecimento e valorização como categoria social que sempre esteve presente nesse contexto. O pecuarista familiar⁴ é um tipo de agricultor familiar que tem como principal atividade a bovinocultura de corte de modo extensivo, utiliza majoritariamente mão de obra familiar, a maior parte da renda é originada da atividade agrícola e possui áreas de até 300 ha (RIBEIRO, 2016).

Em sua essência, o pecuarista familiar tem como tradição a criação de animais, detendo domínio e conhecimento sobre essa prática, como tem sido reconhecido por um conjunto de estudos desenvolvidos com essa categoria social (WAQUIL *et al.*, 2016). A exemplo, está o lançamento, em 2016, do livro “Pecuária Familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento”, que reúne o conjunto de estudos

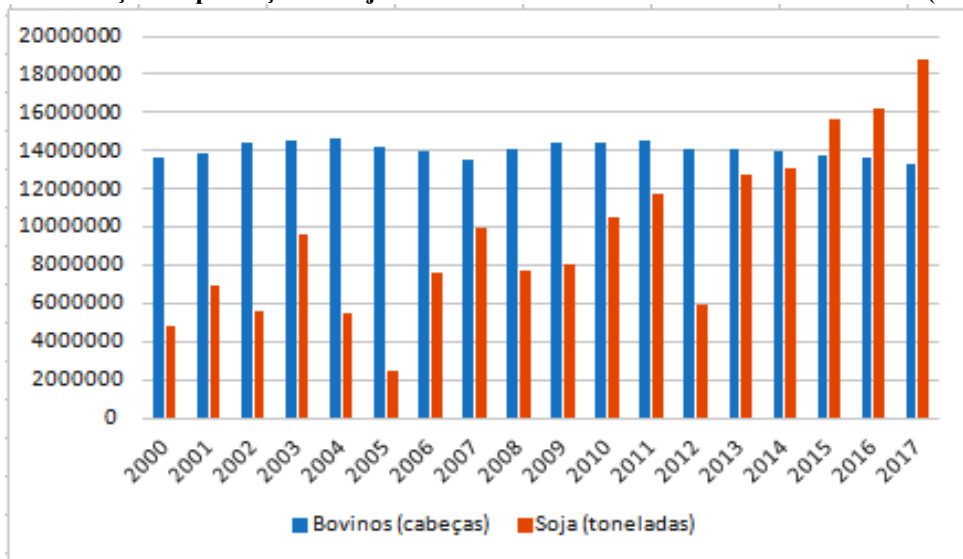
⁴ Ver mais Ribeiro (2009)

desenvolvidos sobre essa categoria social na última década e meia, desvelando suas condições de vida e caracterizando-a como um ator social diferenciado étnica e culturalmente, ligado a um conjunto de fenômenos históricos (WAQUIL *et al.*, 2016)

Dessa forma, estancieiros e pecuaristas familiares representam as categorias sociais tradicionais do Pampa, e em maior ou menor grau, esses atores mantêm vivo um modo de vida associado à pecuária tradicional, contribuindo para a manutenção dessa atividade e consequentemente a conservação das pastagens naturais do bioma.

Embora sejam registradas mudanças no uso da terra, o efetivo do gado bovino não diminuiu de forma significativa no RS, indicando intensificação nos sistemas de produção. Porém, a partir do ano de 2013, verifica-se expressivo aumento nos índices de produtividade da soja ao passo que o número de bovinos apresenta leve redução, como ilustrado no gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Evolução da produção de soja e do número de bovinos no Rio Grande do Sul (2000-2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE/PPM (2019)

Dessa forma, a pecuária continua sendo uma das atividades mais representativas em termos econômicos no estado, juntamente com agricultura. De acordo com FEIX; JÚNIOR; AGRANONIK (2017) no primeiro semestre de 2017, as exportações do agronegócio gaúcho somaram US\$ 5,2 bilhões. Em valores comercializados os principais setores exportadores foram o complexo soja, alcançando um valor de US\$ 2,6 bilhões, carnes⁵ US\$ 962,1 milhões; fumo e seus produtos US\$ 467,6 milhões e produtos florestais US\$ 328,5 milhões. No ano anterior as exportações gaúchas do agronegócio tiveram como destino 173 países mais a

⁵ Carne de frango, suína, bovina, carne de peru e demais carnes, muidezas e preparações

União Europeia. A China foi o principal destino das exportações gaúchas, constituídas principalmente de produtos do complexo soja que representam 80,1% do total. Além da China e União Europeia, os maiores volumes de exportação do agronegócio gaúcho são destinados ao Irã, Coreia do Sul e Rússia. A bovinocultura de corte representou apenas 17,4% das exportações do agronegócio gaúcho, totalizando 11% das vendas externas do Estado (FEIX; JÚNIOR; AGRANONIK, 2017).

Diante da importância econômica e social da bovinocultura de corte para o estado do Rio Grande do Sul, estudos tem apontado a existência de vasta diversidade de sistemas produtivos e perfis de pecuaristas presentes nesse setor, como por exemplo, Andreatta (2009) que analisa as relações entre o perfil socioeconômico dos pecuaristas criadores de bovinos no Rio Grande do Sul, as possibilidades referentes ao uso dos recursos produtivos e as características das regiões em que eles estão localizados.

Andreatta (2009) identificou quatro grandes grupos de pecuaristas criadores de bovinos no estado do Rio Grande do Sul. Os perfis socioeconômicos dos pecuaristas foram definidos com base no uso dos recursos produtivos e nas características da região onde estão inseridos. Os dois primeiros perfis foram denominados Pecuaristas Estacionários e Pecuaristas Consolidados, respectivamente. Nestes dois perfis, a atividade agrícola principal é a bovinocultura de corte e o sistema de criação predominante é do tipo cria e ciclo completo. As rendas não agrícolas e externas, principalmente o arrendamento contribuem significativamente na composição da renda total dos estabelecimentos (ANDREATTA, 2009).

O terceiro e quarto perfil denominados Pecuaristas-Lavoureiros Especializados e Pecuaristas Lavoureiros Convencionais desenvolvem a bovinocultura de corte conjuntamente com o cultivo de lavouras anuais. O sistema de criação é predominantemente do tipo ciclo completo e o de recria/terminação. Esses dois perfis registraram melhores índices de renda e produtividade em relação a bovinocultura de corte e às atividades de lavouras, em larga medida influenciados pela utilização de pastagens cultivadas em alternância com as lavouras. Ademais, os referidos grupos possuem os melhores níveis de escolaridade e inserção social (ANDREATTA, 2009).

No que tange a distribuição dos perfis de pecuaristas por regiões do estado, nas regiões do Planalto, Planície Costeira Norte e Planície Costeira Sul predominavam os Pecuaristas - Lavoureiros Especializados, Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais e Pecuaristas Consolidados. Nas regiões da Campanha Meridional, Campanha Sudoeste, Depressão Central Oeste e Missões predominantemente encontravam-se os Pecuaristas Estacionários e os Pecuaristas Consolidados. E nas regiões da Encosta do Nordeste, Depressão Central Leste,

Campos de Cima da Serra e Vale do Alto Uruguai a autora identificou uma expressiva quantidade de Pecuaristas Estacionários (ANDREATTA, 2009).

Dessa forma, percebe-se maior predominância de Pecuaristas-Lavoureiros Especializados e Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais na metade norte do RS, enquanto que na metade sul (bioma Pampa) a predominância era de Pecuaristas Estacionários e Pecuaristas Consolidados. Porém, a autora ressalta que a distribuição dos estabelecimentos no espaço agrário do RS não se limita à tradicional regionalização, Norte Agrícola e Sul Pecuário.

Essa visão reducionista do estado entre Norte Agrícola e Sul Pecuário a que a autora se refere, está ainda mais defasada passados 10 anos da realização de sua pesquisa, considerando o avanço da fronteira agrícola em busca de áreas maiores de terras para a realização de cultivos agrícolas, especialmente, arroz e soja, por parte, principalmente, de Pecuaristas-Lavoureiros Especializados e Pecuaristas-Lavoureiros Convencionais para a metade sul, onde se localiza o bioma Pampa.

Destarte, este capítulo versou sobre a importância da bovinocultura de corte como atividade econômica e na formação cultural do Rio Grande do Sul, suas principais fases e transformações, e a diversidade de perfis de pecuaristas presentes no espaço agrário gaúcho, bem como buscou descrever as mudanças nas dinâmicas históricas e produtivas da pecuária e da soja no Pampa brasileiro, que fazem parte de um movimento global de transformações na produção de carne e soja.

Não obstante, faz-se necessário apresentar o contexto internacional da produção e comercialização da carne bovina e da soja e o lugar do Brasil nesse cenário, bem como do estado do Rio Grande do Sul. Assim, o próximo capítulo versa sobre a importância do Brasil enquanto grande produtor e fornecedor de carne bovina e de soja.

3 PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CARNE BOVINA E DA SOJA BRASILEIRA

Conforme Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2018) o termo pecuária designa animais terrestres domesticados e criados em ambientes agrícolas com o objetivo de fornecer tração e produzir mercadorias como leite, carne, ovos e peles, contribuindo direta ou indiretamente com diversos sistemas agroalimentares em todo o mundo. Para além da relação direta com os animais, possui relação com a produção de grãos e com o cultivo e manutenção de pastagens naturais, desempenhando múltiplos papéis para diferentes grupos de pessoas (FAO, 2018).

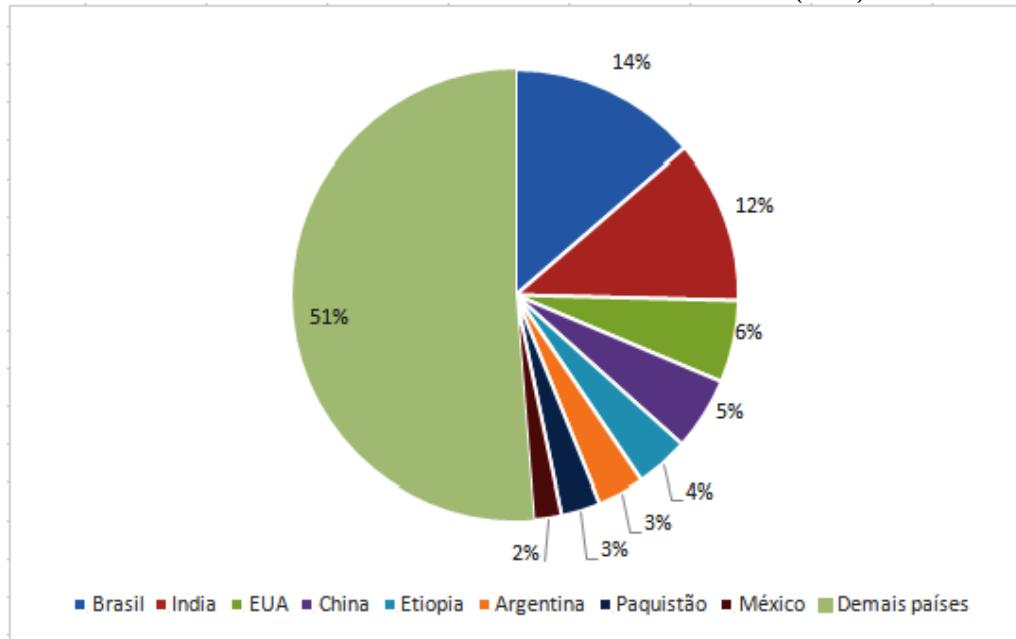
Praticado principalmente por pequenos produtores, os sistemas pecuários são responsáveis pela subsistência de cerca de 70% dos 880 milhões de pobres que vivem em áreas rurais de diversas regiões do planeta, dessa forma a atividade pecuária é a atividade que ocupa maior área de terras agrícolas no mundo (FAO, 2018). Do ponto de vista da sustentabilidade do setor pecuário global, existem quatro aspectos importantes e inter-relacionados: segurança alimentar e nutricional; meios de subsistência e crescimento; saúde e bem-estar animal, clima e uso dos recursos naturais (FAO, 2018). Nesse sentido, para além dos aspectos biológicos e/ou técnicos produtivos, nos quais as definições são primeiramente elaboradas, mais recentemente os sistemas de produção pecuários passaram a ser interpretados à luz dos elementos sociais, culturais e ambientais.

Com vistas a apontar a relação sistêmica entre fatores sociais, econômicos e ambientais que compõem a pecuária atualmente, surgem controversos debates sobre esse tema. Ao analisar os sistemas de produção pecuária frente ao denominado “modelo agroalimentar dominante”, Thornton (2010) apresenta panorama que caracteriza a produção pecuária como o subsetor que mais cresce nos países em desenvolvimento marcadamente pelo aumento na demanda por estes e pela estagnação produtiva nos países desenvolvidos.

Dentre as tendências apontadas por Thornton (2010), o processo de urbanização e crescimento econômico marcam a crescente demanda mundial por produtos de origem animal, acompanhada pela intensificação da produção pecuária caracterizada pela produção industrial. Explicitamente ancorado no avanço da ciência e da tecnologia, genética e formas de alimentação animal, acarretando em maior competição por recursos (terra, água e energia) refletindo em impactos diretos nos problemas de mudanças climáticas e questões socioculturais.

Tal propensão ao modelo de pecuária industrial pode ser observada em países como o Brasil, o qual detém atualmente o maior rebanho comercial do mundo e ocupa a segunda posição no ranking de exportação de carne bovina, desde 2004, comercializando com aproximadamente 140 países. Com um rebanho de aproximadamente 214 milhões de cabeças, o Brasil concentra 14% do total do efetivo mundial de bovinos (FAOSTAT, 2019).

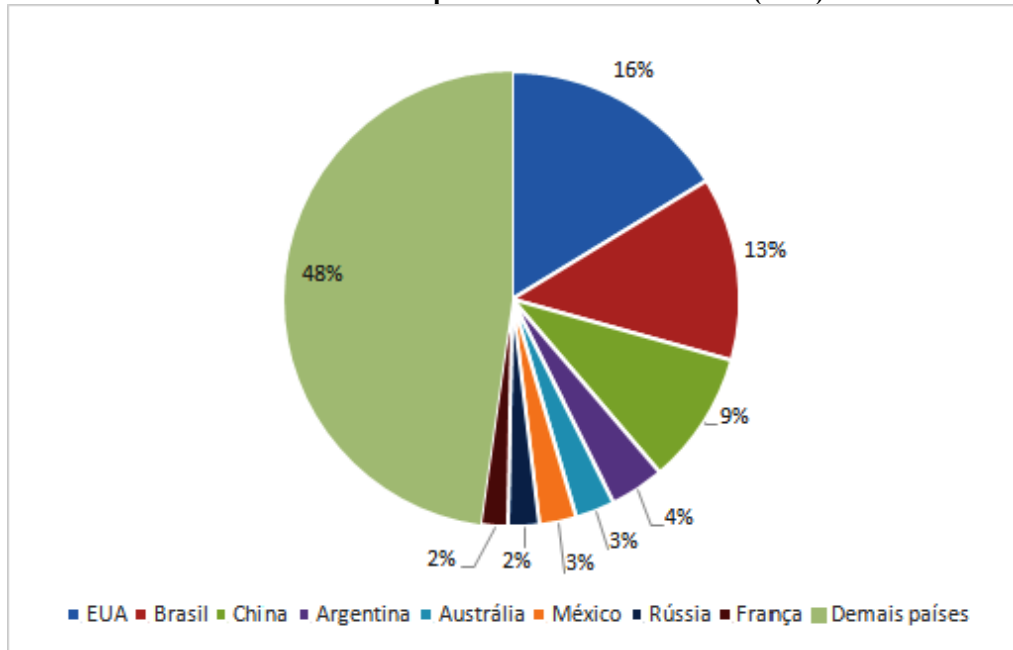
Gráfico 3 - Países com os maiores rebanhos de bovinos (2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019b)

Com o maior rebanho comercial bovino, o Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina, responsável por 13% da produção mundial, ficando atrás apenas dos EUA responsável por 16% do total produzido de carne bovina no mundo. De acordo com a ABIEC (2018), a pecuária de corte movimentou R\$ 523,25 bilhões em 2017, no Brasil. O número representa um crescimento de 3,6% em relação aos R\$ 504 bilhões somados em 2016. Em quase uma década, o montante gerado pela cadeia produtiva da pecuária de corte aumentou mais de 80%, incluindo desde os insumos utilizados na produção do gado, passando pelo faturamento da venda dos animais, até o total comercializado pelas indústrias e varejo (ABIEC, 2018).

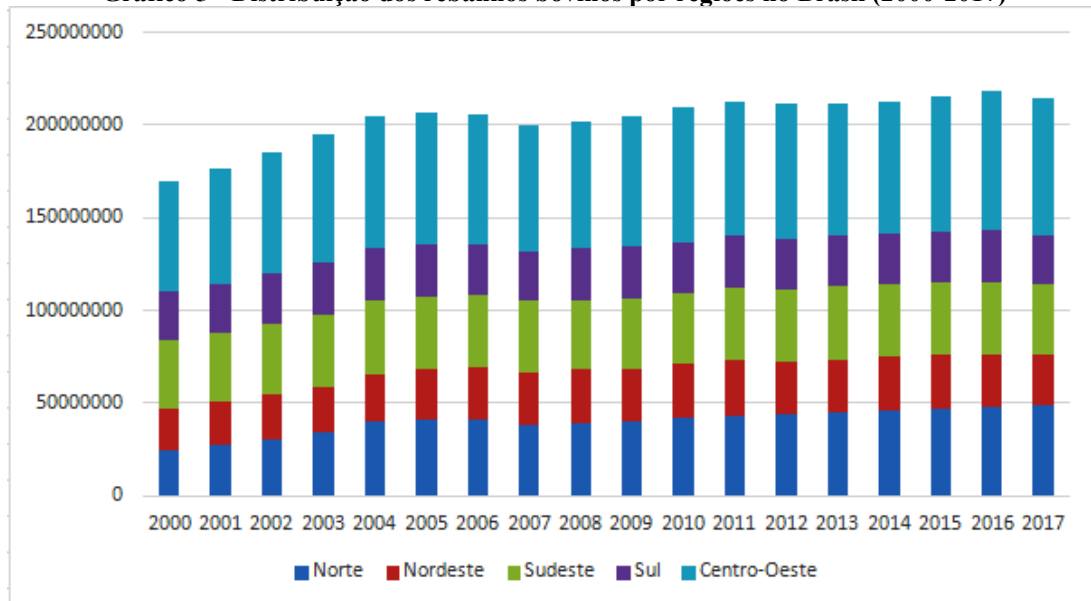
Gráfico 4 - Maiores produtores de carne bovina (2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019)

O crescimento da participação brasileira no mercado internacional da carne bovina teve início nos anos 1990 em função principalmente da profissionalização da atividade, rígido controle de doenças, baixo custo, qualidade do produto, desvalorização cambial e a ampliação das fronteiras agrícolas no Centro-oeste e no Norte do país. Nessas regiões, a expansão do efetivo bovino foi impulsionada pelos novos cultivares de gramíneas mais produtivas associadas à melhoria genética e os manejos sanitários do rebanho e do pastejo (BARCELLOS *et al.*, 2004; FILHO, 2007).

Gráfico 5 - Distribuição dos rebanhos bovinos por regiões no Brasil (2000-2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE/PPM (2019)

Entretanto, essa significativa expansão da bovinocultura de corte para a região Norte, por exemplo, fomentou o debate brasileiro dos impactos ambientais gerados pela atividade pecuária. Nas últimas três décadas, o surgimento da questão ambiental em todo o mundo levou a uma espécie de “demonização” da pecuária, inicialmente localizada e depois globalizada, principalmente destacando suas emissões de gases de efeito estufa com alto impacto nas mudanças climáticas, a destruição da biodiversidade, caso da Amazônia e os conflitos sociais que a pecuária pode gerar, particularmente em termos de marginalização e exclusão social dos mais fracos, especialmente no caso da América do Sul (STEINFELD *et al.*, 2006; WOOD, 2015; MORALES *et al.*, 2016).

Os sistemas pecuários, resultantes dos processos de modernização dos sistemas agroalimentares, também recebem críticas quanto aos impactos ambientais gerados direta e indiretamente. Uma das publicações que retrata com ênfase tais impactos trata-se da “Livestock Long Shadow” (STEINFELD *et al.*, 2006), na qual são relacionados problemas como aumento da emissão de gases de efeito estufa e a degradação das terras utilizadas para a produção pecuária. Por outro lado, publicado posteriormente pela mesma instituição responsável pelo documento supracitado (FAO), dois relatórios esclarecem que os impactos ambientais são sobremaneira mitigados pelos sistemas extensivos de produção, os quais contribuem para o desenvolvimento local, segurança alimentar das comunidades rurais e para

a preservação de diversos ecossistemas naturais e antrópicos (FAO, 2011; GERBER *et al.*, 2013).

Porém, a FAO (2018) divulgou recentemente, um relatório enfatizando a importância da pecuária na América Latina e no Caribe, onde a atividade participa com 46% do Produto Interno Bruto Agropecuário e crescimento de 3,7% superior a taxa global. Além de relatar a expansão da pecuária, a publicação aponta para a pecuária como a estratégia econômica, social e cultural para manutenção do bem estar nas comunidades rurais (FAO, 2018).

Os campos naturais, anteriormente considerados como “natureza”, em particular devido ao seu desenvolvimento pela pecuária, sofreram com essas críticas, caso principalmente do bioma Pampa, tanto na Argentina e no Uruguai como no Brasil. E até hoje os próprios pecuaristas gaúchos e os atores locais envolvidos na atividade pecuária não entendem bem como esse conjunto de fatores levaram a fazer da pecuária extensiva um dos vilões da exploração agrária no mundo rural, embora reconheçam as vantagens produtivas, ambientais e econômicas de um manejo adequado e da conservação dos campos naturais do Pampa (MOREIRA; OPPLERT; MACIEL, 2018; SARMENTO; MACEDO; RAMBORGGER, 2018; BORBA; TRINDADE, 2009).

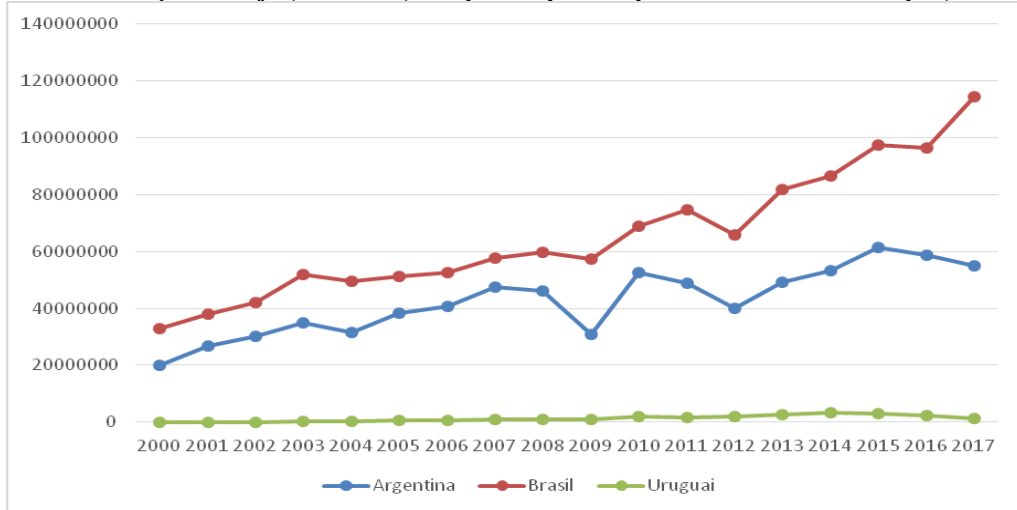
O manejo e a conservação dos campos naturais da região do Pampa tem especial relevância ecológica, produtiva e econômica em nível global, considerando que neste ecossistema os animais são produzidos em sistemas baseados em pastagens naturais. Dessa forma, o valor deste ecossistema não fica restrito apenas ao fornecimento de lã, carne e forragens, bem como no suprimento dos serviços ecossistêmicos (SARMENTO; MACEDO; RAMBORGGER, 2018; PILLAR *et al.*, 2009).

Entretanto, nas últimas décadas os campos naturais em qualquer região do mundo atraem investidores que buscam espaço para produzir, um investimento que concorre muitas vezes, com atividades pré-existentes, principalmente a pecuária extensiva. Na linha de frente das atividades agrícolas mais visadas pelos investidores estão a soja no Pampa, a cevada/trigo e a canola na Grande Pradera do Oeste canadense e estadunidense, o amendoim no Sahel na África do Oeste, ou frente à irrigação na China e no norte da África) (MOREIRA; OPPLERT; MACIEL, 2018). Nesse cenário, a soja avança rapidamente sobre os campos naturais do Pampa brasileiro provocando significativas transformações na bovinocultura de corte praticada de modo extensivo nas propícias pastagens naturais deste bioma.

Esse avanço não fica restrito apenas na parcela brasileira do Pampa, já que os três países que compreendem o bioma, Argentina, Brasil e Uruguai apresentaram crescimento na produção, a partir do ano de 2012, com destaque para o Uruguai que de 6.800 ton. de soja

produzidas no ano 2000 registrou uma produção de 1.316.000 de toneladas em 2017 (Faostat, 2019). A soja (*in natura* e beneficiada) dos três países segue majoritariamente para exportação, visto que em média 80% da soja brasileira, argentina e uruguaia é exportada (WESZ JÚNIOR, 2014).

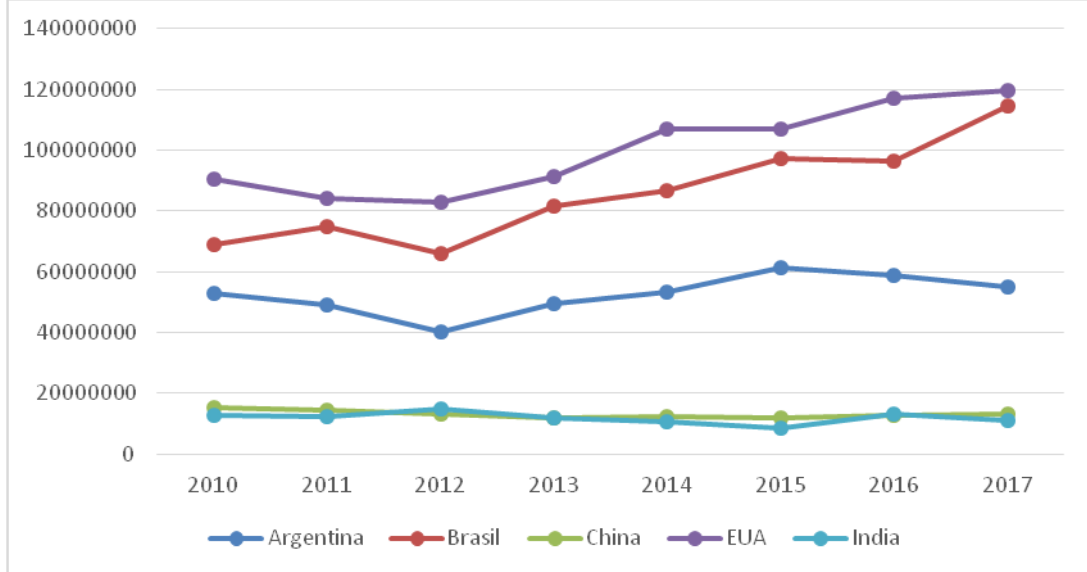
Gráfico 6 - Produção de soja (toneladas) nos países que compreendem o bioma Pampa (2000-2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019a)

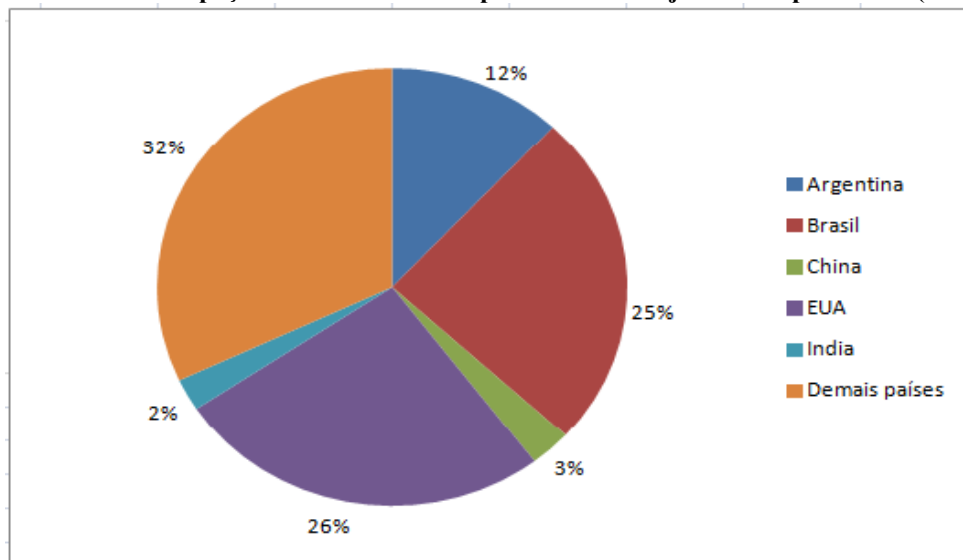
A soja tornou-se uma das *commodities* agroindustriais mais importantes do mundo, tornando-se matéria prima na produção de alimentos, ração animal, combustível e centenas de outros produtos agroindustriais. A América do Sul é atualmente a principal região produtora de soja do mundo, com o Brasil e a Argentina ocupando o segundo e o terceiro lugar no ranking dos maiores produtores do grão, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA) que se mantém como maior produtor de soja (OLIVEIRA; HECHT, 2016).

O gráfico 7 ilustra a evolução da quantidade produzida de soja nos cinco principais países produtores do grão.

Gráfico 7 - Evolução da produção de soja nos cinco principais países produtores (ton.) (2010-2017)

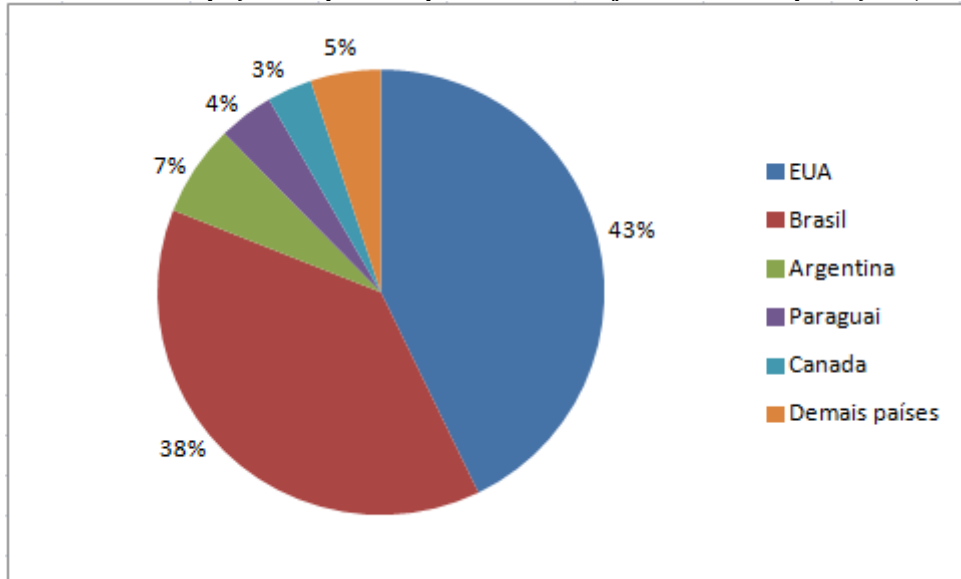
Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019a)

Em 2017, EUA, Brasil e Argentina foram responsáveis por 63% do total da soja produzida no mundo. De forma emblemática, o principal destino dessa produção foi a China, responsável por apenas 3% da produção mundial do grão.

Gráfico 8 - Participação dos cinco maiores produtores de soja no total produzido (2017)

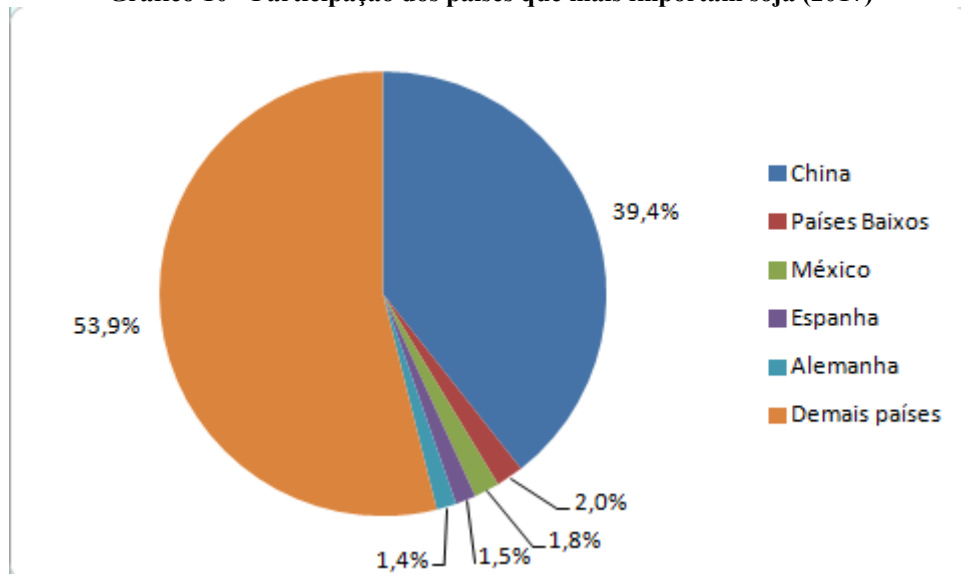
Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019a)

No que diz respeito a exportação da soja, o Brasil encontra-se em 2º lugar no ranking internacional, estando atrás somente dos Estados Unidos, este último é atualmente responsável por 43% da soja exportada. Por isso, mudanças na produção ou nas decisões mercantis dessa nação podem impactar diretamente sobre o mercado da soja no Brasil.

Gráfico 9 - Participação dos países exportadores de soja no total de exportações (2017)

Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019a)

Entre os países que mais importam soja, a China é a nação que assume protagonismo nesse cenário. Assim, 39,4% das 219.450.955 ton. de soja produzidas no mundo, em 2017, tiveram como destino a China, conforme ilustrado no gráfico a seguir

Gráfico 10 - Participação dos países que mais importam soja (2017)

Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019a)

De acordo Wesz Júnior (2014) fatores externos e internos contribuíram para o processo de dinamização da soja no Cone Sul, que se consolidou como maior fornecedor do

grão. Considerando o contexto internacional, os principais fatores responsáveis pela ampliação da área de soja são: aumento do preço em determinados períodos, quebra de safra em alguns países produtores, redução dos estoques mundiais, estímulo à produção e consumo de energias renováveis, acordos comerciais entre os países (garantindo a compra do grão) e crescimento da demanda mundial da soja e de seus derivados, alavancado em especial pela China e por outras nações asiáticas.

Em setembro de 2018 a produção mundial de soja chegou a 369,32 milhões de toneladas, em um contexto em que EUA, Brasil e Argentina foram responsáveis por 82,64% dessa produção com 127,72 milhões de toneladas, 120,5 milhões de toneladas e 57 milhões de toneladas, respectivamente. Nos EUA são 36,38 milhões de hectares plantados de soja enquanto no Brasil são 34,90 milhões de hectares, e na Argentina estima-se 18 milhões de hectares (CONAB, 2018; IBGE, 2018; USDA, 2018).

Oliveira e Hecht (2016) na introdução de uma edição do JPS (*The Journal of Peasant Studies*) lançada em 2016 dedicada à produção de soja na América do Sul, descrevem o que denominam de “neo-natureza” do complexo soja e a economia política do setor e discutem os principais debates ambientais em torno do agronegócio da soja no continente sul americano. Para os autores, a soja não é uma cultura básica simples é uma matéria-prima agroindustrial, esta é a soja “material” que pode ser estudada e engajada como uso da terra, commodities, insumos industriais e sementes oleaginosas, que compreende um conjunto complexo de tecnologias e técnicas para a implementação flexível de sua produção em paisagens altamente variáveis, uma rede global de máquinas, armazéns, caminhões e navios canalizando fluxos de commodities para múltiplos mercados ao redor do mundo, estruturados por uma diversidade ainda maior de instituições, relações sociais e práticas (OLIVEIRA; HECHT, 2016).

De acordo com a USDA (2015) a produção de soja na América do Sul cobre mais de 57 milhões de hectares, mais do que em qualquer outro continente. Produtores e empresas são responsáveis por 54% da produção global e 58% das exportações totais. Isso ocorreu por meio da extensão direta de práticas agroindustriais altamente capitalistas e químicas em áreas que foram consideradas marginais para esse tipo de sistema de produção, como os limites da Amazônia, o Cerrado e a Caatinga no Brasil, em todo o Chaco da Bolívia e da Argentina, florestas e partes da mata Atlântica. O sistema também se baseia nas áreas “pós-fronteira”, onde os regimes de posse foram estabilizados e consolidados, intensificando a produção de pastagens e substituindo as culturas menos lucrativas (como no Cerrado brasileiro e nos Pampas da Argentina e do Uruguai) (OLIVEIRA; HECHT, 2016, p. 251-252).

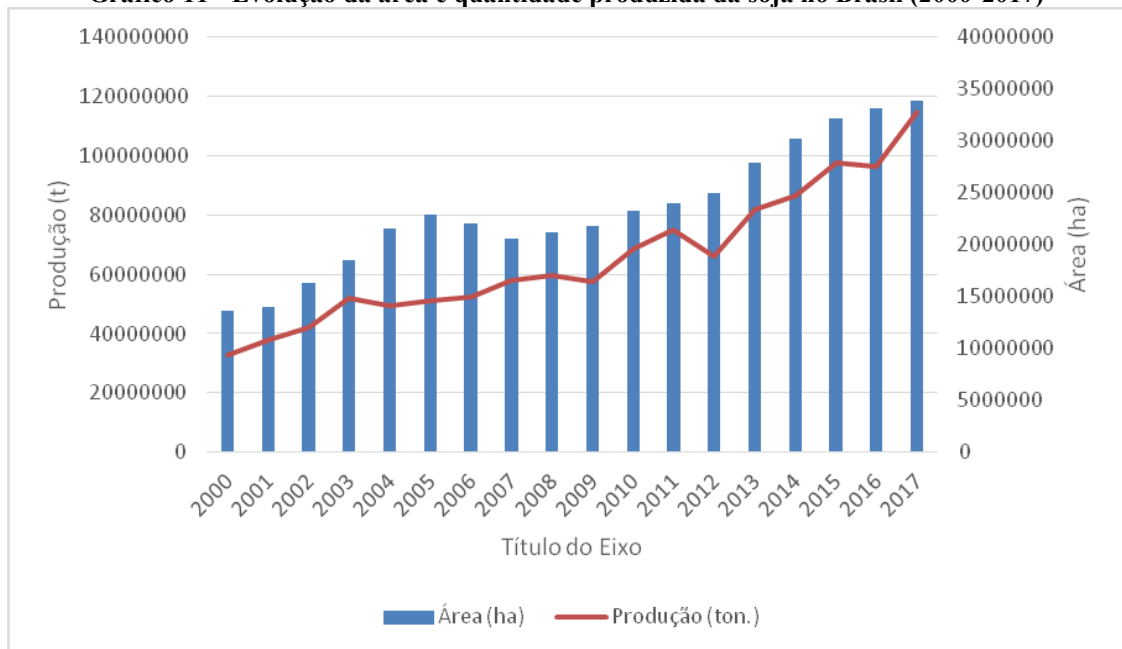
De acordo com Wesz Júnior (2014) nos diferentes países da América do Cone Sul, foram implementadas uma série de programas e instrumentos de intervenção que podem ser agrupados em ações setoriais (políticas de crédito rural, de preços, fundiárias e de ordenamento territorial, pesquisa agronômica, assistência técnica, etc.) e não setoriais (políticas trabalhistas, ambientais, industrial, comercial, fiscal, cambial, tributária, migratória, energética, de infraestrutura e serviços, etc.) para a produção de soja.

No entanto, “os impulsos domésticos não podem ser analisados enquanto ações pontuais ou desconectadas, mas como um conjunto de instrumentos mobilizados para sustentar um modelo de desenvolvimento agroexportador, que ao longo dos anos foi se modificando e reestruturando a partir do contexto político-econômico nacional e internacional” (WESZ JÚNIOR, 2014, p.85).

Nesse sentido, o mercado da soja insere-se em redes globais ao conciliar a complexa configuração atual da economia mundial e o histórico modelo de desenvolvimento agroexportador do Cone Sul, que está fundamentalmente vinculado aos produtos primários e/ou manufaturados baseados em recursos naturais.

Como afirmado por Wesz Júnior (2014) os estímulos internos foram fundamentais para a inserção dos países do Cone Sul na rede global do mercado da soja, mais expressivamente na década de 1970. A soja começou ocupar maiores áreas de terra no Brasil depois dos anos 1940. Nas décadas de 1950 e 1960, a soja começa a ser incorporada como insumo suplementar na indústria de alimentos, passando na década de 1970 a ser insumo básico na produção de margarina e óleos vegetais, especialmente após massivas campanhas publicitárias para introduzir novos hábitos de consumo, na referida década a produção dá um salto em área cultivada que passa de 1,3 para 8,8 milhões de hectares, e a produção passa de 1,5 milhão para mais de 15 milhões de toneladas (WESZ JUNIOR, 2014; ESCHER, 2016). É a consolidação do “complexo soja” que esteve condicionada a dois grandes fatores: a) a presença de uma conjuntura internacional extremamente favorável e b) a marcante intervenção do Estado em todas as fases da cadeia produtiva (GOLDFARB, 2013).

O gráfico abaixo ilustra tal argumentação

Gráfico 11 - Evolução da área e quantidade produzida da soja no Brasil (2000-2017)

Fonte: Elaborado pela autora com base em Faostat (2019a)

De acordo com Goldfarb (2013) o desenvolvimento e a consolidação desse complexo se deram por meio de crédito rural, dos investimentos diretos, como por exemplo, infraestrutura de transporte e armazenagem, na produção de fertilizantes; dos subsídios fiscais e créditos específicos para a instalação de agroindústrias processadoras, além da atuação do Estado na regulação da comercialização de grãos bem como na mediação de conflitos entre diferentes agentes econômicos (cooperativas agrícolas, indústria processadora de grãos e exportadoras de grãos).

Além dos incentivos para o aumento da inclusão da utilização da soja, fatores estruturais foram fundamentais para o crescimento do cultivo do grão, como a promulgação da Lei Kandir, em 1996, que desonerou o Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) na exportação de matérias-primas e manteve o ônus sobre produtos processados, melhorando a competitividade dos primeiros e rebaixando a dos segundos. Entretanto, o *boom* da soja fez com que as pressões do agronegócio aumentassem, em especial da Associação Brasileira de Produtores de Óleos Vegetais (ABIOVE), para elevar a demanda interna de esmagamento de soja, fazendo com que em 2004 o governo estabelecesse o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) que exige uma mistura na composição do diesel (ESCHER, 2016).

Um conjunto de tecnologias de produção como melhoramento vegetal com novas variedades de sementes transgênicas, técnicas de manejo e fertilidade do solo com plantio

direto, controle de plantas daninhas, pragas e doenças com o uso de agroquímicos, entre outras contribuiu para estes resultados (ESCHER, 2016).

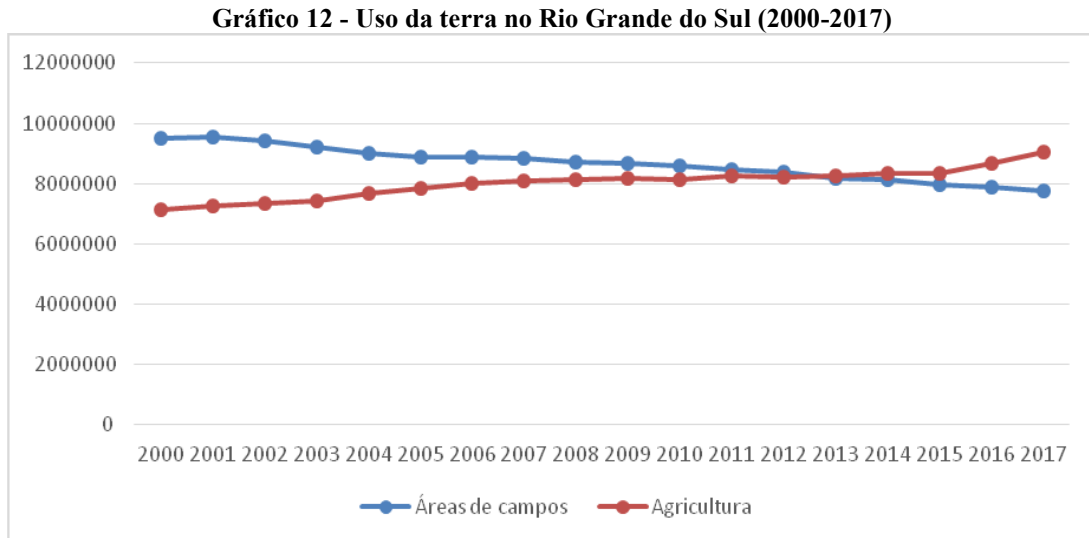
Na década de 1980, com o rápido desenvolvimento da criação de frangos e suínos confinados em larga escala sob o controle de grandes empresas, especialmente na região sul do Brasil (oeste de Santa Catarina, norte do Rio Grande do Sul e oeste e sudoeste do Paraná), que a soja ganhou peso como base da ração para os animais, em uma estratégia lateral para obter lucros a partir do farelo, um subproduto, anteriormente considerado não mais que um mero resíduo (ESCHER, 2016).

Estudo realizado por Vennet, Schneider e Deissen (2015) no sul do Brasil, identifica uma diversidade de “estilos” de agricultura na produção de soja e uma significativa participação de agricultores familiares que mais de 30% dos produtores de soja do estado do Rio Grande do Sul são agricultores familiares. Nesse estado, a soja tem sido cultivada por quase um século. Nesse período, sua produção sofreu uma significativa mudança estrutural e funcional. A atual diversidade regional de estilos agrícolas é influenciada por diferentes eventos na história. No século XIX, os imigrantes europeus chegaram ao Rio Grande do Sul e gradualmente desmataram a mata Atlântica para se tornar proprietários de pequenas áreas de terra. As atividades dessas fazendas familiares em pequena escala foram principalmente estruturadas em torno da produção de suínos para produção de banha, juntamente com culturas de subsistência. A partir de 1930, a soja começou a ser usada para alimentar os porcos (SHURTLEFF; AOYAGI, 2009).

Além dessas atividades, os agricultores europeus que se instalaram na metade norte do estado começaram a produzir trigo, o que foi altamente promovido pelo governo brasileiro, visto que isso reduziria a necessidade do país de importar trigo. Os incentivos do governo proporcionaram a construção de uma infraestrutura como silos e outras máquinas. Foram fundadas cooperativas, que tiveram uma influência muito importante neste processo de produção de trigo e construção de infra-estrutura (VENNET; SCHNEIDER; DEISSEN, 2015).

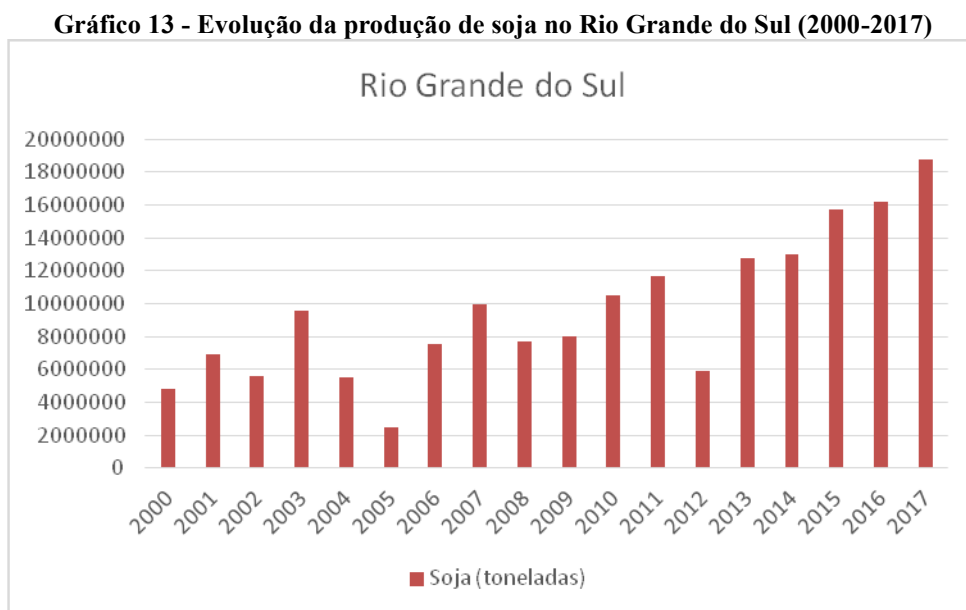
Diante deste contexto, a soja consolidou-se nas regiões Noroeste, Nordeste, Centro Ocidental e Centro Oriental do estado do Rio Grande do Sul que somadas até o ano de 2016, possuíam 4.363.974 de hectares plantados com soja com produtividade média de 64,15 sacas/ha. (IBGE, 2016). Entre os anos de 2010 e 2016 não houve um aumento significativo nas áreas cultivadas com o grão nessas regiões, visto que a taxa de crescimento foi em média de apenas 21% nessa região, enquanto que nas regiões Sudoeste e Sudeste do estado, tradicionalmente destinadas à atividade pecuária, as áreas cultivadas com soja tiveram uma

taxa de crescimento de 153% entre 2010 e 2016, passando de 391.940 ha para 992.976 ha, com uma média de produtividade de 31 sacas/ha.



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE/PPM (2019)

Ao olhar de maneira mais detalhada para a produção de soja no Rio Grande do Sul, no curto período de 17 anos, compreendidos entre 2000 e 2017, pode-se observar o acentuado crescimento registrado especialmente a partir de 2013. A soja tem ocupado principalmente áreas que anteriormente eram dedicadas a outras atividades e culturas, como no caso da pecuária.



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE/PAM (2019)

De acordo com a EMATER/RS - Ascar (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), em 2018, a área cultivada no Rio Grande do Sul foi de cerca de 5,71 milhões de hectares, 3,29% a mais em relação à safra anterior. Se considerada a evolução da cultura nos últimos 10 anos, há uma ampliação de 112,92% na produção (de 8,02 milhões de toneladas, em 2009, para 17,08 milhões de toneladas, em 2018), enquanto que a área cresceu 49,35%. No entanto, a instituição estima que a produção total desta safra represente uma redução de 8% em relação ao ano anterior (18,57 milhões de toneladas), resultante principalmente de fatores climáticos adversos em algumas regiões (EMATER/RS, 2018).

Até aqui foi possível identificar a evolução da atividade pecuária, especialmente a pecuária de corte bovina e a comercialização da carne, e da soja a nível global, a ascensão do Brasil nesse cenário e o protagonismo do estado do Rio Grande do Sul. Não obstante, a próxima sessão apresenta como essa dinâmica se reflete no universo empírico definido para a realização dessa pesquisa bem como o método utilizado para identificar quais as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja percebidas pelos pecuaristas no Pampa brasileiro.

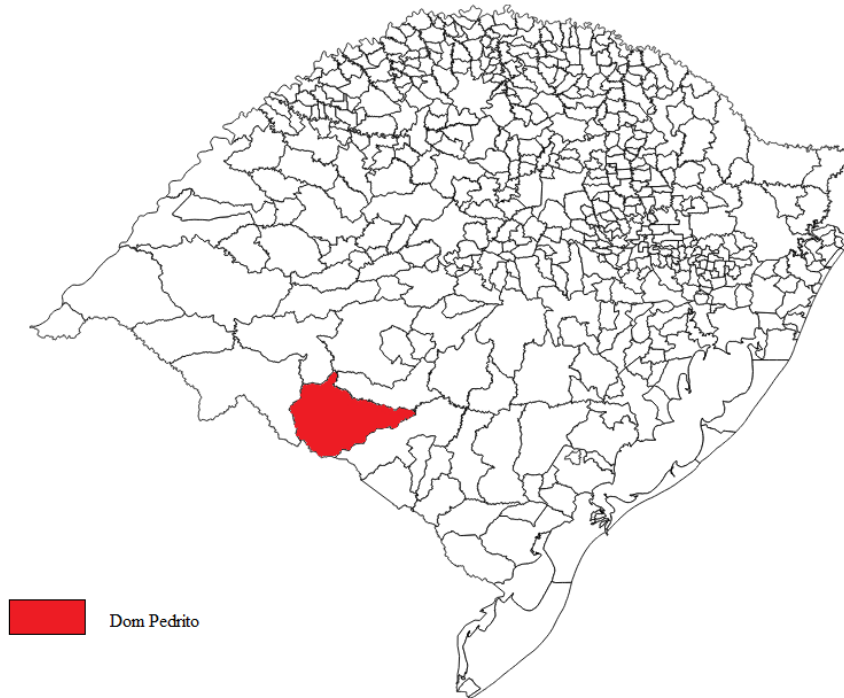
4 MÉTODO

A realização de uma pesquisa bem sucedida e que apresente legitimidade decorre da coerência no planejamento do método e dos instrumentos que serão utilizados para coleta e análise dos dados. Assim, os procedimentos metodológicos buscaram atender aos objetivos definidos para esse estudo, abarcando a identificação e descrição dos fatores que contribuíram para o significativo aumento nas áreas cultivadas com soja, identificar quais as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja percebidas pelos pecuaristas no Pampa brasileiro, bem como a identificação de quais os tipos de relações estão se estabelecendo entre as lavouras de soja e a bovinocultura de corte, a partir da percepção dos pecuaristas. Diante do exposto, este capítulo contempla a apresentação do percurso metodológico do estudo, organizado em seções com a unidade de análise, os métodos utilizados para a definição da amostra e para a coleta de dados, e as formas de análise dos resultados.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO EMPÍRICO: A BOVINOCULTURA DE CORTE E O CRESCIMENTO DAS LAVOURAS DE SOJA NO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS

Estudos recentes apontam indícios de que está em curso uma dinâmica de transformação na microrregião da Campanha Meridional, de forma mais expressiva a partir dos anos 2000 quando as lavouras de soja começam a ganhar espaços mais significativos entre o portfólio de atividades desenvolvidas na região (CAPOANE; KUPPLICH, 2018; MATTE, 2017; DA SILVA, 2018; SIMÕES; 2018; SILVEIRA; GONZÁLEZ; FONSECA, 2017). Diante desse contexto, como recorte empírico para a realização dessa pesquisa foi escolhido o município de Dom Pedrito, no sul do Rio Grande do Sul, localizado na microrregião da Campanha Meridional, em que incide a parcela brasileira do bioma Pampa. A escolha do município de Dom Pedrito se justifica pela intensa presença de bovinocultores de corte e pelo expressivo crescimento das lavouras de soja, representando a dinâmica de transformação no Pampa brasileiro.

Figura 1 - Localização do município de Dom Pedrito



Fonte: Elaborado pela autora com base no IBGE (2019)

O município de Dom Pedrito possui uma área de 5.192,120 km², limita ao sul, em curta fronteira, com o Departamento de Rivera, Uruguai. No estado, se limita a oeste com Santana do Livramento, ao norte com Rosário do Sul, com São Gabriel e com Lavras do Sul, a leste o limite é com Bagé.

No que se refere à dinâmica populacional, a população do município reduziu, entre 2000 e 2010, à taxa de -0,37% ao ano, passando de 40.357 para 38.898 habitantes. A taxa de urbanização apresentou alteração no mesmo período, indo de 88,59% para 90,63% do total, sendo que 35.255 habitam na zona urbana e apenas 3.643 na zona rural (IBGE, 2010). Os números representam uma dinâmica de esvaziamento da zona rural visto que apenas menos de 10% dos habitantes de Dom Pedrito vivem na zona rural. Ademais, 182 pessoas encontravam-se em situação de extrema pobreza no meio rural (IBGE, 2010b).

Os dados socioeconômicos, indicam que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁶ registrado, em 2010, foi de 0,708, e o índice de Gini⁷ ficou em 0,54 (IBGE, 2010).

⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é utilizado na classificação do grau de desenvolvimento. Sua elaboração tem na composição dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB per capita (como um indicador do padrão de vida), variando de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1 o valor deste indicador, maior será o nível de desenvolvimento humano do país ou região (PNUD, 2000).

⁷ Coeficiente de Gini é comumente utilizado no cálculo da distribuição de renda, correspondendo a um número de 0 a 1, sendo 0 (zero) completa igualdade de renda e 1 completa desigualdade.

No que tange aos aspectos econômicos, o Produto Interno Bruto (PIB) passou de R\$ 225,9 milhões no ano de 2000 para R\$ 1.180,50 milhões no ano de 2015 (SEBRAE, 2018). Os segmentos agropecuários são os mais representativos em número de empresas no município. Desta forma, 22, 15% das empresas no município estão ligadas ao segmento pecuário e 19,5% ao segmento de produção de lavouras temporárias (SEBRAE, 2018).

No que tange ao espaço agrário, Dom Pedrito possui cerca de 500.000 hectares de terras agricultáveis. Até o ano de 2017, 140.84 hectares eram destinados à agricultura e 311.846 mantinham os campos naturais do bioma Pampa (MAPBIOMAS, 2019; IBGE/PAM, 2019).

A maior parte dos estabelecimentos agropecuários do município de Dom Pedrito é de agricultura familiar, que representam 63% do total de estabelecimentos enquanto que a agricultura não familiar representa 37%, situação que se inverte em termos de ocupação de área, visto que apenas 11% da área destinada às atividades agropecuárias são ocupados pela agricultura familiar e 89% com agricultura não familiar (IBGE, 2009).

Como exposto anteriormente, a história do Rio Grande do Sul e, em especial, da região da Campanha, confunde-se com a história da bovinocultura de corte. Desse modo, a partir de 1880, na região de Dom Pedrito a economia baseada na pecuária extensiva praticada nas estâncias prosperava como importante atividade econômica, alavancada pelo desenvolvimento das infra-estruturas ligadas às primeiras charqueadas nos municípios de Bagé e Santana do Livramento, vizinhos a Dom Pedrito.

O expressivo crescimento das charqueadas localizadas nos referidos municípios, beneficiou sobremaneira a atividade pecuária de Dom Pedrito, pois em virtude de sua posição geográfica, situada exatamente entre os dois maiores centros de abate do estado, a época, não havia dificuldades para que as tropas fossem levadas por terra, seja pelos campos ou estradas que ligavam essas localidades (BARRETO, 2011).

Ao final da Primeira Grande Guerra, Dom Pedrito foi capaz de suprir as demandas por parte dos frigoríficos instalados no Rio Grande do Sul, que em busca da maximização de seus lucros buscavam mão de obra barata e oferta de rebanhos qualificados para o abate, garantindo a Dom Pedrito posição de destaque na cadeia de fornecimento de bovinos. No ano de 1938 foi fundada a Indústria Pedritense de Carnes, um estabelecimento saladeril que permitiu aos produtores fornecer a carne para a charqueada da cidade ao passo que se mantinham entre os maiores fornecedores dos frigoríficos dos municípios vizinhos (BARRETO, 2011).

Além da pujança na bovinocultura de corte, a pecuária atravessou um longo período de possibilidades com o crescimento da importância dos rebanhos ovinos com a entrada do mercado gaúcho nos países em conflito, durante a Primeira Grande Guerra Mundial, em 1914, que demandavam carne e lã (BOFILL, 1996; RIBEIRO, 2009).

Nesse cenário, Dom Pedrito se destacava como um dos maiores produtores de lã e contava com um dos maiores rebanhos ovinos do estado. A partir de 1980, a ovinocultura começa a perder importância na economia gaúcha, coincidindo com o período de maiores transformações na região da Campanha. Em Dom Pedrito, foi quando a agricultura passou a substituir, em termos de importância, a pecuária (BARRETO, 2011).

Assim, no final do século XX, a participação da atividade pecuária começa a perder espaço frente às atividades agrícolas que ganham força principalmente com a introdução das lavouras de arroz. De acordo com Barreto (2011), desde 1945, havia dados de produção de arroz no município de Dom Pedrito, cultivo que ganha força em 1970 com a migração de descendentes de italianos e alemães, conhecidos como “gringos”, vindos da região das colônias do norte do Rio Grande do Sul, em busca de oportunidades de aquisição de terras a preços acessíveis para o cultivo do arroz. De acordo com o autor a consolidação do arroz reconfigurou territorialmente os espaços de produção se destacando como elemento modernizador da produção e das relações comerciais no município, seguido pela produção de soja, representando uma alternativa de lavoura capitalista para o investidor agrícola, o que exhibe o perfil do produtor de Dom Pedrito.

Concomitantemente com as transformações na atividade pecuária e da consolidação do arroz se desenvolvia o cultivo da soja em Dom Pedrito. De acordo com Oliveira; Vidal (2010) os primeiros cultivos do grão datam do ano de 1900, com significativos índices de produtividade. Entretanto, as áreas cultivadas com soja se tornam mais expressivas somente no século XXI, tendo em vista as oscilações em termos de áreas destinadas ao cultivo do grão ao longo do século XX. Dessa forma, em 1980 foram plantados 26.000 hectares de soja, caindo para 6.700 hectares em 1991, e para 4.000 em 1995 (SOUZA, 1996).

Já no início do século XXI a soja impulsiona uma significativa mudança no uso da terra no município de Dom Pedrito. Dessa forma, no ano de 2000 dos 95.002 destinados à agricultura a soja ocupava apenas 2.000 hectares. Em 2017, as lavouras do grão já ocupavam 80.383 hectares dos 140.084 atribuídos às atividades agrícolas. Não obstante, é possível notar o aumento das áreas destinadas à agricultura e o expressivo aumento da representatividade das lavouras de soja.

Ao passo que a agricultura se expande, o número de hectares ocupados com campos naturais diminui ao longo desse período. Assim, em menos de duas décadas a área de campos naturais, geralmente dedicados à atividade pecuária, apresentou uma redução de 38.890 hectares. No ano de 2000, mais de 350.736 hectares eram ocupados por campos naturais e em 2017 esse número cai para 311.846, ao passo que as áreas destinadas à agricultura aumentaram em 45.082 hectares no mesmo período, passando de 95.002 hectares no ano de 2000 para 140.084 hectares em 2017 (MAPBIOMAS, 2019; IBGE/PAM, 2019).

Embora a diminuição das áreas de campos naturais possa ser um indicativo de supressão da bovinocultura de corte, o número de bovinos não diminuiu de forma significativa, apontando para uma possível intensificação nos sistemas de criação. Assim sendo, no ano de 2000 o número de bovinos no município de Dom Pedrito era de 406.067 cabeças, e em 2017 de 349.775 registrando uma queda de 56.292 cabeças no rebanho.

Entretanto, Barreto (2011) ao comparar dados estatísticos da lavoura e da pecuária, afirma que a ovinocultura foi suprimida aos poucos pela lavoura capitalista, enquanto a pecuária bovina se manteve ao longo do tempo. O autor ressalta que: “Embora não seja possível precisar esta informação, ela é bastante representativa das transformações que ocorreram na produção do campo, incluindo aí o perfil dos produtores, antes tradicionais estancieiros, hoje investidores agrícolas” (BARRETO, 2011, p. 75-76).

No que tange as transformações no perfil dos produtores presentes na microrregião de Dom Pedrito (Campanha Meridional), estudo realizado por Andreatta (2009) apontava para a predominância de Pecuaristas Consolidados e Pecuaristas Estacionários nessa região. Entretanto, a presente pesquisa revela o protagonismo dos produtores com o perfil de Pecuaristas Lavoureiros Especializados nas transformações do espaço agrário do município, outrora baseado na economia da pecuária e atualmente na moderna produção agrícola.

Até aqui foi possível descrever os aspectos históricos da atividade pecuária e das lavouras de soja, bem como compreender a dinâmica populacional, os aspectos socioeconômicos, produtivos e a situação agrária do município de Dom Pedrito. Não, obstante, a próxima sessão está dedicada a descrever os aspectos socioeconômicos e produtivos que caracterizam os entrevistados nesse estudo.

3.2 MÉTODOS DE PESQUISA

Os métodos aplicados neste estudo estão fundamentados em uma abordagem qualitativa, uma vez que a problemática da pesquisa e os objetivos traçados exigiram a coleta e interpretação de dados de caráter qualitativo.

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, já que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (MINAYO, 2001 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Assim sendo, esta abordagem sustenta este estudo na compreensão de quais as mudanças percebidas pelos pecuaristas na bovinocultura de corte posteriormente ao crescimento das lavouras de soja no Pampa brasileiro. As informações qualitativas foram transcritas e codificadas pela análise de conteúdo.

Em relação aos objetivos da pesquisa, este estudo se caracteriza como descritivo analítico. De acordo com Gil (2008) as pesquisas do tipo descritivas têm como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de variáveis bem como levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. Apoiado pelo método descritivo almeja-se compreender como os pecuaristas percebem as relações entre a bovinocultura de corte e o cultivo da soja.

Deste modo, a definição dos entrevistados, do instrumento de coleta e da análise de dados está composta por ferramentas de caráter qualitativo, utilizando como métodos de pesquisa a entrevista face a face e notas de campo. As técnicas de pesquisa serão expostas com melhor detalhamento nas próximas seções.

4.2.1 Da definição dos entrevistados

Com o objetivo de compreender a percepção dos pecuaristas sobre as relações estabelecidas entre o cultivo da soja e a criação pecuária, o fator balizador para a escolha dos entrevistados foi a presença da bovinocultura de corte no estabelecimento. Desta forma, foi feita uma seleção intencional dos participantes que melhor contribuíssem para um melhor entendimento do problema e as questões de pesquisa (CRESWELL, 2010).

É importante destacar que nem todos os pecuaristas entrevistados desenvolvem exclusivamente a bovinocultura de corte, mas também atividades como ovinocultura, agricultura, entre outras, bem como atividades não agrícolas. Entretanto, diante das diversas

formas de criações pecuárias na região estudada, delimitamos para análise apenas a bovinocultura de corte.

A primeira fase da realização desse estudo ocorreu em março de 2018, e fazem parte da coleta de dados para o projeto *Global-Rural* - Mudança Rural e Desenvolvimento na Globalização. O *Global-Rural* é um grande projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Europeu de Pesquisa que visa avançar na compreensão do funcionamento e impacto da globalização em regiões rurais coordenado pelo Departamento de Geografia e Ciências da Terra da *Aberystwyth University* (UK). Visando avançar na compreensão do funcionamento e impacto da globalização em regiões rurais, o Pampa brasileiro foi selecionado para realização da pesquisa por apresentar uma recente reconfiguração em seu espaço agrário, provocado pelo crescimento das lavouras de soja.

As entrevistas foram realizadas com o apoio da EMATER/ RS - ASCAR e a Associação dos Agricultores em março de 2018, no município de Dom Pedrito – RS. A equipe foi formada por quatro pesquisadores e o instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, com questões que tinham como objetivo compreender funcionamento e o impacto da soja em uma área típica de criação pecuária.

É importante ressaltar que embora as questões contidas no roteiro de entrevista não sejam idênticas ao roteiro definido para essa pesquisa de dissertação, as questões foram elaboradas com a participação da autora juntamente com os outros membros da equipe do projeto *Global-Rural*, e contribuem de forma eficaz para atingir ao objetivo geral desse estudo, sendo esse, analisar as relações entre a criação pecuária e o cultivo da soja no Pampa brasileiro. A segunda etapa dessa pesquisa de dissertação se deu em agosto de 2018, também no município de Dom Pedrito.

Nas duas etapas da realização da pesquisa, anteriormente ao ingresso no local de estudo, foram feitos contatos prévios com informantes chave envolvidos na atividade pecuária, em especial com a bovinocultura de corte. Sendo eles técnicos da EMATER/ASCAR- RS e professores pesquisadores em temáticas relacionadas a pecuária no município selecionado para a pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com um conjunto de pecuaristas que contempla estabelecimentos de diversos tamanhos e diversas formas de organização. No total, foram realizadas 14 entrevistas com bovinocultores de corte no município de Dom Pedrito. De acordo com Creswell (2010) uma pesquisa qualitativa não sugere necessariamente uma amostragem de um grande número de participantes e locais, como é característico em uma pesquisa quantitativa.

Todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos entrevistados. No total, foram 28 horas de entrevistas, com média de 120 minutos por entrevista. Desta forma, 4 das 14 entrevistas foram realizadas nas propriedades⁸ dos pecuaristas e 10 na zona urbana⁹ de Dom Pedrito. As propriedades dos entrevistados abrangeram diversas localidades, sendo elas, Taquarimbó, Taquarimbozinho, Upacaraí, Ponche Verde, Fontouras, Torquato Severo e Vacaiquá.

4.2.2 Dos instrumentos de coleta de dados

O principal instrumento de coleta de dados para esta pesquisa foi a entrevista face a face (APÊNDICE A). A entrevista é uma técnica alternativa de coleta de dados não documentados sobre determinado tema, uma técnica de interação social utilizada para coletar dados essencialmente subjetivos, os quais se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (GERHARDT *et al.*, 2009).

A entrevista é do tipo semiestruturada, com um roteiro de questões sobre o tema estudado permitiu ao entrevistado falar livremente sobre assuntos que foram surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT *et al.*, 2009). Por meio da entrevista semiestruturada foi possível captar, com riqueza de detalhes, como os pecuaristas percebem as relações estabelecidas entre a criação pecuária e o crescimento das lavouras de soja.

O roteiro da entrevista foi elaborado com questões abertas, de caráter qualitativo. As perguntas abertas permitem ao informante responder as questões de forma livre, usando linguagem própria, emitindo opiniões sobre o tema investigado, oportunizando investigações mais aprofundadas e precisas (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Desta forma, o roteiro da entrevista foi constituído por questões que tinham como objetivo obter informações referentes à característica fundiária da propriedade, da renda e dos sistemas produtivos; questões que buscaram captar a percepção dos pecuaristas sobre quais fatores contribuíram para o significativo aumento nas áreas cultivadas com soja; quais as mudanças percebidas pelos pecuaristas na bovinocultura de corte posteriormente ao crescimento das lavouras de soja; que tipos de relações estão sendo estabelecidas com a bovinocultura de corte; quais mudanças os pecuaristas percebem na região com crescimento

⁸ As entrevistas foram realizadas juntamente com a equipe do projeto Global-Rural que dispunha de um veículo para locomoção até a zona rural

⁹ As entrevistas foram realizadas na zona urbana por questões de facilidade na locomoção, visto que, nessa etapa da pesquisa não se dispunha de veículo para deslocamento até a zona rural, e os entrevistados se encontravam no dia previamente combinado da zona urbana

das lavouras de soja; e como veem o futuro da atividade pecuária e das lavouras de soja no Pampa.

O roteiro de questões permitiu aos entrevistados expressar livremente suas percepções sobre o tema estudado, gerando questões relevantes para além das contidas inicialmente no roteiro de entrevista, as quais foram registradas como notas de campo, permitindo uma quantidade maior de informações e conseqüentemente um maior aprofundamento da investigação.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a coleta de dados, as informações foram organizadas, codificadas e tabuladas, sendo sua análise distinta naquilo que confere à qualidade dos dados. Durante o processo de organização dos dados coletados foi possível identificar semelhanças nas falas dos pecuaristas, que variavam de acordo com a organização dos estabelecimentos, o uso dos recursos produtivos, as formas de uso da terra e as características socioculturais desses atores.

No que tange a análise dos dados coletados por meio das entrevistas, fez-se uso da análise de conteúdo, iniciando pela leitura das falas, realizadas por meio das transcrições das entrevistas e depoimentos (GERHARDT *et al.*, 2009). As etapas para a análise de conteúdo percorreram os passos sugeridos por Creswell (2010). Assim, o primeiro passo foi a transcrição das entrevistas e das notas de campo, sendo organizadas as respostas dos entrevistados à referente questão.

O segundo passo foi a leitura de todas as questões com as respectivas respostas permitindo uma percepção geral das informações e reflexões iniciais sobre as falas. O terceiro passo consistiu na codificação das respostas, compondo um processo de organização dos dados em seguimentos de texto. De acordo com Creswell (2010) a codificação envolve manter os dados de texto em categorias e rotular essas categorias com um termo que pode ser baseado na linguagem real do participante. A codificação foi baseada nas percepções dos entrevistados sobre quais os tipos de relações estão sendo estabelecidas entre as lavouras de soja e a criação pecuária, descritas e analisadas no capítulo cinco.

Foram utilizados trechos dos discursos dos pecuaristas ao longo do texto como componentes da análise, corroborando com os resultados encontrados. Além das narrativas foram utilizadas fotos obtidas durante a pesquisa de campo, como complementos às discussões. Apoiado na codificação dos discursos foi possível interpretar e analisar os resultados, discutindo e contrapondo com outros estudos, possibilitando uma visão holística

da percepção dos pecuaristas sobre as relações estabelecidas entre o cultivo da soja e a criação pecuária (APÊNDICE B).

5 TRANSFORMAÇÕES NA BOVINOCULTURA DE CORTE FRENTE AO AVANÇO DAS LAVOURAS DE SOJA: PERCEPÇÕES DE PECUARISTAS DO PAMPA BRASILEIRO

Com o propósito de evidenciar como diferentes atores envolvidos na dinâmica produtiva da soja e da pecuária percebem as transformações na bovinocultura de corte frente ao avanço da soja, este capítulo se dedica a tratar das questões relacionadas ao segundo e terceiro objetivos específicos desse estudo. Assim, de forma conjunta, o capítulo apresenta análises e discussões que buscam identificar quais as mudanças na bovinocultura de corte percebidas pelos pecuaristas diante do avanço da soja no Pampa brasileiro, bem como quais os aspectos produtivos e socioeconômicos influenciam na escolha dos pecuaristas entre manter-se somente na atividade pecuária, produzir por conta própria ou arrendar parte da área da propriedade para o cultivo da soja, ou substituir a atividade pecuária pelas lavouras do grão.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Como abordado anteriormente, as transformações na bovinocultura de corte no bioma Pampa frente ao avanço das lavouras mecanizadas não ficam restritas somente aos aspectos produtivos, considerando que também ocorreram transformações no perfil do pecuarista dessa região.

De acordo com Andreatta (2009) as particularidades regionais são capazes de influenciar nas estratégias individuais dos pecuaristas, que se refletem na organização dos estabelecimentos agrícolas e na própria dinâmica regional. Assim, durante a realização da pesquisa de campo foi possível constatar que as particularidades das regiões de origem dos entrevistados influenciam sobremaneira nas estratégias individuais desses pecuaristas, provocando significativas mudanças na organização dos estabelecimentos agrícolas e conseqüentemente na dinâmica regional do Pampa, bem como na percepção sobre as mudanças na bovinocultura de corte frente ao avanço das lavouras de soja.

Assim, considerando as particularidades das regiões de origem, a forma de organização da propriedade, os aspectos produtivos e as características socioeconômicas de

cada pecuarista entrevistado, estes foram separados em dois grupos com base nos perfis definidos por Andreatta (2009) e de forma equivalente ao estudo de Simões¹⁰ (2018).

Dessa forma, o grupo de entrevistados nesse estudo foi dividido entre Pecuaristas Tradicionais e Pecuaristas Sojicultores. Simões (2018) define como o grupo de “Pecuaristas Tradicionais”, pecuaristas que tem como principal atividade a bovinocultura de corte desenvolvida em campo nativo e “Pecuaristas Sojicultores”, pecuaristas que organizam as suas atividades em torno da criação de bovinos de corte e atividades de lavouras de grãos.

O grupo de Pecuaristas Sojicultores foi constituído por três pecuaristas e o grupo dos Pecuaristas Tradicionais foi constituído por 11 pecuaristas. O número assimétrico de entrevistados se justifica pela maior incidência de Pecuaristas Tradicionais na microrregião estudada (ANDREATTA, 2009). Entretanto, considerou-se que os Pecuaristas Sojicultores são importantes agentes na mudança do espaço agrário do Pampa brasileiro exigindo uma análise mais aprofundada.

Os Pecuaristas Sojicultores baseiam suas atividades em torno das lavouras, sendo a bovinocultura de corte uma atividade secundária. Assim, a organização da propriedade é idealizada para otimizar e maximizar as lavouras de soja e arroz¹¹. O quadro 1 apresenta uma síntese das características produtivas, socioeconômicas e os aspectos mais representativos sobre as percepções do grupo de Pecuaristas Sojicultores.

Quadro 1 - Síntese das características produtivas, socioeconômicas e percepções – Pecuaristas Sojicultores

ESPECIFICAÇÃO	ASPECTOS MAIS REPRESENTATIVOS
Estrutura fundiária e uso da terra	Entre 970 hectares e 4390 hectares; Predominantemente áreas arrendadas de terceiros; As áreas são utilizadas predominantemente para o cultivo de lavouras de arroz e soja de forma alternada; As áreas também são utilizadas para o cultivo de pastagens de inverno.
Características produtivas da bovinocultura de corte	Número de bovinos: entre 200 e 1.600 Predomínio de cruzamentos de raças de origem europeia como Angus, Brangus, Hereford e Braford; Sistema de criação predominantemente terminação e engorda ¹² .

(continua)

¹⁰ O estudo de Simões (2018) é baseado no estudo de Andreatta (2009)

¹¹ Os pecuaristas que organizam suas atividades em torno da produção agrícola, cultivam arroz e soja de forma alternada, portanto, elas sempre aparecem de forma conjunta nos discursos. Entretanto, visto que o objeto de análise desse estudo são as lavouras de soja, as lavouras de arroz não serão analisadas de forma mais aprofundada.

¹² Apenas em um dos casos o pecuarista possui expressivo número de bovinos de corte, de modo que quando possível realiza a integração em sistema de recria.

ESPECIFICAÇÃO	ASPECTOS MAIS REPRESENTATIVOS
Composição da renda	A renda é majoritariamente proveniente das lavouras anuais; A bovinocultura de corte é utilizada predominantemente como uma espécie de poupança; Altos níveis de investimento em modernos implementos agrícolas.
Características dos pecuaristas	Pecuaristas de origem alemã e italiana, da região Central do RS, os chamados “gringos”; Idade entre 32 e 61 anos; Escolaridade entre graduação e pós-graduação; Participação predominante em cooperativas e associações locais de produtores e clubes; Residem parte do ano na propriedade rural e parte na zona urbana.
Percepção sobre a bovinocultura de corte posteriormente ao avanço da soja	Diminuição da pecuária de modo extensivo; Aumento da utilização de pastagens cultivadas nas restingas de soja para alimentação dos bovinos; Reconfigurações nos sistemas de criação; Recoo no número de pecuaristas tradicionais.
Aspectos que influenciam na escolha entre investir recursos na bovinocultura ou nas lavouras da soja	Configuração das propriedades baseadas nas lavouras de arroz propícias também para o cultivo da soja; Investem majoritariamente no cultivo das lavouras; Cultura familiar de práticas agrícolas; Experiência no cultivo de lavouras; Rentabilidade maior e mais rápida das lavouras de soja quando comparada à bovinocultura de corte; Disponibilidade de áreas para a implementação de lavouras de soja por meio de arrendamentos.
Percepção sobre as relações estabelecidas entre a bovinocultura de corte e as lavouras de soja	Predominantemente percebem que há uma relação de substituição da bovinocultura de corte pelo cultivo das lavouras de soja, alavancada em larga medida pelo arrendamento de terras.

Fonte: Elaborada com base em resultados de pesquisa de campo, Dom Pedrito (2018).

Figura 2 - Registro de propriedades de Pecuaristas-Lavoureiros Especializados com cultivo de soja irrigada (superior) e colheita de arroz (inferior) com maquinário utilizado para as duas culturas



Fonte: acervo da autora. 2019.

Os Pecuaristas Tradicionais, ao contrário do perfil anterior organizam suas atividades em torno da bovinocultura de corte e ovinocultura¹³, basicamente em campo nativo. O quadro 2 apresenta uma síntese das características produtivas, socioeconômicas e os aspectos mais representativos sobre as percepções do grupo de Pecuaristas Tradicionais.

Quadro 2 - Síntese das características produtivas, socioeconômicas e percepções – Pecuaristas Tradicionais

ESPECIFICAÇÃO	ASPECTOS MAIS REPRESENTATIVOS
Estrutura fundiária e uso da terra	Entre 80 hectares e 3.000 hectares; Predominantemente áreas próprias; As áreas são utilizadas predominantemente para a bovinocultura e ovinocultura; Predomínio de campo nativo; Utilizam-se de áreas com pastagens cultivadas para alimentar os animais durante o inverno.
Características produtivas da bovinocultura de corte	Número de bovinos: entre 56 e 2.000 Predomínio de cruzamentos de raças de origem europeia como Angus, Brangus, Hereford e Braford com raças zebuínas; Sistema de criação diversificado: ciclo completo, cria, recria, terminação e engorda ¹⁴
Composição da renda	A renda é majoritariamente proveniente da bovinocultura de corte; Possuem rendas não-agrícolas; Investem predominantemente no melhoramento dos rebanhos.
Características dos pecuaristas	Pecuaristas naturais da região da Campanha; Idade entre 30 e 72 anos; Escolaridade entre ensino fundamental e pós-graduação; Participação predominante em CTGs e associações locais de criadores de animais; Residem parte do ano na propriedade rural e parte na zona urbana.
Percepção sobre a bovinocultura de corte posteriormente ao avanço da soja	Diminuição da pecuária de modo extensivo; Aumento da utilização de pastagens cultivadas nas restevas de soja para alimentação dos bovinos; Reconfigurações nos sistemas de criação; Recoo no número de pecuaristas tradicionais; Consideram que o cultivo da soja está contribuindo para a diminuição da atividade pecuária; Supressão dos campos naturais; Aumento da utilização de agrotóxicos.

(continua)

¹³ Em linhas gerais os Pecuaristas Consolidados e Estacionários aliam bovinocultura e ovinocultura nas propriedades, porém, tendo em vista que o objetivo desse estudo é analisar as transformações na bovinocultura de corte, os aspectos produtivos e socioeconômicos que envolvem a ovinocultura não serão abordados.

¹⁴ Apenas em um dos casos o pecuarista possui expressivo número de bovinos de corte, de modo que quando possível realiza a integração em sistema de recria.

(conclusão)

ESPECIFICAÇÃO	ASPECTOS MAIS REPRESENTATIVOS
Aspectos que influenciam na escolha entre investir recursos na bovinocultura ou nas lavouras da soja	Configuração das propriedades baseadas na bovinocultura; Investem majoritariamente na bovinocultura de corte; A atividade pecuária é herança familiar; Experiência na bovinocultura; Consideram a bovinocultura de corte a atividade mais segura para o investimento quando comparada a soja; Consideram que a bovinocultura de corte contribui para a preservação do bioma Pampa.
Percepção sobre as relações estabelecidas entre a bovinocultura de corte e as lavouras de soja	Percebem relação de complementaridade no que se refere a oferta de alimento para o gado no inverno; Percebem que há uma relação de competição em termos de área entre a bovinocultura de corte e o cultivo das lavouras de soja, alavancada em larga medida pelo retorno financeiro proporcionado pelo arrendamento de terras; Percebem que há uma relação de substituição da bovinocultura de corte pelo cultivo das lavouras de soja, impulsionada principalmente pelas facilidades proporcionadas pelo arrendamento de terras para terceiros.

Fonte: Elaborado com base em resultados de pesquisa de campo, Dom Pedrito (2018).

Figura 3 – Atividade com o gado na propriedade de um Pecuarista Tradicional, ao fundo área arrendada para o cultivo de soja



Fonte: acervo da autora. 2019.

Descritas as características produtivas, socioeconômicas e de percepção de cada grupo, as próximas sessões se dedicam a atingir ao segundo e terceiro objetivo específicos definidos para este estudo. Dessa forma, serão apresentadas e discutidas quais mudanças na bovinocultura de corte percebidas pelos pecuaristas diante do avanço da soja, bem como quais os aspectos que influenciam na escolha dos pecuaristas entre investir na bovinocultura de corte ou vincular-se ao cultivo da soja. Assim, a próxima sessão analisa a percepção das mudanças na bovinocultura de corte sob a perspectiva dos Pecuaristas Sojicultores.

5.2 AS TRANSFORMAÇÕES NA BOVINOCULTURA DE CORTE NA PERCEPÇÃO DOS PECUARISTAS SOJICULTORES

Embora a agricultura também seja representativa no Pampa, principalmente pelo cultivo do arroz, a economia e a cultura desse território teve sua formação baseada na atividade pecuária como já evidenciado anteriormente, conduzindo a formação de pecuaristas que desenvolviam agricultura de forma menos significativa que a atividade pecuária.

Entretanto, diante da alta nos preços dos grãos, principalmente da soja, muitos pecuaristas que desenvolviam também atividades agrícolas, em especial o cultivo do arroz se tornaram importantes atores em um contexto em que as lavouras de soja passam a ocupar significativos espaços em todo o território brasileiro, e de forma mais recente e intensa sobre o bioma Pampa. Assim, os novos investidores agrícolas também são protagonistas nesse cenário de transformações no espaço agrário do Pampa brasileiro.

Os Pecuaristas Sojicultores (PS) entrevistados organizam as atividades em torno da bovinocultura de corte e as atividades das lavouras, em especial as lavouras de soja e de arroz, em que a pecuária consiste de atividade secundária, exceto em um dos casos investigados.

Da Costa e Mainardi (2017) realizaram estudo com produtores de soja de médio e grande porte – o mesmo que PS aqui neste estudo – os quais são responsáveis pelo plantio de 35% da área total de soja e aproximadamente 39% da área de arroz do município de Dom Pedrito, com objetivo de verificar quais as práticas adotadas no manejo das lavouras de soja e quais as alternativas estão sendo empregadas pelos mesmos para mitigar os riscos de produção e de variação de preço. Os autores evidenciam que os produtores se preocupam em realizar a rotação da soja com arroz e integrar, apenas quando possível com a pecuária, aproveitando a cobertura verde para alimentar o gado e posteriormente fazer o plantio direto da soja, entretanto, a principal forma de manejo das lavouras é a rotação de culturas (soja e arroz) (DA COSTA; MAINARDI, 2017).

Dessa forma, a integração lavoura pecuária (ILP) configura sinergia entre o cultivo da soja e a atividade pecuária, possibilitando a otimização do uso da terra, visto que melhora a oferta de alimentos para os animais, principalmente no período do inverno. De acordo com estudo realizado pela Alvarenga; Noce (2005, p.7).

A integração lavoura-pecuária pode ser definida como a diversificação, rotação, consorciação e/ou sucessão das atividades de agricultura e de pecuária na propriedade rural constituindo um mesmo sistema de forma harmônica, possibilitando, que o solo seja explorado economicamente durante todo o ano ou, pelo menos, na maior parte dele, favorecendo o aumento na oferta de grãos, de carne

e/ou de leite com redução dos custos, devido ao sinergismo que se cria entre a lavoura e a pastagem.

Nesse sentido, estudo realizado por Quadros (2015) no município de Dom Pedrito, que compara o resultado financeiro entre três sistemas produtivos, sendo eles: Lavoura de Soja, Integração Lavoura-Pecuária (ILP) e Campo Natural Melhorado identifica que o sistema que apresenta os melhores índices de retorno financeiro é a Integração Lavoura e Pecuária.

São necessários mais estudos, em realidades socioambientais distintas, para inferir sobre tais resultados, apontando um espaço profícuo para futura agenda de estudos, em que sejam realizadas análises socioeconômicas aliadas a elementos produtivos. Entretanto, entre os PS entrevistados, utilizam as áreas de restevas (local em que o grão foi colhido) de soja para o cultivo de pastagens, mas afirmam que estão diminuindo a quantidade de gado nas propriedades para aumentar as áreas cultivadas com soja.

Os três entrevistados desse perfil não são naturais do município de Dom Pedrito, migraram entre as décadas de 1960 e 1970 da região central do estado, tradicional de colonização italiana e alemã, em busca de maiores áreas de terra para o cultivo do arroz. De acordo com Barreto (2011), ao final dos anos 1970 até os anos 1990, Dom Pedrito recebia significativo número de produtores interessados em produzir arroz, vindos do centro e do norte do estado do Rio Grande do Sul, descendentes de alemães e italianos, comumente denominados de “gringos” pelos nativos do município, surgem como detentores de capital e de uma filosofia de trabalho identificada como “senso de oportunidades”, ajustando-se às exigências da nova agricultura capitalista.

Os investidores dessa forma de agricultura viram nos grandes proprietários de terra descapitalizados de Dom Pedrito oportunidade de arrendar partes das propriedades para as lavouras, em um primeiro momento para desenvolver a orizicultura, sem que os proprietários tradicionais precisassem abrir mão de seguir com a pecuária na parcela de terras não arrendadas. Desta forma, o arroz se destaca como o elemento modernizador da produção e das relações comerciais em Dom Pedrito, de modo que a consolidação da orizicultura reconfigurou territorialmente os espaços de produção (BARRETO, 2011).

O PS1 relata que chegou de Santa Maria ao município de Dom Pedrito na década de 1970, para trabalhar nas lavouras de arroz de seu irmão. Logo em seguida de sua chegada ao município casou-se com a filha de um pecuarista tradicional de Dom Pedrito, começando a trabalhar de forma autônoma nas terras que eram de seu sogro. Posteriormente ao falecimento do sogro, em 1999, expandiu a área destinada à agricultura, ainda mantendo a atividade pecuária em parceria com os cunhados, que embora desenvolvam suas atividades

profissionais em outras áreas possuíam gado na propriedade. Em 2018 a família optou por intensificar as atividades agrícolas:

Aí que aumentou a propriedade, [...] como os dois cunhados que eu tenho, um é médico, mora fora e esse aqui é engenheiro agrônomo mora em Chapecó, aí eu assumi a fazenda toda aqui, aí sim que eu consegui... aí que eu abri mais os negócios eu expandi mais as áreas de plantio aí que eu fui *abrindo mais*. Que até então eu tinha a minha área separada e ficava lá na minha área e o meu sogro tinha a fazenda dele só que *ele era um pouco conservador, ele só lidava com pecuária* (PS1, Dom Pedrito, 2018, grifo nosso).

No caso acima, é possível observar um conflito de interesse sobre as atividades produtivas. Enquanto o sogro, denominado de pecuarista tradicional pelo entrevistado, tinha interesse em permanecer com a pecuária, o entrevistado ansiava por reduzir essa atividade e dedicar investimento à lavoura, ao encontro do modo de produção tradicional em seu ponto de vista. De acordo com Vélez-Martin *et al.* (2015, p. 130), “por conta de rendimentos monetários obtidos em anos de clima favorável, muitos proprietários rurais vêm trocando a pecuária pela agricultura”, afirmação que pode auxiliar a explicar a intenção desse pecuarista em investir em lavouras. O que os resultados de nossa pesquisa permitem acrescentar é que não apenas aspectos financeiros determinam essa escolha, mas também a relação histórica com a agricultura, condição que pode estar facilitando o avanço do cultivo desse grão na região.

O entrevistado PS1, embora tenha atuado também na atividade pecuária optou por retirar o gado da propriedade para aumentar a área cultivada com soja. O produtor afirma que chegava a produzir 600 animais por ano, mas ao contrário da narrativa de que a integração soja/pecuária torna as propriedades bem sucedidas, ele conclui que:

Eu cheguei a conclusão o seguinte, que gado e soja não funciona, porque compacta o solo porque atrasa o plantio. Não combina, soja com gado aqui nessa região não combina [...] Tu colhe mais soja, o que tu ganha em gado tu perde em soja. Eu fiz essa conta, anos fazendo essa conta e cheguei a conclusão que não dava mais (PS1, Dom Pedrito, 2018).

Nesse sentido, o estudo realizado por Andreatta (2009) apontava uma tendência de intensificação das atividades lavoureiras por parte do perfil dos Pecuaristas Lavoureiros-Especializados principalmente porque no período de 2003/2004 a conjuntura era favorável e a atividade, em larga medida, remunerava o capital investido. A autora observa que os preços dos produtos derivados das lavouras atravessavam um momento favorável e as condições climáticas contribuíram para expressivos rendimentos de produtividade e rendimentos, desta

forma, na percepção dos PSs se tornou mais viável a intensificação do cultivo da soja detrimento da atividade pecuária.

Sobre a reconfiguração nas atividades desenvolvidas na propriedade, o pecuarista afirma que o mais interessante para aumentar os rendimentos é o dueto soja e arroz, dispondo da criação de animais apenas para o consumo na fazenda:

Eu nesse ano passado eu tinha gado, aí eu resolvi tirar o gado. O gado entrava só na entressafra aí eu fazia pastagem e botava o gado no inverno. Aí fizemos uma mudança dentro da fazenda. Aí eu arrendei dos cunhados que antes eles tinham a parceria com o gado, eles tinham gado, na parte deles, e eu arrendava a área de agricultura então eu fiz uma parceria com eles e fiquei com toda a área e então eu tirei o gado fora. Eu fiz o seguinte, os cunhados pararam com o gado porque deu uma quebra grande no gado. Eu pago eles em grão, eu pago uma comissão prá eles em grão e fiquei só eu, e transformei a fazenda só em agricultura [...]. É interessante (*o conjunto soja e arroz*). É interessante porque tu tira usa o dinheiro de uma ou de outra cultura. Não é monocultura, não é uma cultura só. Agora mesmo, estamos com o arroz muito bom, mas com problema na soja, falta de chuva na soja certamente vai dar quebra na soja. Se é só uma cultura tu perde muito, depende muito de uma cultura só. O gado também é interessante porque tu usa o dinheiro do gado para o movimento. Só que eu achei necessário... Eu não achei interessante, quando eu fui mais focado na soja aí que eu vi que eu “tava” perdendo dinheiro na soja, aí eu decidi aumentar, ganhar mais dinheiro com a soja e parar com o gado e uma coisa compensa a outra. Gado e ovino é só prá consumo da fazenda (PS1, Dom Pedrito, 2018).

De forma similar ao PS1, o PS2 organiza suas atividades em torno das atividades partindo do eixo das lavouras de soja e arroz, desenvolvendo a pecuária como atividade secundária. Também migrantes da região central do Rio Grande do Sul chegaram a Dom Pedrito em busca das áreas disponíveis para arrendamento e venda. A família iniciou suas atividades produtivas no município com 100 hectares arrendados, produzindo arroz, atividade que já desenvolvia no município de origem. Atualmente, a área utilizada para desenvolver as atividades agrícolas é quase que em sua totalidade arrendada, sendo que, apenas uma pequena parte onde estão localizadas a casa dos proprietários, dos funcionários, galpões de máquinas e os silos para armazenagem de grãos é própria.

O entrevistado relata que na década de 1980 houve uma primeira fase do cultivo da soja, entretanto por questões econômicas e climáticas, a família optou por não dar continuidade ao cultivo do grão, voltando a cultivar a oleaginosa nos anos 2000, e intensificando a produção a partir de 2005. Em um primeiro momento a soja foi utilizada para limpeza das áreas de arroz. Ao passo que a soja vinha ganhando destaque como uma importante *commodity* no cenário internacional, também vinha despertando o interesse por parte dos entrevistados. Quando questionados sobre quais fatores influenciaram para aumentar a produção de soja, o PS2 declara que o principal fator foi a alta no preço pago pela soja.

Mercado, [porque a] soja tem mais liquidez, mais procura, então o único problema da soja aqui prá nós seria o clima que aqui a gente é bem, a gente fica bem refém de chuvas. Que nem esse ano tá bem complicado, mas tirando isso as áreas são muito boas prá plantar soja e é uma cultura muito mais fácil de plantar que o arroz, envolve menos gente, menos maquinário, menos investimento, digamos. E tu *tem um mercado melhor, tu consegue fazer renda futura, tu consegue travar preço, fazer troca por insumos*, coisa que o arroz tu fica totalmente imobilizado, tu não tem o que fazer, quase não existe trocas assim, venda futura nem pensar, o que existe hoje no arroz e se consegue é um financiamento da indústria, eles te emprestam dinheiro com juros altos, empréstimo de dinheiro, a indústria, engenhos, empresta dinheiro prá o produtor a juros altos, aí depois tu entrega o arroz a preço baixo. E a soja não, o preço é de Chicago, tu consegue trabalhar melhor (PS2, Dom Pedrito, 2018, grifo nosso).

Nesse sentido, em especial a partir dos anos 2000, há significativas transformações no sistema de financiamento agrícola, o que vai possibilitar a financeirização de setores da agricultura, como a de grãos, impulsionando a commoditização do campo, dado os altos preços no mercado das *commodities* passando a existir um mercado global de grãos, com preços internacionais (WAQUIL; MIELE; SCHULTZ, 2010; GOLDFARB, 2013).

No que tange aos meios de financiamento do cultivo da soja no Pampa brasileiro, Gonçalves e Sibaldelli (2018) com objetivo de estimar as perdas de rendimento de grãos por deficiência hídrica, bem como identificar qual seria a necessidade de coberturas para operações financeiras de crédito e seguro agrícola, avaliaram 20 áreas de soja, em 18 municípios da região centro-sul do RS, durante a safra 2017/2018, incluindo o município de Dom Pedrito.

Os autores identificaram que na região avaliada, o crédito agrícola cobriu 70% dos custos da safra, que girou em torno de 30 a 35 sacas/ha, incluindo o custo do arrendamento das terras. Porém, para a liberação de crédito oficial o agente financeiro segue o disposto no Zoneamento Agrícola e Agroclimático do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA ou, na sua falta, segue as orientações das instituições oficiais de pesquisa. Isto é válido para a liberação de crédito tradicional, como por exemplo, Proagro e Pronaf e também de várias modalidades de seguro agrícola (GONÇALVES; SIBALDELLI, 2018).

Não obstante, estudo realizado por Bráz (2018) com o objetivo de analisar o comportamento do Pronaf-custeio na zona sul do RS, que compreende o recorte empírico deste estudo, com a finalidade de observar o comportamento do financiamento destinado ao agricultor familiar identificou que o Pronaf-custeio está fortalecendo o cultivo de soja e aprofundando a especialização produtiva. Dessa forma, o cultivo de soja além de compor a

maior parte dos contratos da região estudada também concentra a maior parcela dos recursos financiados, visto que em 2013, a soja compunha aproximadamente 50% do valor financiado para a região, já em 2017, o montante financiado para a soja representou 74,3% (BRÁZ, 2018). Entretanto, Golçavez e Sibaldelli (2018, p. 4) destaca que:

[...] outra modalidade de financiamento para a produção de soja na região não envolve os agentes financeiros tradicionais (bancos) e independe de zoneamento agrícola. Ela inclui as parcerias entre a agroindústria e o agricultor, onde a agroindústria cede sementes e, eventualmente, outros insumos, que são pagos pelo agricultor após a colheita em sacas de soja. Paralelamente, é possível ao agricultor fazer um seguro em diversas modalidades, com as várias seguradoras que atuam na região.

Embora os PSs entrevistados acessem outras formas de financiamentos como, por exemplo, os disponibilizados pelas indústrias e programas destinados a produtores de médio e grande porte como o PRONAMP (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor), é possível observar que o cultivo das lavouras de soja está em larga medida sendo financiado pelo Estado e pelo setor privado, indicando que os PSs podem acessar diversas modalidades de crédito para desenvolver o cultivo do grão. Estudo desenvolvido por Wesz Júnior (2014, p. 68), o autor reconhece que

[...] em um contexto internacional, os principais fatores responsáveis pela ampliação da área de soja são: aumento do preço em determinados períodos, quebra de safra em alguns países produtores, redução dos estoques mundiais, estímulo à produção e consumo de energias renováveis, acordos comerciais entre os países (garantindo a compra do grão) e crescimento da demanda mundial da soja e de seus derivados, alavancado em especial pela China e por outras nações asiáticas.

Dessa forma, os resultados de nossa pesquisa permitem evidenciar que esse perfil de pecuaristas também é parte de um mercado globalizado de grãos, controlado por um sistema financeiro internacional por vezes percebido com alto grau de distanciamento e imaterialidade, mas que influencia sobremaneira nas estratégias individuais de atores locais, como no caso dos pecuaristas do Pampa brasileiro.

De forma similar aos casos anteriores, o PS3 nasceu na região central do estado do Rio Grande do Sul, migrando para Dom Pedrito no início da década de 1960 em busca de áreas para o cultivo do arroz. A cultura da soja foi agregada ao sistema produtivo da propriedade do entrevistado como uma alternativa de limpeza das lavouras de arroz, no início da década de 2000. Novamente a soja tem sua introdução por meio de uma estratégia em que era utilizada para limpeza de campo, em que mudanças no contexto internacional, que impactaram sobre o mercado desse grão no Brasil, acabaram incentivando esse cultivo, que, de instrumento de

manejo de campo, passa a ser o principal protagonista nesse campo. Cabe destacar que, de maneira breve, Matte (2013) aponta essa prática de limpeza de campo por meio do cultivo da soja enquanto uma estratégia de enfrentamento de pecuaristas de corte do Pampa, para controlar o avanço e proliferação de plantas exóticas e nativas, que dificultam o pastoreio do gado.

Assim, os três PSs afirmam que a soja começou a ser cultivada para limpeza e rotação das lavouras de arroz, o que significa que o crescimento nas áreas cultivadas com soja não está vinculado apenas às questões financeiras, mas também à rotação com a cultura do arroz, uma das principais atividades agrícolas do município de Dom Pedrito. A respeito disso os pecuaristas declaram que:

Ela [a soja] não substitui lavoura de arroz. É que eu tenho muda de arroz, então um ano eu planto soja e outro eu planto arroz, então eu vou mudando, a área continua sempre a mesma de soja e de arroz. Agora mesmo, onde tem arroz ali ano que vem vai tudo soja e onde que tem soja vai arroz. Sempre fiz isso aí [...] Bem antigamente era só arroz, arroz e gado no resto (PS1, Dom Pedrito, 2018).

A soja ela entrou basicamente na rotação com o arroz e entrou nas áreas de pecuária, nas áreas altas, nas áreas de pecuária. Porque a soja ela tem problema na várzea, por exemplo, na área muito baixa ela não suporta o encharcamento, então, por exemplo, se tu colocar a soja numa área de risco, numa área que dá enchente, tá correndo risco de perder totalmente a lavoura. Então assim, a soja ela não ocupou a área do arroz, pelo contrário, ela viabilizou a lavoura de arroz porque aí muitas áreas que não se plantava mais arroz porque tinha problema de invasoras porque tinha problema de arroz vermelho, com a entrada da soja, essas áreas começaram a ficar limpa novamente, então viabilizaram algumas áreas de arroz que estavam abandonadas (PS2, Dom Pedrito, 2018).

Começamos só arroz e pecuária. A soja começou no ano de 2008 mais ou menos, 2009, não me lembro bem. E a soja, ela entrou muito por uma razão, hoje se a gente repete, há muita resistência das ervas, tu não consegue mais plantar arroz, arroz, arroz, arroz. Tem que ser: arroz, arroz, soja, soja, pecuária, pecuária. Tem que fazer rodízio, por que tu usa herbicidas, classes de herbicidas diferentes, então, porque a natureza reage né?! Tu usa sempre o mesmo grupo químico o herbicida começa a sobreviver, desculpa, a invasora, a erva, começa a sobreviver e tu não mata mais ela. E tu não consegue mais a plantar porque a lavoura fica suja (PS3, Dom Pedrito, 2018).

Corroborando com as declarações dos entrevistados, Barreto (2011) mostra que além de ocupar as terras com menor potencial de irrigação, a soja se expande no município em virtude dos projetos de rotação de culturas e ainda pelas perspectivas de mercado que viabilizam ora uma ora outra cultura, e que são de alguma forma, determinantes para a configuração das lavouras temporárias em Dom Pedrito.

Como pode ser observado nas falas dos entrevistados, inicialmente era utilizado o sistema arroz e pecuária e posteriormente a soja, apenas como rotação de cultura do arroz,

entretanto, a soja também avançou para as áreas destinadas a atividade pecuária. Nesse sentido, Barreto (2011) afirma que os pecuaristas que se destacam em Dom Pedrito são os que produzem soja, arroz ou os dois, esse sistema de produção é chamado pelos produtores locais de pecuária consorciada à agricultura, mas que depende de um fator essencial: capital para investimento.

Posto que as lavouras de soja estão avançando nas áreas anteriormente destinadas a atividade pecuária, Arbeletche; Litre; Hermes (2010) aponta que esse processo não teve início apenas pelo cenário favorável a produção de soja, uma vez que após a década de 1950 áreas onde era praticada apenas a pecuária tradicional começaram a ceder espaço ao cultivo do arroz irrigado e de soja, processo denominado “despecuarização espacial”, o que provocou significativas alterações na típica paisagem do Pampa brasileiro.

De acordo com Vélez-Martin *et al.* (2015) os campos naturais do bioma Pampa têm sido utilizados para a atividade pastoril, por sua vasta e diversificada oferta de alimento para o gado, dependendo apenas do sol, da água da chuva e da fertilidade natural do solo para o seu desenvolvimento e consideram que a supressão dos campos naturais, de forma ampla, para produzir grãos e madeira torna-se um contrassenso, já que se desperdiça esse patrimônio fitogenético proporcionado, sem custos, pela natureza em troca de atividades intensivas e dependentes de pacotes tecnológicos, suscetíveis às oscilações de preços do mercado internacional e vulneráveis aos riscos climáticos da região do Pampa.

A modificação dos campos nativos de pastagens naturais pelas lavouras gera a necessidade do cultivo de pastagens artificiais. Para o perfil de pecuarista analisado nessa seção, as pastagens artificiais são uma boa alternativa para otimizar o uso do solo na entressafra, mesmo exigindo investimentos em insumos para o cultivo dessas pastagens. Essa realidade é um paradoxo no Pampa brasileiro, visto que, para os pecuaristas que desenvolvem a atividade pecuária de forma mais tradicional, como é o caso dos Pecuaristas Tradicionais que serão analisados na próxima seção desse capítulo, consideram o campo nativo um recurso de alta qualidade que necessita de manejo e conservação.

Embora a bovinocultura de corte ainda seja uma das atividades mais representativas em termos de área e geração de renda para o município de Dom Pedrito, detendo o 4º maior rebanho bovino do RS (Informativo Nespro, 2018), o estudo realizado por Capoane e Kuplich (2018), com objetivo mostrar o avanço das lavouras de soja em área tradicional de pecuária no bioma Pampa e sinalizar a necessidade de planejamento e conservação no manejo dos campos naturais que abarcou o município, mostram que, com base nos dados do PPM/IBGE, os rebanhos de bovinos e ovinos diminuíram 6,2% e 25%, respectivamente, entre 2005 e 2015

em Dom Pedrito. De acordo com os autores, a diminuição da pecuária ovina e bovina é reflexo do aumento da área plantada com soja.

Na percepção dos PSs a pecuária vem diminuindo com o aumento das lavouras de soja, corroborando tal argumentação. Os discursos a seguir ilustram essa afirmação:

O que está aumentando é a soja, está saindo o gado e entrando a soja (PS1, Dom Pedrito, 2018).

É, mas aqui na região já diminuiu bastante quem trabalha com cria, pela comodidade e facilidade. É muito mais fácil tu alugar a tua área e ganhar do que tá ali criando, *arriscando* e coisa. Então, nos últimos anos, diminuiu muito. Ficaram os mais tradicionais, esse pessoal que é apaixonado mesmo pela pecuária, esse são os que ficaram. Quem não tinha muito apego tá passando prá soja (PS2, Dom Pedrito, 2018).

Hoje o pecuarista mais tradicional ele tá quase que fora, tá *off*. Por exemplo, nós quando vínhamos aqui, o meu pai quando veio aqui o cara tinha 2 mil hectares, o pecuarista tradicional, e ele dava 50 hectares para o meu pai plantar. Hoje nós temos propriedades aqui que nós estamos gerenciando toda propriedade do cara, e ele tá em casa recebendo a cada dois meses, ele nem sabe quanto eu colho, eu já estou pagando pelo domínio da propriedade, porque, fazer isso aí, plantar, não é pra qualquer um, isso é muito complicado (PS3, Dom Pedrito, 2018).

Entre os fatores presentes nas falas dos PLEs é o significativo retorno financeiro dos arrendamentos para os proprietários que cultivam soja e que anteriormente eram destinadas a pecuária, tornando-se um fator que contribui significativamente para o avanço das lavouras de soja, provocando uma reconfiguração no espaço agrário do Pampa brasileiro, argentino e uruguaio.

De acordo com Litre (2010) 90% da soja uruguaia era produzida em terras arrendadas, sendo que as empresas de produção de soja pagam preços muito altos pela terra, ao ponto de o valor da soja ser o ponto de partida para as negociações de arrendamento da terra agrícola. Assim como no Uruguai, também no Brasil e na Argentina o aumento do preço da terra tem provocado a realocação ou desaparecimento de outras áreas produtivas, como a pecuária e a produção de leite, uma vez que os produtores não conseguem pagar os novos preços de arrendamento (LITRE, 2010).

As falas dos PSs ilustram a influência do aspecto financeiro exercido pela remuneração do arrendamento para a produção de soja em áreas anteriormente dedicadas a pecuária tradicional:

Tem um grande problema aqui na região é que a maioria, 60% são arrendatários, 70% são arrendatários. Então o que que acontece, o proprietário que tem o gado o dono da fazenda tem o gado, e ele quer aproveitar o máximo com o gado, chegar lá perto do plantio, então atrasa o plantio. Aí eles não conseguem plantar cedo porque

o cara não libera a terra não libera as áreas prá plantar e não é o meu caso, eu tenho uma área fechada e eu faço o que eu quiser fazer. Então eu planto a hora que eu quiser plantar por isso que eu tenho uma diferença na produtividade e quem faz assim também tem diferença (PS1, Dom Pedrito, 2018).

Arrendam as vezes parte da propriedade, alguns até toda a propriedade, mas pelo menos parte da propriedade que é justamente o pecuarista tradicional, o pecuarista mais conservador ele se deu conta que se ele tem a lavoura de soja ele tem uma facilidade prá ter um cultivo de inverno bem estabelecido, que é mais fácil tu estabelecer uma pastagem de inverno numa resteva de soja do que num campo nativo ou num campo que ele vai ter que fazer um preparo de solo prá implantar a pastagem. E fora o ganho que tem do arrendamento, que é bem remunerado hoje o proprietário que tem área de soja, ele é bem remunerado (PS2, Dom Pedrito, 2018).

Já tá definido no contrato quanto eu vou pagar a cada dois meses pela propriedade. Porque quando eu chego nesse sistema (*de arrendamento*) aqui, a propriedade fica sob meu domínio, se eu quiser plantar mais arroz, menos arroz, mais soja, menos soja... Ai fechou, ai daqui eu comando (PS3, Dom Pedrito, 2018).

Corroborando com os discursos acima, Litre (2010) afirma que o *boom* de preços, do qual a soja é a principal protagonista, tem aumentado a concorrência pelo uso da terra entre monoculturas e pastagens naturais, fomentando a diminuição da pecuária tradicional.

Até aqui foi possível observar a transformação no espaço agrário do bioma Pampa por meio da substituição das áreas destinadas a produção pecuária por áreas dedicadas as lavouras de soja, principalmente favorecidas pelas estruturas já consolidadas para produção de arroz. Entretanto, é notável que a introdução da soja ocorre principalmente na década de 2000, relacionada também ao aumento da demanda e a alta nos preços da *commodity*.

É importante frisar que o uso de novas tecnologias também é um fator decisivo nesse cenário de expansão das áreas cultivadas com soja no Pampa, que, por meio do emprego de pacotes tecnológicos, levaram para o Pampa uma série de variedades que se adaptaram ao solo e ao clima pampiano, gerando significativos índices de produtividade. Não obstante, em um período de 17 anos a produção da soja no município de Dom Pedrito passou de 3.360 toneladas no ano de 2000 para 231.503 toneladas em 2017 (IBGE, 2019).

Um conjunto de tecnologias de produção como melhoramento vegetal com novas variedades de sementes transgênicas, técnicas de manejo e fertilidade do solo com plantio direto, controle de plantas daninhas, pragas e doenças com o uso de agroquímicos, entre outras, contribuiu para a expansão da soja no Brasil, todavia, não resta dúvida que a incorporação de mais terras à produção de soja foi um fator decisivo, já que em 2014 a área colhida passou de 14 para 30 milhões de hectares, crescendo a uma taxa de 4,3% ao ano, bem acima da taxa de crescimento da produtividade (ESCHER, 2016).

A partir das entrevistas foi possível identificar que a tecnologia de sementes contribuiu sobremaneira para a expansão das áreas cultivadas com soja. Os discursos a seguir corroboram tal argumentação:

Porque antigamente aqui não era região de soja. Aqui era área marginal prá soja e como a tecnologia foi avançando aí foram plantando soja e aí foram vendo que produzia. Mas assim a explosão da soja no município aqui foi de dez anos prá cá. Que foi o estouro, que aumentou muito a área de soja (PS1, Dom Pedrito, 2018).

A transgenia entrou no BR acho que há uns 10 anos atrás, até então não tinha materiais transgênicos ela entrou, começou a entrar meio contrabandeado mesmo. Entrou ilegalmente da Argentina, aí se dizia a “soja Maradona” que aí a soja vinda da Argentina. Aí os primeiros materiais transgênicos então que iniciaram o cultivo, no RS principalmente e Paraná, foi de soja transgênica da Argentina até que passou pelo Ministério (PS2, Dom Pedrito, 2018).

Aí a entrada dessa soja transgênica, o início, foi o que começou o desenvolvimento aqui na região porque antes não tinha, era muita pouca soja que foi quando a família aqui começou a plantar soja novamente. Porque isso, principalmente porque há dificuldade de controlar a planta invasora. [...] Então as lavouras eram tomadas de sujeira, de “carrapicho” de “guanchuma”¹⁵ de ervas de difícil controle e com o advento da soja transgênica já havia o produto na época que é o glifosato que é o produto de ação total, e esse produto então limpava as lavouras então aquilo era uma maravilha, tu colher a soja no limpinho a soja aí começou até a se produzir mais, valia a pena plantar a soja transgênica porque a questão econômica. Tu passava uma vez ali o dessecante, matava a sujeira, a soja vinha no limpo e produzia muito mais (PS3, Dom Pedrito, 2018).

Ratificando a informação trazida pelo PS2, Oliveira e Hecht (2016) afirmam que variedades transgênicas ou geneticamente modificadas (GM) foram aprovadas na Argentina em 1995 e contrabandeadas para o Brasil, Paraguai e Bolívia até que esses governos também as aprovaram entre 2003 e 2005. Para Oliveira e Hetch (2016, p. 254-255),

Durante esse período, um conjunto de empresas agroquímicas transnacionais começaram a dominar as sementes de soja e o mercado de agroquímicos. Atualmente, as três principais empresas - Monsanto, Syngenta e DuPont/Pioneer - controlam mais de 55% dos mercados globais de sementes de soja, e essa concentração é ainda maior na América do Sul, onde predominam as variedades GM.

Desta maneira, os PSs também estão inseridos no mercado global de sementes, insumos, maquinário e recursos financeiros empregados no sistema produtivo e de distribuição da soja, uma vez que seus sistemas produtivos incorporam esses bens de produção. Os três PSs plantam variedades transgênicas de soja:

¹⁵ Espécie de planta nativa da região

Eu planto três variedades. É a “5909”, a “Ponta” que é intacta e a “TecIrga” essas três variedades. [...] O adubo é um só (conjunto) prá toda a variedade, compro na empresa Sábia, que é da “Herrera” da “Monsanto”, mas eu compro por intermédio da empresa Sabiá (PS1, Dom Pedrito, 2018).

Mas os insumos que são utilizados aqui são os mesmos da lavoura do vizinho, são os mesmos da lavoura do Planalto, não muda muito, é o dessecante que é o glifosato, que hoje toda soja plantada é transgênica, praticamente não existe mais soja convencional, toda soja é “RR”, ou “RR2” que já é um o RR2 seria mais um evento que tem que é prá lagarta que é chamada *Intacta* porque a folha fica inteira, fica intacta, então é uma outra tecnologia que tem no gene da semente. Então praticamente todo o estado e todo o BR planta transgênica, então semente, o que eu posso te dizer hoje, acho que 70% usa semente de sementeiras, e os outros 30% salvam a semente [...] Insumos, se utiliza tudo que é possível. Combustível, sementes, certificadas de preferência, que são mais caras, adubo, herbicida, fungicida, fertilizante folhear (PS2, Dom Pedrito, 2018).

[...] na verdade a soja principalmente hoje ela tem um pacote Se tu me perguntar os nomes, eu quase não sei, eu chego na revenda, claro, meu agrônomo sabe, mas por exemplo: fungicida, tem a ferrugem asiática, fungicida é escrita de 15 em 15 dias. Nós como produtores só pagamos. E se não faz, dá problema né? [...] Adubo vem de Rio Grande normalmente né, a gente compra de duas ou três empresas, em a Bunge, tem a Yara, normalmente se compra direto deles (PS3, Dom Pedrito, 2018).

De acordo com Oliveira e Hetch (2016) a transformação fundamental em tecnologias e técnicas começou com variedades de soja Geneticamente Modificada (GM), modificadas para resistir a herbicidas à base de glifosato (originalmente patenteados pela Monsanto como *RoundUp* e *RoundUp-Ready* ou sementes de soja RR) assim, o agronegócio de agroquímicos e de soja afirmaram que o pacote tecnológico RR simplificaria as práticas de produção, reduzindo as aplicações de defensivos químicos e aumentariam a produtividade, diminuindo assim os custos de produção e aumentando os lucros dos agricultores.

De acordo com os autores um dos atrativos centrais do sistema tropical de soja é que ele permitiria técnicas de plantio direto que possibilitam o cultivo duplo, colocando-o em clara vantagem de produtividade em relação aos sistemas de cultivo de soja em zonas temperadas.

Além das tecnologias de sementes, adubo e defensivos químicos os PSs investem valores consideráveis em tecnologias de maquinários. Alguns desses equipamentos são pivôs de irrigação, *drones*, tratores e colheitadeiras equipados com piloto automático e até mesmo com sensores a laser para medir a profundidade do solo (como no caso do PS3), o que auxilia no nivelamento do solo para padronizar a quantidade de água necessária para a produção de arroz e soja. Ademais, um dos entrevistados trabalha com um sistema de agricultura de precisão, que permite a partir da identificação do tipo de solo e das taxas de fertilidade a aplicação adequada de insumos e adubo, bem como, as variedades de sementes mais apropriadas para cada tipo de solo.

Os PSs afirmam que os investimentos em tecnologia não geram retorno imediato além de que os custos das lavouras de soja e de arroz vêm aumentando significativamente, o que gera uma maior necessidade de buscar crédito em bancos ou com as indústrias de processamento de grãos. Andreatta (2009) ao analisar esse perfil de pecuarista destaca que os Pecuaristas-Lavoureiros Especializados, neste trabalho denominados Pecuaristas Sojicultores, tendem a depender mais de crédito e financiamentos, seja para capital de giro, investimentos e custeio de suas atividades o que aumenta o grau de endividamento.

Nesse sentido, de acordo com Wesz Júnior (2014) para além da concentração no esmagamento da soja por empresas como a Bunge, Cargill, ADM, Dreyfus e Amaggi, essas passaram a investir em outras etapas da cadeia produtiva, como produção e venda de insumos, oferta de financiamento, assessoramento técnico, compra do grão, processamento, exportação da soja *in natura* e venda de mercadorias prontas para o consumo, estratégia denominada na literatura como “verticalização da produção”, que tem como característica principal a apropriação das diferentes etapas da cadeia por uma mesma empresa.

Isso significa que uma única firma estará atuando nas diferentes fases do processo produtivo de forma coordenada – enquanto que anteriormente ela se envolvia somente com um dos elos, como o esmagamento ou a comercialização da *commodity* (WESZ JÚNIOR, 2014). Assim, os PSs presentes no Pampa brasileiro também são parte da longa, complexa e globalizada cadeia da *commodity* soja.

Tendo em vista que o objetivo dessa sessão capítulo foi identificar quais as mudanças na bovinocultura de corte percebidas pelos Pecuaristas Sojicultores e quais aspectos influenciam na escolha destes pecuaristas entre investir na bovinocultura de corte ou nas lavouras de soja é possível afirmar que os PS estão expandindo as áreas cultivadas com soja em detrimento da bovinocultura de corte, influenciados principalmente pelo cenário favorável a exportação do grão.

Diante desse cenário, o próximo capítulo busca mostrar quais mudanças são percebidas na bovinocultura de corte pelos Pecuaristas Tradicionais diante do avanço das lavouras de soja, e como essas mudanças estão influenciando na escolha entre manter-se somente na atividade pecuária, produzir por conta própria ou arrendar parte da área da propriedade para o cultivo da soja, ou substituir a atividade pecuária pelas lavouras do grão.

5.2 AS TRANSFORMAÇÕES NA BOVINOCULTURA DE CORTE NA PERCEPÇÃO DOS PECUARISTAS TRADICIONAIS

Os Pecuaristas Tradicionais organizam as atividades produtivas em torno da bovinocultura de corte aliadas, ou não às atividades agrícolas. Foram entrevistados 11 pecuaristas desse perfil, sendo que cinco possuem vínculo com a soja e seis desenvolvem unicamente a atividade pecuária. Os vínculos com a soja dos cinco pecuaristas se dão por meio de arrendamento de áreas próprias para o cultivo do grão ou arrendamento de terceiros com pastagens cultivadas em restevas de soja.

Alguns Pecuaristas Tradicionais em especial os que desenvolvem apenas a atividade pecuária, percebem como principal mudança na bovinocultura de corte, a diminuição dessa atividade. Os mesmos afirmam estarem sendo “cercados pela soja”. A expressão anterior reflete a percepção desses pecuaristas, na medida em que sentem-se pressionados pelo cultivo da soja, que aproxima-se e parece querer ocupar as áreas de pastagem provocando o processo denominado por Alves e Bezzi (2013) de “despecuarização” espacial.

Diante desse cenário, antes de abordar as mudanças na bovinocultura de corte identificadas pelos pecuaristas considera-se indispensável compreender quais os fatores que influenciaram para o significativo avanço das lavouras de soja no Pampa brasileiro.

Em linhas gerais, os Pecuaristas Tradicionais atribuem essa expansão principalmente ao retorno financeiro propiciado pelo cultivo do grão e por fatores como: Tecnologia de sementes; investidores em busca de áreas de terras vindos de outras regiões do estado; rotação de lavouras de soja e arroz; disponibilidade de áreas para arrendamento ou venda; descapitalização de alguns pecuaristas; baixa nos preços pagos pelo quilo do gado vivo; disponibilidade de crédito para as atividades agrícolas; utilização das lavouras de soja para “limpeza de campo” e descontinuidade da atividade pecuária.

Os discursos a seguir dão conta de demonstrar algumas percepções dos Pecuaristas Tradicionais entrevistados a respeito dos fatores que contribuíram para o avanço das lavouras de soja.

Uma é a ineficiência das propriedades rurais, das estâncias, dos campos, de não estudarem o campo, ou a origem que vem junto, são de origem italiana, de origem alemã, ou pessoas assim que tem afinidade com agricultura que é o seu meio que veio junto, e olham uma extensão aqui... e ela faz o que sabe. Depois da soja aí ela vai identificar a condição pecuária no lugar, mas já não tem mais campos, aí já é pastagem [...] Mas o produtor vem e planta soja, e o dono enxerga a condição de que

é muito difícil o gado e essa condição assim e aí vê cifrões na frente e vai. Hoje estão fazendo negócios de 10 sacos/ha prá quem tem uma certa pecuária meia medíocre na propriedade, 10 sacos/ha de soja é um encantamento isso, é irresistível, porque do contrário, ele vai ter que mudar sua atividade, prá produzir, e a pecuária aqui no bioma Pampa ela produz tanto quanto, ou mais que a soja, desde que você seja um pecuarista dedicado a gerenciar seu pasto [...] o método, o sistema de plantio foi decisivo porque aí tu permanece com a estrutura do solo, e as variedades foram também bastante decisivas e a condição da transgenia que permitiu se fazer limpeza de soja pós plantio (PT1, Dom Pedrito, 2018).

Aumentou porque ela é bem rentável, porque a gente começa a fazer conta assim de quando tu arrenda uma área prá soja e tu tem que produzir muito bem numa área de pecuária prá ti se igualar a ela, as vezes o pessoal tá cansado de trabalhar ou tá com algum problema, faz a conta ali e tem um resultado líquido altíssimo sem envolvimento acabam fazendo esse negócio, e claro que quem vem plantando vem tendo uma receita boa então vai avançando, por isso que eu acho que teve esse *boom* aí (PT2, Dom Pedrito, 2018).

É um somatório de fatores [...] Ainda tendo variedades da Embrapa específicas prá cá o produtor ainda usa variedades que ele julga serem produtivas, então as áreas realmente são férteis e a Colônia, tu pega a parte sojeira do estado ela não tem mais o que crescer naquela região, então tu imagina que tu tá aumentando fronteira agrícola, isso aí é em todo lugar do mundo tu vai aumentando fronteira agrícola então eles aumentaram prá cá (PT8, Dom Pedrito, 2018).

Arrendamento mais é prá soja [...] aí se não dá prá soja termina arrendando prá outro pecuarista. Mas não acontece muito, é raro, é muito difícil. Que eles vão atrás do valor que é alto. A soja cobre o valor, eles pagam mais que na pecuária, tem muita diferença, os lavoureiros pagam o valor que os da pecuária não pagam, terminam correndo com a pecuária por isso, o valor é alto (PT10, Dom Pedrito, 2018).

Eu acredito que o avanço da soja, a partir de alguns anos comece a estabilizar e [...] do pouco conhecimento que eu tenho da produção da soja e do arroz assim, é que é muito influenciada pelas questões dos financiamentos. O produtor depois de entrar não consegue parar, é igual o produtor de leite, por exemplo, depois de tu entrar na atividade leiteira o que tu vai fazer com as tuas vacas se tu parar? O que tu vai fazer com aquela estrutura que só serve prá aquilo dali, tu não consegue parar (PT5, Dom Pedrito, 2018).

Como abordado anteriormente, a modernização da agricultura, a tecnologia e o arrendamento de terras foi fundamental para a expansão da soja, não apenas no Pampa brasileiro, mas também no Pampa argentino e uruguaio.

No que tange à questão do arrendamento de áreas para o cultivo da soja, ou o arrendamento de áreas com pastagens cultivadas em restevras de soja, o estudo de Gédouin *et al.* (2013) realizado na cidade de Tacuarembó, Uruguai, com objetivo de analisar as transformações induzidas pela chegada de novos atores e usos da terra (silvicultura, agricultura) na evolução do sistema agrário de uma região historicamente orientada para a atividade pecuária extensiva e criação de ovinos, identificou que o arrendamento de terras teve papel importante na reconfiguração do sistema produtivo na região analisada.

Nos anos 2000 as condições financeiras dos estabelecimentos pecuários no Uruguai eram particularmente difíceis, diante de uma forte seca registrada no verão de 1999-2000 e

uma epidemia de febre aftosa em 2001. Nesse contexto de crise, os baixos preços das terras com potencial agrícola e a desvalorização da moeda uruguaia compunha um contexto favorável para a produção de oleaginosas para exportação. Diante desse cenário, proprietários de terras que buscavam liquidez à curto prazo, viram no arrendamento de terras uma oportunidade de se capitalizar de forma rápida e eficaz (GÉDOUIN *et al.*, 2013)

De acordo com os autores, os grandes proprietários de terra (5000-8000 ha) visando mais renda, que já arrendavam partes de suas terras para agricultores de arroz, aproveitaram para arrendar também para empresas agrícolas. Desta forma, as áreas arrendadas atingiram 12 a 15% da área total do estabelecimento, e os piquetes que voltaram a entrar no sistema de produção pecuária foram sistematicamente plantados com pastagens, elevando para 20% a área de campo melhorada nas terras destinadas à pecuária. Esta situação permitiu que aumentassem a carga animal por hectare, melhorassem o controle da taxa de procriação do rebanho, diminuíssem a idade de abate dos animais e terminassem mais rapidamente engorda, criando um novo sistema produtivo.

O impacto do arrendamento se revelou como muito importante nos estabelecimentos pequenos e médios (menos de 1000-1500 ha), onde o percentual de terras arrendadas representavam mais de 10% da propriedade. Gédouin *et al.* (2013) observam que a dependência dos recursos proporcionados pelo arrendamento estabeleceu uma relação de força em detrimento do pecuarista:

O impacto foi tamanho que alguns pecuaristas familiares que tinham significativas dificuldades financeiras a curto prazo, decidiram arrendar a quase totalidade de suas terras. Em estabelecimentos maiores esta prática também teve impactos sobre as áreas de pastagens. Alguns proprietários negociaram a plantação de pastagens ao final do contrato e começou a implementação da rotação soja-trigo durante 3-4 anos, passando para 4-6 anos de arrendamento (Gédouin *et al.*, 2013, p. 193).

De forma similar ao aumento das áreas arrendadas para produção agrícola e silvicultura no Uruguai, como já discutido anteriormente, essa realidade também está presente no Pampa brasileiro, deixando as áreas antes destinadas à pecuária vulneráveis ao avanço das lavouras de soja. Nesse sentido, o estudo realizado por Matte (2013) nos municípios de Dom Pedrito, Bagé, Piratini e Pinheiro Machado, com 60 pecuaristas de corte identificou que para 57% dos entrevistados o avanço de atividades como cultivo da soja e silvicultura sobre as áreas de campo nativo dificulta o encontro de áreas temporárias para a pecuária, representando uma situação de vulnerabilidade para os pecuaristas.

Semelhantemente a situação de dependência dos recursos proporcionados pelos arrendamentos em pequenas e médias propriedades no Uruguai identificada por Gédouin *et al.* (2013) em detrimento da pecuária, o mesmo contexto é observado por alguns pecuaristas de Dom Pedrito.

O PT10 afirma que “a soja cobre o valor [do arrendamento], eles pagam mais que na pecuária, tem muita diferença, os lavoureiros pagam o valor que os da pecuária não pagam, terminam correndo com a pecuária por isso”, apresentando indícios de que as lavouras de soja estão avançando em áreas anteriormente destinadas somente às atividades criatórias, embora a narrativa mais comum sobre o tema seja de que as lavouras não mitigam a atividade pecuária, pelo contrário, colaboram com a atividade por meio das pastagens cultivadas. Como abordado anteriormente, nossa pesquisa apresenta indícios de que a relação de complementaridade estabelecida entre o cultivo da soja e a bovinocultura de corte vem se transformando em uma relação de competição no que se refere às extensões de áreas e retorno financeiro.

Desta forma, quando questionados sobre se identificam alguns tipos competição entre as lavouras de soja e a bovinocultura de corte no Pampa brasileiro, em linhas gerais, predomina a narrativa da rentabilidade das atividades que quando comparadas, a pecuária fica em desvantagem, gerando uma competição em termos de área. Os discursos a seguir são capazes de ilustrar a percepção dos pecuaristas sobre essa temática:

A soja por diversos fatores tecnológicos, produtivos, econômicos, ou seja, esse *boom* das *commodities* nas últimas décadas pressionou as áreas de pecuária, então pressionou onde a terra vale menos. Então a terra aqui na região do Pampa o valor dela como patrimônio é menor do que as terras do norte do RS onde a agricultura já é uma principal atividade. Então ela vem pressionando, e ela vem pressionando dessa forma nas propriedades de pecuária com a entrada de agricultores que arrendam o campo e te dão uma porcentagem. E esses agricultores não tem terra eles são, alguns tem, mas em grande parte deles não tem (PT11, Dom Pedrito, 2018).

Diretamente. Ela tira da atividade a capacidade de geração, porque quem planta soja pode engordar boi, mas quem planta soja não vai fazer cria¹⁶. Porque ele tem uma janela que é exuberante de aveia de azevem, mas ele tem um tempo que ele tem que tirar dali, então ele pode até comprar terneiro comprar um novilho e terminar aí ele vem competir, perde mercado, oferta tudo na mesma hora e o produtor aquele que não tem essa atividade sofre esse solavancos de todo o jeito, mas ele não cria, então as propriedades que estão entregando toda sua atividade prá soja tão reduzindo a capacidade de criar, então, de gerar novas gerações de bezerras, ou de manter fêmeas ou coisas assim, elas precisam ser tiradas, ser vendidas, descartadas, então ela compete direto (PT1, Dom Pedrito, 2018).

¹⁶ O sistema de Cria “é composto do rebanho de fêmeas em reprodução, podendo estar incluída a recria de fêmeas para reposição, para crescimento do rebanho e para venda. Nesse sistema, todos os machos são vendidos imediatamente após a desmama, em geral com 7 a 9 meses de idade. Além dos machos desmamados, são comercializados bezerras desmamadas, novilhas, vacas e touros. Em geral, as bezerras desmamadas e as novilhas jovens (1 a 2 anos) são vendidas para reprodução, enquanto as novilhas de 2 a 3 anos, as vacas e os touros descartados se destinam ao abate” (EMBRAPA, 2005, p. 17-18).

Acho que se o pecuarista for mais eficiente hoje, ele não tem que ter medo da soja, ele pode diminuir o rebanho dele e melhorar os índices e ele vai ter a mesma quantidade, eu acredito que não tenha problema, isso aí é tranquilo, só acho que a maioria do pessoal não se deu conta disso, não fez essa conta (PT2, Dom Pedrito, 2018).

A pecuária ela tem que ser muito competitiva prá ela não perder prá essa soja, mas eu vejo o outro lado da moeda, no momento que tu fez uma decisão de deixar a soja entrar e tu tirou teu gado tu não compra mais o teu gado, tu não tem mais a vegetação que tu tinha, tu não tem mais aquele campo excepcional que tu tinha, tu com certeza vai ser engolido pelo plantador essa é uma coisa natural dessa cultura, uma cultura que ela não é da nossa região, ela se expandiu muito nesses últimos três quatro anos em função do clima que é favorável (PT4, Dom Pedrito, 2018).

Se tu fizer uma pecuária de anos atrás eles competem, claro! Porque como eu te digo, esses caras que tem, por exemplo, 50% de natalidade, tu imagina ver um dinheirinho na mão, limpo, sem fazer nada. Eu vejo pela gente, a gente tem hoje, 250/300 vacas em serviço, se tu ficar só esperando por elas. (PT12, Dom Pedrito, 2018).

A pecuária foi empurrada para as áreas menos férteis [...] na quantidade de animais acredito que não vai ter muito reflexo, mas tu nota que com o aperto dos campos tu vai perder muito em capacidade de suporte forrageiro então eles vão ter que intensificar de algum jeito, suplementando, adubando então essas áreas vão ter que sofrer um processo até de limpeza porque tem muita área, ela tem muita parte que não é comestível, macega... (PT8, Dom Pedrito, 2018).

Nós tava comentando aí, prá um arrendamento, um pecuarista não tem como concorrer com a lavoura de soja *né*. O valor é outro então acaba indo para o lado da soja por causa do valor. E aí vai terminando a pecuária (PT10, Dom Pedrito, 2018).

Competem com as áreas sim, mas em questão de mercado não, acho que são mercados diferentes [...] Perde nessas questões de área, mas muitas vezes andam junto (PT5, Dom Pedrito, 2018).

Eu acho que o principal do aumento da soja é a rentabilidade, não que eu ache que a soja seja mais rentável que a pecuária porque no meu entendimento eu consigo ganhar mais dinheiro fazendo pastoreio *Voisin* do que com a soja, só que aqueles produtores que fazem sempre aquele mesmo sistema que os avós fizeram, que os pais fizeram e segue fazendo, que tu produz 60, 70 kg de carne por hectare, aí tu não consegue te sustentar aí vem a soja, aí os caras te oferecem, não vou te pagar 6 sacos de soja ou 10 sacos de soja pro ano inteiro, aí tu vai ter um lucro certo sem precisar trabalhar, que antes precisava trabalhar e mal pagava as tuas contas e agora tem lucro sem precisar trabalhar... Acho que é mais essa questão. Um dinheiro mais fácil. Porque muita área de soja é arrendada, não são os próprios donos que produzem, então acho que é mais essa questão (PT3, Dom Pedrito, 2018).

Na percepção dos Pecuaristas Tradicionais entrevistados há competição entre a bovinocultura de corte e o cultivo da soja no que tange o retorno financeiro proporcionado pelas duas atividades, que quando comparadas, a bovinocultura fica em desvantagem frente à possibilidade de arrendamento para o cultivo do grão. É importante ressaltar que os Pecuaristas Tradicionais que possuem vínculo com a lavoura de soja por meio de arrendamento (exceto o PT11) de parte da propriedade e não produtores de soja, diferentemente do perfil dos Pecuaristas Sojicultores. Dessa forma, a comparação realizada

pelos Pecuáristas Tradicionais entrevistados neste estudo é o retorno financeiro que as lavouras de soja geram pelo arrendamento da terra.

Tendo em vista, que não foi definido como um dos objetivos para este estudo uma análise econômica das propriedades, não foram coletados dados suficientes para a realização de um comparativo entre a rentabilidade da pecuária frente ao arrendamento para o cultivo de soja. Ademais, não foram encontrados estudos que tenham como objetivo comparar o retorno financeiro do arrendamento para o cultivo da soja e a atividade pecuária que ratifiquem ou refutem a percepção dos pecuaristas sobre essa situação de competição, mostrando indícios de carência na literatura de uma realidade considerada relevante para essa significativa categoria social do Pampa brasileiro.

Ainda que não aborde valores monetários, o estudo realizado pelo Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da faculdade de agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos campos naturais do RS aponta que a racionalidade adotada pelo produtor é que arrendando parte da propriedade para o cultivo da soja, receberá de forma líquida o equivalente de seis a oito sacos por hectare, ou seja, entre uma vez e meia a duas vezes sua renda bruta, tendo em vista que a produção média dos sistemas de recria¹⁷ e de terminação no Rio Grande do Sul gira em torno de 60 a 70 kg/ha/ano (NABINGER; JACQUES, 2017).

Esta nova dinâmica produtiva resulta em significativas transformações na organização produtiva dos pecuaristas e influenciam diretamente na escolha desses atores entre manter-se somente na atividade pecuária, produzir por conta própria ou arrendar parte da área da propriedade para o cultivo da soja, ou substituir a atividade pecuária pelas lavouras do grão.

Nesse sentido, estudo realizado por Ferreira e Andreatta (2011) com o objetivo de analisar as mudanças no uso da terra no município de Dom Pedrito-RS, mostrou que mesmo os preços dos bovinos e ovinos apresentando recuperação até 2011, a tendência era de uma “agriculturização” das áreas de campo, estando essa “migração de áreas” para a realização de cultivos de soja, em larga medida, vinculada à rentabilidade esperada da terra. Assim, em períodos favoráveis às lavouras como o período de 2001 a 2006, e, ainda desfavoráveis à pecuária, ocorreram rearranjos significativos em relação à utilização da terra, principalmente

¹⁷ A EMBRAPA (2005) define os sistemas de recria e engorda como uma atividade que tem início com o bezerro desmamado e termina com o boi gordo. Entretanto, em função da oferta de machos de 15 a 18 meses de melhor qualidade, também pode começar com esse tipo de animal, o que, associado a uma boa alimentação, reduz o período de recria /engorda. O mesmo ocorre com bezerros desmamados de alta qualidade. Embora essa atividade tenha predominância de machos, verifica-se também a utilização de fêmeas.

em locais onde esses rearranjos são possíveis, como é o caso de Dom Pedrito, a pecuária tem sido “remetida” para as terras de menor qualidade (FERREIRA e ANDREATTA, 2011).

Estudo realizado por Moreira; Matte; Conterato (2018) com objetivo de compreender como os pecuaristas relacionam-se com o avanço da produção de soja mostrou que as percepções, em linhas gerais, estão fortemente ligadas às motivações para desenvolver a atividade pecuária e dividem-se basicamente em três grupos: 1) aqueles que percebem o aumento nas áreas de soja como um fator de influência negativa na atividade pecuária, predominantemente formado por pecuaristas tradicionais, os quais a pecuária é herança familiar; 2) aqueles que veem o aumento da soja como benéfico para a atividade constituído, majoritariamente, por agricultores que chegaram ao município em busca de áreas maiores de terra para desenvolver a agricultura, os chamados “gringos”, em geral, descendentes de alemães e italianos inserindo-se na atividade pecuária e; 3) um grupo que percebe o aumento nas áreas de cultivo da soja como uma influencia positiva e negativa para a atividade formado por pecuaristas que se envolvem direta ou indiretamente com o cultivo da soja, por meio de arrendamento de ou para terceiros.

Não obstante, as percepções dos Pecuaristas Tradicionais entrevistados nessa pesquisa de dissertação também apresentam diversidade.

Muda bastante. Os acessos porque concomitantemente ao avanço da soja, nada se faz em relação aos acessos, o que antes tu tinha de vez em quando na medida que tu intensifica a pecuária tu também tem um pouquinho de movimento de caminhões tanto de animais que chegam na propriedade quanto dos que saem, mas com a soja é o ano inteiro e é coisa pesada porque o frete hoje, não existe mais caminhõezinhos para o transporte de soja, é pesado, e na campanha eles vão mesmo, é bitrem, carretas e essas coisas assim, e os acessos eles continuam os mesmos, então ficou muito pior. Se vê no meio do rio Tacuarimbó, eu já encontro no meio do rio Tacuarimbó, eu encontro embalagens químicas dentro do rio, então essas coisas elas vêm acontecendo junto (PT1, Dom Pedrito, 2018).

Tem um aspecto aí que influenciou a pecuária indiretamente que foi o seguinte. O aumento de áreas de soja, ele de certa forma, acabou levando a uma concentração produtiva no estado do RS, ou seja, hoje em dia basicamente grande parte dos cultivos são de soja, isso diminui muito o cultivo de outros cereais como, por exemplo, a aveia [...] Então a soja veio e tomou parte dessas áreas que plantavam aveia, azevém, que são as sementes da pastagem. Como ela substituiu essas áreas, o valor da semente das pastagens começou a subir muito, porque começou a reduzir a oferta dessas pastagens prá o pecuarista. Então, o aumento das áreas de soja, trouxe como consequência prá o pecuarista também, uma elevação dos preços da principal matéria prima de forragem de inverno desses animais que são os preços das pastagens. Então o pecuarista ele se sente pressionado também, pelo aumento de seus custos de produção (PT11, Dom Pedrito, 2018).

Sem dúvida. Melhorou muito por dois lados: O lado econômico porque a agricultura é mais rentável, pelo menos na teoria, quando o homem é bom e na pecuária, por incrível que pareça melhorou porque nós mantivemos o mesmo rebanho de antes da lavoura porque a comida aumentou, a condição forrageira melhorou porque a soja

viabiliza uma pastagem mais barata, então se botou muita pastagem artificial o que melhorou também [...] Bastante propriedade virou soja, o pessoal abandonou assim, começou a entregar tudo e a gente nota assim que as áreas diminuíram de pecuária e o pessoal começou a investir, vários pecuaristas entregando tudo prá soja, de saída a gente se assusta, mas tu começa a olhar os índices que é só melhorar uma pequena coisa dentro da tua propriedade que tu não tem problema nenhum, que ela vem prá agregar realmente. Os maiores vão arrendando as propriedades menores, aquele pessoal vem vindo prá cidade, é bem notável isso aí (PT2, Dom Pedrito, 2018).

Mudou bastante, lavoura de soja aqui de uns 40 anos prá cá evoluiu muito, uns 30 anos prá cá [...] É que essas lavoura terminam com tudo né... Terminam, e vai terminando com pássaro, vai terminando com as coisa né, eu acho assim uma pena né, [...] agora de manhã nós tava na mangueira tirando leite e a ‘sariema’ que canta de manhã, andava cantando aí na volta. Cantando os animal, os perdigão na região de vocês não tem perdigão, que é uma perdiz grande assim, perdigão anda aí no campo. Aí esses dias eu conversando lá na feira com o pessoal lá do outro lado da cidade, do Ponche Verde, lá não existe mulita, tatu, prá lá não tem por causa da lavoura, aqui existe em qualquer lugar se acha porque é uma região de pedra, de mato (PT10, Dom Pedrito, 2018).

Eu vejo que hoje, com a soja, hoje já tem bastante gente que arrenda ou compra a pastagem que vem da soja prá botar animais, antes não se via isso. Acho que essa é a principal mudança, eu não te digo que vejo assim: melhorou a qualidade de vida do pessoal que mora no campo por causa da soja, isso eu não acredito. Melhorou de quem planta né, dos outros não. Pró quem não planta (soja) foi boa também (a mudança), porque melhorou o preço do gado. Eu vejo que a gente tinha um padrão com animais mais velhos, bois mais velhos e que isso tá terminando já, o rebanho tá ficando mais jovem isso é uma coisa boa, e como isso melhora o preço, melhora tudo. O preço que a gente tem hoje tanto prá terneiro como prá boi gordo hoje é maior do que era 5 anos atrás, 10 anos atrás quando começou a soja mesmo, eu vejo que melhorou prá os dois lados (PT5, Dom Pedrito, 2018).

É possível observar nos discursos dos Pecuaristas Tradicionais que concomitantemente com a percepção de mudanças negativas na bovinocultura de corte, influenciadas pelo avanço da soja, o PT2 percebe complementaridade entre as atividades, principalmente no que tange a oferta de alimentos para os animais e o retorno financeiro das lavouras. Concomitantemente, na percepção do PT11 o aumento das lavouras de soja aumenta os custos para o cultivo de pastagens, o que pode ser interpretado como uma situação de competição.

Assim, os Pecuaristas Tradicionais entrevistados neste estudo, em especial, os que desenvolvem apenas a atividade pecuária¹⁸ percebem influencia negativa do avanço das lavouras de soja no que tange a conservação dos campos nativos do Pampa e estão preocupados com a reconversão das áreas de campo, já que se utilizam das pastagens naturais

¹⁸ É importante ressaltar que esses pecuaristas não desenvolvem apenas a bovinocultura de corte, mas também adotam a ovinocultura como uma atividade significativa no arranjo produtivo da propriedade. No entanto, visto que o objetivo desse estudo é fazer uma análise da relação entre o cultivo da soja e a bovinocultura de corte, optou-se por não abordar as percepções dos pecuaristas sobre as influencias do avanço da soja na ovinocultura.

como principal fonte de alimentos para os animais. Os discursos a seguir ilustram essa percepção:

Se seguir essa soja aí do jeito que tá, vai ter meia dúzia só de produtor. Eu tenho visto muitos pequeno se atirar prá o lado da agricultura e terminam vendendo o campo, porque aí acabam não tendo mais como povoa (repor o gado) e acabam vendendo (PT3, Dom Pedrito, 2018).

Ah tá entrando (a soja), era um lugar que não tinha entrado, agora pegou a entrar como “praga”, acho que está se escapando eu aqui no nativo [...] acho que só dois porque o demais entrou soja (PT6, Dom Pedrito, 2018).

A gente é cercado ali, um lado é todo soja e a partir do nosso lado ali é todo campo nativo, que costeia a margem do rio Tacuarimbó, claro, que se nota assim (PT5, Dom Pedrito, 2018).

A preocupação dos pecuaristas entrevistados quanto ao “cercamento pela soja” é corroborada pelos dados do uso da terra no município de Dom Pedrito, apontando que entre os anos 2000 e 2017, a área de campos naturais foi reduzida em 38.890 hectares (ou 11,1%), ao passo que as áreas destinadas à agricultura aumentaram em 45.082 hectares. Especificamente as áreas cultivadas com soja cresceram 78.383 hectares representando 57% do total da área atribuída à agricultura de Dom Pedrito (MAPBIOMAS, 2019; IBGE/PAM, 2019).

Essa denominação do cercamento dos campos diz respeito a uma intenção dos pecuaristas em expressar que suas propriedades tem em seu limite o início das lavouras de soja. Isso implica dizer que as áreas vizinhas a sua propriedade, cada vez mais tem cultivado soja, expressando que se antes haviam cercas para limitar o cruzamento do gado, atualmente a cerca já não é necessária, mas permanece para limitar a entrada do plantio.

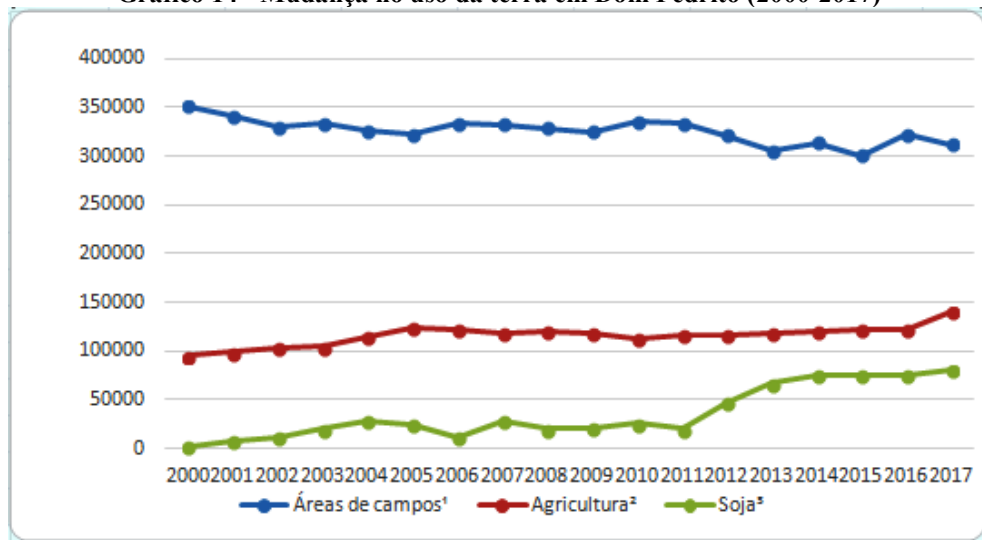
Figura 4 - Representação do “cercamento” da pecuária pela soja percebido pelos Pecuaristas Tradicionais em Dom Pedrito



Fonte: acervo da autora. 2019.

Desta forma, é possível observar no gráfico a seguir que a área cultivada com soja já representa mais de 50% da área agrícola no município, indicando que o avanço da soja não se dá apenas sobre os campos naturais, mas também, está substituindo outras culturas agrícolas. Nesse sentido, as áreas de soja que representavam 2% da área agrícola no ano de 2000, no ano de 2017 representavam 57%, correspondendo a um crescimento de 55% pontos percentuais.

Gráfico 14 - Mudança no uso da terra em Dom Pedrito (2000-2017)



Fonte: Elaborado pela autora com base em MapBiomias (2019); IBGE/PAM (2019)

Os dados apresentados ratificam a percepção dos Pecuaristas Tradicionais entrevistados de um processo de “cercamento” das áreas de pecuária pelo avanço das lavouras de soja, reforçando o indicativo de uma relação de competição entre soja e pecuária em termos de área. O crescimento significativo da representatividade das áreas cultivadas com soja em relação ao total da área destinada à agricultura de Dom Pedrito, é capaz de oferecer um indicativo de substituição de outras culturas, como a do arroz, denotando uma reconfiguração na relação de complementaridade entre soja e arroz, passando a ser também de competição.

Na percepção dos pecuaristas se forem consideradas variáveis como, o custo inicial de investimento para o cultivo das lavouras de soja, o risco de quebra de safra em função do clima da região do Pampa, e especialmente a perda de qualidade e substituição e/ou o desaparecimento do campo natural posteriormente à retirada das áreas de soja torna a bovinocultura torna-se mais vantajosa. A figura a seguir é de uma área de campo em que houve cultivo de soja e atualmente o pecuarista tenta recuperá-la. Segundo o entrevistado, trata-se de um campo com baixa qualidade de pastagem e com predomínio de espécies pouco palatáveis aos animais.

Figura 5 - Área de campo nativo em que houve cultivo da soja



Fonte: acervo da autora. 2019.

Os pecuaristas observam que a bovinocultura, exige um investimento inicial menos significativo que o das lavouras de soja, é uma atividade que se desenvolveu em harmonia

com as condições climáticas da região do Pampa e colabora para a conservação dos campos naturais desse bioma. Ademais, se faz presente nos discursos dos pecuaristas a influência cultural da atividade pecuária. Os discursos a seguir corroboram tal argumentação:

Dentro do estabelecimento você não encontra soja nem arroz, é só campo nativo, isso é o importante do Pampa gaúcho que hoje está se perdendo isso aí [...] O que acaba acontecendo, que o cultivo de soja obriga... Ao final, o cultivo de soja obriga a pastagem cultivada, porque depois que tu tira a soja ele fica isso aqui. Como tu não vai ter, faz com que, como tu não vai ter o retorno do campo nativo, aí tu precisa capital prá isso. Aí acaba que é uma troca, o capital que tu ganha da soja, acaba sendo o mesmo que tu vai implantar depois. E aí se tu pensar bem, se tu não plantar soja, é a mesma coisa, fica com o campo nativo... Mas pouca gente tem essa perspectiva (PT10, Dom Pedrito, 2018).

Um pouco cultural, um pouco porque eu acho um bom negócio também ele não é tão rentável, mas ele tem segurança também né, perto da agricultura ele é muito mais seguro, então tu pode perder um pouquinho em função do preço, mas tu sabe que tá ali, é um produto que tá na tua mão, diferente da soja que dá uma seca uma coisa assim, pode te prejudicar, os investimentos são muito mais altos, o teu custo de produção é bem assustador [...] e eu fui criado nisso aí então tu acaba pegando um gosto, por esses fatores (PT2, Dom Pedrito, 2018).

Eu gosto do campo nativo, acho que bem manejado um campo que tu possa adubar eu acho que é um dos melhores recursos que tu tem que as vez a gente não dá valor, mas é que a gente não cuida dele como deveria, vamos dizer assim, como a gente cuida de uma pastagem, deixar semear na época certa, ajuste de carga isso aí é muito importante e o pessoal não dá bola, mas eu sou muito a favor, embora eu ache que é fundamental ter pastagem junto (PT3, Dom Pedrito, 2018).

A soja seria assim: No momento que tu vai arrendar prá plantar soja, às vezes tu tem que te desfazer de animais e quando tu vai receber o campo de volta talvez tu não tenha dinheiro prá repor esses animais porque tu já vendeu. Tu te descapitaliza ao invés de te capitalizar. No meu caso lá eu usei muito prá limpeza de campo de poteiros com anonne, o avanço do anonne me obrigou a tomar essa atitude de fazer uma parte arrendando prá soja e depois da soja entrando pastagem e trabalhando com diferimento [...] plantei 5 anos soja e parei o ano passado. Tu utiliza muito pouco a pastagem que tu vai fazer artificial, sem contar que a vegetação que tu tinha não tem mais então por esse lado aí que eu não vejo mais vantagem na soja, não acho viável o pecuarista trocar o gado pela soja [...] Não existe aquele ganho que a maioria das pessoas imaginam sobre a soja, prá quem vai plantar é um investimento muito caro por hectare tu desembolsa muito dinheiro prá uma cultura que depende muito de chuva, de água e se der um verão seco e se tu não tiver pivô tu já não consegue ter uma produtividade no mínimo de 50 sacas prá se tornar rentável se pagar as contas e talvez sobrar coisas prá ti poder investir no maquinário ou pagar parcelas de banco (PT4, Dom Pedrito, 2018).

No que tange a percepção dos Pecuaristas Tradicionais sobre o campo nativo, o mesmo que campos naturais neste estudo, Nabinger *et al.* (2009, p. 175) salientam que quando falamos das pastagens naturais do Pampa, estamos nos referindo a “um bioma tão importante quanto a Mata Atlântica ou a Floresta Amazônica”, tratando-se de um ecossistema natural pastoril e, como tal, sua manutenção com pecuária representa a melhor opção de uso sustentável para fins de produção de alimentos, mais ainda em áreas cuja capacidade de uso

do solo apresenta restrições elevadas para utilização em sistemas agrícolas mais intensivos, como é o caso de culturas anuais. Nessa perspectiva, o autor considera que quando o produtor opta pelo arrendamento para a soja e não contabiliza os serviços ecossistêmicos que estão sendo comprometidos, até porque ele nada ganha financeiramente por mantê-los, e na maioria dos casos nem sabe o que isso significa, dificilmente a vegetação e seus serviços ecossistêmicos serão mantidos.

O meu é tudo campo nativo, tem uma areazinha que a gente faz de pastagem, planta uma lavoura de milho, coisa assim e depois deixa com azevém ou semeia no campo nativo, Mas mexer na terra, dessecar não. Mexer na terra até que dá prá dar uns arranhão mas dessecar não, matar esse pasto eu acho uma judiaria [...] Até não sou contra, mas enquanto eu existir, as minhas terras prá soja essas coisa acho que não, tem uma área pequena, não sei cada um pensa de uma maneira, mas dessecar uns campo desses é uma judiaria né, dessecar a grama prá lavoura eu acho uma judiaria, porque isso aqui tem uma leguminosa, tem um pega-pega, arnique [arnica], pasto buenissimo [muito bom] né, eu acho, eu não sou contra, eu acho que um campo sujo tá certo né, limpa bota uma lavoura mas um campo bom (PT10, Dom Pedrito, 2018).

O nativo é a minha base e eu sempre vou privilegiar o campo nativo, inclusive o mês passado eu fiz o credenciamento na *Alianza del Pastizal* (PT3, Dom Pedrito, 2018).

A mercadoria que eu tenho é o pasto, são oito gerações aqui em cima desse campo e tá o mesmo campo... Falam do campo nativo, mas faz o seguinte, aprende a trabalhar com o campo [...] Me dói assim de ver esses campo, os cara tão tudo iludido com a soja, mas não tão vendo que os campo dele nunca mais vai ser a mesma coisa (PT6, Dom Pedrito, 2018).

Eu acho que com o avanço da soja o produtor dito conservador antes, visto como conservador, que é atrasado e que tinha que plantar também, agora tá sendo visto com outros olhos, o *feedback* que tá vindo do consumidor é de uma carne produzida a pasto nativo [...] A nossa produção lá é praticamente orgânica, só não é orgânica porque a gente usa medicamento prá o controle dos parasitas (PT5, Dom Pedrito, 2018).

Não obstante, três Pecuaristas Tradicionais optaram por não manter o arrendamento de suas áreas para o cultivo da soja por considerar que o retorno monetário não estava sendo satisfatório frente à bovinocultura. Os entrevistados relatam que:

O cultivo da soja se deu por dois motivos: Primeiro que tem um retorno econômico. Então com esse retorno econômico eu posso investir nas pastagens que se eu não tivesse a soja me sairia muito oneroso, muito caro [...] E a gente se arrependeu. Aqui Não sei se é porque o verão foi muito seco que a gente teve alguma dificuldade com os animais, de perderem peso, etc. A gente precisava de mais área. Nesse ano, a experiência com a soja, na minha perspectiva, enfraqueceu o gado, porque a gente precisava de mais áreas de pastagem natural, para a pecuária. Minha perspectiva é que nos próximos anos a gente não aumente. Ou mantenha ou diminua. Mas assim, eu acredito que não seja uma perspectiva geral do pecuarista. Acho que esse verão mais quente e mais seco, vai expandir as áreas de soja devido ao pecuarista ter menos capital prá o próximo ano. Porque como a gente tem rendas não agrícolas, a gente pode suportar [...] O pecuarista tradicional tipo meu pai, ele não tá interessado em plantar soja, ele não tem interesse em fazer o cultivo de soja, ele cede uma área né, terceiriza a plantação, cede como um arrendamento de uma área em um período

específico do tempo, pequeno, um período de safra e recebe uma porcentagem em relação a isso, da soja, e aí ele transforma essas áreas que tem soja em pastagem cultivada depois (PT11, Dom Pedrito, 2018).

A primeira delas é não ter “gringo” dentro da propriedade, aramados que estragavam, porteiras nunca tinha, saiam das lavouras e era só rastro e dificultava inclusive prá entrar, eu não tenho as vezes muito tempo então eu tenho que entrar e poder andar em todos os meus campos de camioneta então ficava aquele “rastrerio” sacos no meio do campo, bueiros atirados, ela não tava me remunerando suficiente, tanto o arroz como soja então nas áreas de gado a gente tinha um comprometimento menor da área e uma lucratividade muito semelhante. Arrendou mais de trinta anos. Ele voltou a ser nativo, ele demora um bom tempo, prá o mínimo assim 5 anos (PT8, Dom Pedrito, 2018).

A soja seria assim: No momento que tu vai arrendar prá plantar soja as vezes tu tem que te desfazer de animais e quando tu vai receber o campo de volta talvez tu não tenha dinheiro prá repor esses animais porque tu já vendeu. Tu te descapitaliza ao invés de te capitalizar. No meu caso lá eu usei muito prá limpeza de campo de poteiros com anonne, o avanço do anonne me obrigou a tomar essa atitude de fazer uma parte arrendando prá soja e depois da soja entrando pastagem e trabalhando com diferimento, com cerca elétrica prá poder conseguir controlar o anonne que é a praga que a gente tem na região aqui e em todo o estado que vem avançando muito, terminar com ele não se termina, mas tenta trabalhar com o mínimo [...] plantei 5 anos soja e parei o ano passado. Tu utiliza muito pouco a pastagem que tu vai fazer artificial, sem contar que a vegetação que tu tinha não tem mais então por esse lado aí que eu não vejo mais vantagem na soja, não acho viável o pecuarista trocar o gado pela soja (PT4, Dom Pedrito, 2018).

É possível observar que os pecuaristas além da variável monetária consideram a área de campo nativo na escolha entre diminuir ou não dar continuidade ao arrendamento de áreas para o cultivo de soja.

Os resultados alcançados em estudo realizado pela Embrapa Pecuária Sul dão conta de mostrar o potencial produtivo que o pasto nativo tem. Animais da raça Hereford, com idades entre dez meses e dois anos de idade permaneceram em campo nativo com ajuste de carga e foram submetidos aos três níveis de intensidade de utilização – campo nativo, campo nativo fertilizado e campo nativo fertilizado e sobressemeado com azevém e trevo-vermelho e apresentaram significativo ganho de peso.

No campo nativo fertilizado e sobressemeado com azevém e trevo-vermelho, foram produzidos 578 quilos de peso vivo por hectare por ano (kg PV/ha/ano), valores esses cerca de seis vezes maiores do que a média de produção de peso vivo em campo nativo do RS, que é de 70 kg/ha/ano. No campo nativo fertilizado, a produção foi de 425 kg PV/ha/ano e, no campo nativo com ajuste de carga, a produção foi de 259 kg PV/ha/ano, ou seja, 3,7 vezes mais que a média anual do RS (EMBRAPA, 2017). Tais resultados evidenciam o potencial do campo nativo como produtor de proteína animal, contrapondo o discurso de que a soja é exclusivamente mais rentável.

Para obter um retorno financeiro satisfatório da atividade pecuária, bem como superar a falta de disponibilidade de terra os pecuaristas necessitam adotar estratégias que otimizem a produção de bovinos de corte. Algumas das estratégias adotadas pelos Pecuaristas Tradicionais entrevistados são a padronização de raça, preferencialmente raças europeias, o ajuste de carga animal e em alguns casos a utilização de pastagens cultivadas.

Matte (2013) aponta que algumas das estratégias de enfrentamento e adaptação dos pecuaristas frente à falta de condições de acessar a terra que se referem diretamente ao manejo dos animais são o aumento da lotação animal, a maximização produtiva nas áreas, rastreabilidade, diferimento, melhoramento genético do rebanho, suplementação animal e o uso de pastagens cultivadas.

Diante do exposto, a estratégia mais mencionada nos discursos dos Pecuaristas Tradicionais entrevistados é a padronização de raça, o que eles consideram uma exigência do mercado.

Hoje em qualquer feira de terneiros o terneiro Angus vale mais que os outros, então o que acontece, o criador pequeno também quer vender o terneiro por um maior preço, então ele compra um touro Angus e cruza e vende o terneiro Angus é tudo uma questão de mercado. Infelizmente, gostando ou não, o que regula nossa vida é o mercado e o cliente. O cliente é o que manda, se ele quer um bicho preto a gente vai ter que fazer o bicho preto se não vão pagar tanto [...] No RS predomina é Angus, Hereford, Braford e Brangus, são essas quatro. O Charoles que era muito criado aqui caiu, porque o Angus é melhor.[...] o padrão do gado ajuda o olho e valoriza. Tu vende uma tropa só de Angus, o comprador vai te pagar mais do que tu vendendo uma tropa que tem várias raças, tem bicho mascarado, bicho branco, bicho vermelho, bicho malhado, sei lá o que, tudo que é pelagem não é bom. O animal da mesma raça padroniza mais o lote, qualquer raça que seja, não é só Angus. (PT11, Dom Pedrito, 2019).

O gado agora eu to botando mais é Aberdin, Aberdin Angus, eu tive Braford mas depois fui deixando do Braford e indo mais prá esse lado que a procura é melhor, até prá negócio, prá comercializar, o Angus, o Aberdin é mais procurado [...] é um gado fértil igual ao Braford, mas o Aberdin é um gado que se mantém mais em pequenas propriedades, é um gado mais conservado ele mais pequeno e sempre tá melhor de estado, e tem mais procura pelos frigoríficos. Que a gente vende um terneiro, vai vender uma vaca a procura é melhor e até eles pagam mais por esse tipo de gado, que a qualidade da carne é outra, tem menos ossos, esse Aberdin e o Angus, dizem que o osso dele é muito pouco, tem mais é carne (PT9, Dom Pedrito, 2018).

O Brasil introduziu muito, no Brasil central, os zebuínos, as raças zebuínas, chamado Nelori, então tem alguns cruzamentos que se faz dessa raça com o Hereford, se denominou um cruzamento industrial, uma raça sintética chamada Braford, que é o Brahman com o Hereford, e no Angus, no Aberdin Angus também eles cruzam muito essa raça zebuína com a europeia que se chama o Brangus, dá mais rusticidade ao animal, clima muito quente aproveitar melhor a eficiência do pasto e tal, agora ele perde um pouco de qualidade de carne, marmoreio etc. Mas ele é um cruzamento que se adaptou bem aqui na região. Mas aqui nós, é basicamente Hereford e alguns cruzamentos (PT10, Dom Pedrito, 2018).

Corroborando com os discursos dos Pecuaristas Tradicionais, o estudo de Matte (2017) com objetivo de identificar os canais de comercialização presentes na pecuária familiar do Pampa brasileiro mostra que houve, e está em curso, uma mudança significativa no padrão de raças utilizadas pelos pecuaristas familiares do Pampa. A autora constata que os padrões raciais predominantes no rebanho nas propriedades de pecuária familiar investigadas são compostos de raças europeias (espécie *Bos taurus*), com destaque para o Angus, que está presente em 76,9% das propriedades, tanto em sua linhagem Aberdeen Angus (56,4%) como Red Angus (20,5%). Os resultados alcançados nesta pesquisa de dissertação evidenciam que a padronização de raças é uma estratégia comum nas diversas categorias de pecuaristas do Pampa brasileiro.

Diante deste cenário, é possível observar que o Pecuarista Tradicional, ainda que em menor grau também está inserido em uma cadeia globalizada de comercialização de commodities, visto que de acordo com Matte (2017, p. 138) “há uma significativa influência de um movimento externo à propriedade, de cima para baixo, que, em grande medida, tem como principal agente promotor os frigoríficos, acrescidos dos Núcleos e Associações de Criadores de raças, configurando um processo de indução de uma regra”.

A autora considera que se trata de uma ação iniciada por grandes indústrias de processamento de carne bovina, como JBS, Marfrig Global Foods e BRF Brasil Foods, as quais têm instituído globalmente uma diversidade de produtos e subprodutos, ocultando seu domínio em submarcas, tendo como pressuposto o alcance a maior amplitude possível de consumidores (MATTE, 2017).

Diante da percepção dos Pecuaristas Tradicionais sobre o atual cenário das relações entre soja e pecuária estabelecidas no Pampa brasileiro, faz-se necessário apresentar algumas perspectivas futuras desses atores no que tange a bovinocultura de corte e as lavouras de soja. Dessa forma, os discursos a seguir ilustram essas percepções.

O futuro da pecuária vai ser dos pequenos produtores rurais, vai ser das pequenas propriedades, daquele morador que tá lá fora, que ele ainda cria... ou ela sofre uma transformação, a soja ela deixa de ser atrativa e as pessoas começam a trabalhar com isso em grandes extensões com a criação, mas é uma outra realidade, mas não é uma coisa que a gente olhe e perceba isso, das pessoas voltarem atrás com essa condições (PT8, Dom Pedrito, 2018).

Eu acho que no futuro essas áreas não serão mais de pecuária. No futuro não vai mais existir aqui a produção de pecuária com campos naturais, vai ser substituído por áreas agrícolas e pequenas áreas com produção via suplementação alimentar, tipo ração etc. confinamento [...] Apesar de a gente ter uma visão mais conservacionista a gente não pode se furtar de pensar realmente no caminho que é. Eu acredito que sempre vai existir alguns nichos de mercado, ou seja, apesar de acreditar que a produção pecuária vai ser mais voltada a intensiva ou confinamento

eu ainda acredito no valor do território, no valor das tradições, de que uma carne produzida assim, ela não é só uma carne, ela tá embutida lá uma forma alimentar uma cultura uma forma de como as pessoas vivem, como preservam. Se a gente conseguir fazer com que o consumidor ele identifique isso e pague alguns centavos a mais por isso aí a gente vai acreditar que esse sistema de produção pode sobreviver (PT10, Dom Pedrito, 2018).

Eu acho que o mercado (da pecuária) é promissor justamente pela qualidade que a carne tá tendo e ela naturalmente, porque as pessoas aprenderam a definir o que que é bom, quem define é o mercado, quem define é o consumidor, então as referências da carne do Rio Grande da carne da Pampa (PT1, Dom Pedrito, 2018).

Eu tenho a impressão, a gente é leigo no assunto, mas eu tenho a impressão que eu acho que a pecuária vai voltar, vai voltar porque do jeito que tá indo crise aí, os insumo muito caro essas coisa aí né então eu acho que vai ficar, já tá ficando acho que só os grande, lavoura forte, lavoureiro grande o pequeno e o médio “tá” quebrando. Então eu acho que a tendência eu acho que é voltar a pecuária, eu acho que é, e tomara que voltasse. Não sou contra a lavoura porque o pessoal precisa também, dar emprego prá o pessoal e isso aí é bom né, mas eu acho que um pouco mais da pecuária tinha que voltar até prá preservação (PT9, Dom Pedrito, 2018).

Política agrícola nacional, que nós não temos. Uma grande questão são as estradas de chão, acesso bom, poder entrar e sair com a tua produção a hora que for. Mas o que eu acho o principal que eu acho prá pecuária era que houvesse um incentivo, parte do que fosse, do poder público que fosse em relação ao pastoreio racional, o pastoreio *Voisin*, que é uma tecnologia barata e que os resultados são muito melhores do que a tecnologia tradicional que é o do pastoreio contínuo. Na minha opinião esse seria o grande salto da pecuária, se a gente conseguisse disseminar o pastoreio racional [...] Eu acho que com o *Voisin* eu consigo ter uma lucratividade melhor que a soja, e futuramente eu pretendo tentar expandir a minha atividade né (PT3, Dom Pedrito, 2018).

Em linhas gerais, os Pecuaristas Tradicionais entrevistados acreditam que a bovinocultura de corte irá se reconfigurar diante das novas exigências do mercado. Também está presente nas falas a necessidade de políticas públicas de incentivo a pecuária sustentável.

Não obstante, ainda que os pecuaristas não tenham relatado acessar algum tipo de política pública específica de remuneração às formas mais sustentáveis de pecuária, estão presentes no Pampa brasileiro, iniciativas que buscam valorizar as práticas sustentáveis dos produtores, como o Alto Camaquã¹⁹, Apropampa²⁰ e a Aprocima²¹ e a *Alianza del Pastizal*.

¹⁹ Com o apoio institucional da Embrapa Pecuária Sul e Emater/RS-Ascar, pecuaristas, principalmente pertencentes à categoria social da pecuária familiar, iniciaram a partir de 2008, um processo de organização produtiva e comercial que atualmente se traduz na forma do Arranjo Produtivo de Ovinos e Turismo do Alto Camaquã, reconhecido desde 2015 pela Agência Gaúcha de Desenvolvimento e promoção do Investimento – AGDI/RS (vinculada à Secretaria de Estado do Planejamento do Rio Grande do Sul). A estratégia elencada no território Alto Camaquã foi a criação de uma marca territorial coletiva, um selo passível de uso por todo e qualquer produto ou serviço desenvolvido no território a partir de processos de valorização dos recursos locais.

²⁰ Associação dos Produtores do Pampa Gaúcho. A Apropampa é a entidade responsável pela Indicação de Procedência (IP) “Pampa Gaúcho da Campanha Meridional”, distinção concedida pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI) em 2006 e, atualmente, pela Marca Coletiva (MC) “Apropampa”, concedida pelo INPI em 2017.

²¹ Associação de Produtores Rurais dos Campos de Cima da Serra. A Aprocima está inserida no BPA - Boas Práticas Agropecuárias da Embrapa, onde seguem-se as normas e procedimentos de rastreabilidade, responsabilidade social e ambiental, controles sanitários, bons tratos na produção animal e manejo pré-abate.

Dentre os Pecuaristas Tradicionais entrevistados um está apto a inserção na iniciativa e dois entrevistados estão inseridos na *Alianza del Pastizal*.

A *Alianza del Pastizal* reúne produtores de gado em campos naturais no bioma Pampa no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Paraguai. Os produtores que participam da iniciativa se comprometem a preservar pelo menos 50% dos campos naturais em sua propriedade, utilizando essa parte conservada para a criação de gado. Desde 2016, os associados à *Alianza del Pastizal* formaram uma parceria com o frigorífico Marfrig e com a rede de supermercados Carrefour para a comercialização de carne com um selo. No Rio Grande do Sul, no ano de 2017, a iniciativa contava com mais de 120 membros, abrangendo propriedades de diferentes tamanhos e sistemas de produção, porém com esse compromisso de conservação do bioma (ALIANZA, 2019).

Os Pecuaristas Tradicionais destacam que iniciativas deste tipo são interessantes e podem servir de incentivo para a continuação de uma forma conservacionista de pecuária praticada no Pampa brasileiro.

Nós conseguimos aprovar a propriedade agora, mas a anos eu... eu conheço um pedacinho do Paraguai, ali Argentina, Uruguai junto com a *Alianza*. Era muito burocrático, tu vê nós tínhamos lá áreas com 40, 50 anos de diferimento [...] tu tem que ter no mínimo 50% de campo nativo prá entrar e aí depois tu seguir regras que vão beneficiar esse campo nativo, é bem interessante [...] A ideia é prá o futuro vender esses créditos de carbono, mas o Brasil engatinha nisso... (PT4, Dom Pedrito, 2018).

Eu ocupo 100% das áreas de campo que eu tenho e ela é 100% nativa não tenho cultura de nada, não tenho pastagem, não tenho cultura de nada ela é 100% nativa [...] hoje a gente trabalha mais, não tanto sobre a questão do gado mas gerenciando pastos, estabelecendo tempos de descanso e retorno. A gente não conhece o potencial todo da Pampa [...] Eu não ganho nada com isso de diferente, eu como produtor, não existe um centavo de diferença na condição da Pampa, tá acontecendo alguma coisa sobre a *Alianza del Pastizal* então eu tô já propenso desde a semana passada já a conversar sobre esse assunto, mas até hoje não ganhei nada, mas faço, até pelo prazer, pela atividade ficar até mais prazerosa de lidar, de satisfação pessoal, eu faço essas coisas de preservação, eu gosto de ver e sentir essas coisas assim na atividade e a carne vem junto com isso aí também, porque a carne produzida a campo, ela tem o seu *terroir*, ela tem o seu gosto, tem a sua condição, e o gado europeu criado nessas condições é uma carne diferenciada, então é um mercado promissor que a gente espera, espera, espera, que um dia vá ter resultado né, mas ela não tem ainda uma remuneração diferenciada sobre essa condição (PT1, Dom Pedrito, 2018).

O nativo é a minha base e eu sempre vou privilegiar o campo nativo, inclusive o mês passado eu fiz o credenciamento na *Alianza del Pastizal* (PT3, Dom Pedrito, 2018).

No entanto, é preciso realizar estudos mais específicos a esse respeito, para que seja possível conclusões mais contundentes. A análise aqui apresentada aponta indicativos da

necessidade de compreender melhor esse mercado e se de fato cumpre com o propósito de remunerar de forma distinta essas formas de produção.

Vélez-Martin *et al.*, (2015) afirma que a conservação dos campos naturais em larga escala só é possível com a decisão individual e voluntária de cada proprietário rural, seja ele pequeno, médio ou grande, em seguir com a atividade pastoril.

Nesse sentido, é possível observar que de acordo com a caracterização dos pecuaristas entrevistados, o tamanho da propriedade, o nível de capitalização ou o tempo na atividade não são fatores determinantes para a decisão de manter a atividade pastoril de forma conservacionista.

Nesse sentido, Vélez-Martin *et al.*, (2015) observam que no Pampa brasileiro, do ponto de vista político, a pouca atratividade da pecuária extensiva, uma suposta baixa produtividade, e as críticas ambientais chegando do nível global levam à fraqueza da política pública para o campo natural quando se sabe que são nestes momentos de crise que o fator político pode ser muito eficiente e dar força e peso para influenciar ou ainda, mudar uma dinâmica, desta forma, políticas específicas de apoio à pecuária sustentável e de fortalecimento da cadeia produtiva da carne de corte procedente de campo nativo deveriam ser estabelecidas, assegurando ao mesmo tempo benefícios econômicos, sociais e ambientais (MOREIRA; OPPLERT; MACIEL, 2018; VÉLEZ-MARTIN *et al.*, 2015).

Tendo em vista que o objetivo dessa seção foi analisar a percepção dos Pecuaristas Tradicionais inseridos no bioma Pampa sobre a relação entre soja e pecuária, destacando como principais fatores, gado, uso da terra, campo nativo e o avanço das lavouras de soja, de forma resumida, pode-se afirmar que para esse perfil, como ilustrado anteriormente pelos discursos dos entrevistados, está “saindo o gado e entrando a soja”. Isso se deve principalmente pelo poder financeiro exercido pelos Pecuaristas Sojicultores sobre pecuaristas menos capitalizados, principalmente por meio de arrendamento ou compra de terras para expandir as áreas cultivadas com soja em detrimento das áreas anteriormente destinadas à pecuária. Aliado a isso, levanta-se como hipótese que esse arrendamento tem ocorrido também em vista de questões sociais internas às famílias, como a ausência de mão de obra e de sucessores. De modo que, arrendar a propriedade representa uma forma de mantê-la sobre a gestão da família, mesmo que não seja ocupada para realizar a atividade que vincula à identidade da família, a pecuária.

Desta forma, as considerações finais buscam sintetizar a percepção dos dois grupos de pecuaristas entrevistados neste estudo sobre quais as mudanças percebidas pelos pecuaristas na bovinocultura de corte posteriormente ao crescimento das lavouras de soja, quais as

relações estão sendo estabelecidas entre as atividades e como esse avanço influencia nas escolhas em relação às atividades produtivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação abordou o tema das transformações na bovinocultura de corte diante do crescente avanço do cultivo de lavouras de soja no Pampa brasileiro, esse último reconhecido pelas pastagens naturais propícias para criação pecuária. O estudo buscou identificar os principais fatores que contribuíram para o significativo crescimento das lavouras de soja em um bioma historicamente destinado à atividade bovinocultura de corte de modo extensivo, procurando evidenciar a percepção dos pecuaristas sobre a nova dinâmica produtiva influenciada pela soja.

Assim, o objetivo geral orientador deste estudo consistiu em analisar as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa brasileiro. Para tanto, foram definidos três objetivos específicos: Descrever as mudanças nas dinâmicas históricas e produtivas da bovinocultura e da soja no Pampa brasileiro; identificar a partir da percepção dos pecuaristas quais as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa brasileiro e; analisar quais aspectos influenciam na escolha dos pecuaristas entre investir na bovinocultura de corte ou dedicar-se ao cultivo da soja.

No que se refere ao primeiro objetivo específico deste estudo foi possível identificar que a história do Rio Grande do Sul, em particular da região da Campanha, onde incide o bioma Pampa, se confunde com a evolução da bovinocultura de corte. Pilar na ocupação e na formação do estado, a bovinocultura desenvolvida de modo extensivo nos campos naturais do Pampa vem sendo fortemente pressionada pelos processos de modernização do campo, em nível local, nacional e global, passando por diversas transformações. A mais recente delas é o avanço das lavouras de soja.

Buscando identificar quais as mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja no Pampa foi escolhido como recorte empírico o município de Dom Pedrito, o qual é substancialmente baseado na atividade pecuária e que nas últimas décadas vem registrando significativo aumento das áreas cultivadas com soja. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questões relacionadas às características socioeconômicas e aos aspectos produtivos que envolvem as duas atividades. O instrumento de coleta de dados permitiu identificar que os aspectos produtivos e as características socioeconômicas influenciam sobremaneira na percepção sobre as transformações na bovinocultura de corte diante do avanço da soja.

Posto isto, os entrevistados foram divididos em dois grupos de acordo com as características socioeconômicas e os aspectos produtivos. Em linhas gerais, os Pecuaristas

Sojicultores organizam suas atividades produtivas a partir das lavouras, combinado a bovinocultura de corte de forma menos significativa e apenas quando possível. Também podem ser caracterizados como investidores agrícolas tendo em vista que migraram para o Pampa em busca de áreas de terras para ampliar o cultivo das lavouras de arroz e posteriormente ao aumento dos preços da soja investiram fortemente no cultivo do grão.

Os denominados Pecuaristas Tradicionais organizam suas atividades produtivas com base na bovinocultura de corte, combinado as atividades agrícolas apenas quando possível ou necessário, em sua maioria, por meio de arrendamento de parte da propriedade para o cultivo da soja ou utilização de pastagens cultivadas em restevas de soja. Embora de perspectivas distintas, as percepções desses pecuaristas ora se aproximam, ora divergem no que tange as relações estabelecidas entre soja e pecuária.

Foi possível identificar a partir da percepção dos pecuaristas entrevistados que os principais fatores que contribuíram para o significativo avanço das lavouras de soja no Pampa brasileiro foram estruturas já consolidadas das lavouras de arroz, nas quais a soja foi utilizada em um primeiro momento para rotação de lavoura e a integração lavoura-pecuária, com utilização de pastagens para alimentar os animais durante o período de inverno. Aliado a isso, essa expansão foi favorecida pelo valor atrativo pago pela saca de soja em anos recentes, mais expressivos a partir da primeira década dos anos 2000. De modo que valores mais elevados pagos aos arrendatários e o ganho de produtividade a partir da moderna tecnologia empregada no cultivo do grão tornou-se incentivo para ampliar seu cultivo no Pampa.

Pecuaristas Sojicultores e Pecuaristas Tradicionais percebem de formas distintas as relações estabelecidas entre soja e bovinocultura de corte. Na percepção dos Pecuaristas Tradicionais entrevistados, a relação anteriormente de complementaridade entre as lavouras de soja e a atividade pecuária vem se transformando em uma relação de competitividade, principalmente no que tange o uso da terra, a disponibilidade de áreas destinadas à pecuária sobre pastagens naturais, a supressão dos campos naturais e especialmente ao retorno monetário das duas atividades.

No que se refere a análise de quais aspectos influenciam na escolha dos pecuaristas entre investir na bovinocultura de corte ou dedicar-se ao cultivo da soja, em linhas gerais, os Pecuaristas Sojicultores, posteriormente ao aumento dos preços pagos pela soja estão expandindo as áreas destinadas ao cultivo do grão em detrimento da bovinocultura de corte, considerada menos atrativa por esse grupo de pecuaristas diante de elementos econômicos especialmente. A escolha dos pecuaristas desse perfil também é influenciada por fatores como maior e mais rápida rentabilidade das lavouras de soja quando comparada à

bovinocultura de corte, a cultura familiar de práticas agrícolas trazidas pelos agricultores de suas regiões de origem, a experiência no cultivo de lavouras e a disponibilidade de áreas para a implementação de lavouras de soja por meio de arrendamentos.

Os Pecuaristas Tradicionais ficam entre continuar somente na atividade pecuária, integrar soja-pecuária ou migrar de atividade, escolha que é influenciada por questões como o “saber fazer”, a conservação do bioma Pampa e a segurança financeira proporcionada pela atividade pecuária. Os Pecuaristas Tradicionais consideram o “saber fazer” uma herança familiar que deve ser preservada por meio da bovinocultura de corte colaborando consequentemente para a conservação da identidade do gaúcho forjada na atividade pecuária. Esse grupo de pecuaristas considera as pastagens naturais do bioma Pampa um recurso de valor para alimentar os animais, buscando se manter em um sistema extensivo de criação com vistas a conservar os campos naturais. Os pecuaristas também consideram que a bovinocultura de corte é menos vulnerável as condições climáticas do Pampa e as oscilações do mercado financeiro, por isso mais segura quando comparada ao cultivo da soja. Entretanto, reconhecem o aumento na oferta de alimento para os animais proporcionado pelas pastagens cultivadas nas restevas de soja, principalmente no período do inverno, quando há relativa escassez de pastagens naturais.

Um dos fatores limitantes desse estudo foi a impossibilidade em avançar no debate sobre a principal questão levantada pelos dois perfis de pecuaristas entrevistados, que versa sobre a rentabilidade proporcionada pela bovinocultura de corte e o cultivo da soja quando comparadas. Tendo em vista a carência de estudos comparativos entre as duas atividades e as inúmeras variáveis que envolvem este “cálculo” não foi possível avançar nessa questão considerada de extrema relevância na percepção dos pecuaristas entrevistados nesse estudo. Esse fator limitante abre precedentes para uma nova agenda de pesquisa que trate do tema da rentabilidade das duas atividades.

Embora esse estudo tenha sido realizado em apenas um município do Pampa brasileiro, os resultados alcançados apontam importantes indícios de significativas transformações na bovinocultura de corte frente ao avanço das lavouras de soja e que essa dinâmica não está restrita ao nível local e sim, é parte de um contexto global de disputas por recursos naturais transformando os espaços agrários, em especial onde incidem campos naturais.

Considera-se como uma das principais contribuições dessa pesquisa evidenciar a perspectiva dos pecuaristas sobre as transformações produtivas no Pampa brasileiro, tendo em vista que poucos estudos se dedicam a compreender como o avanço da soja está influenciando

nas dinâmicas sociais atreladas a bovinocultura de corte. Em síntese, foi possível identificar que a pecuária no Pampa brasileiro ora estabelece uma relação de complementaridade, ora de concorrência com as lavouras de soja, mas permanece resiliente às novas dinâmicas do espaço agrário pampiano.

REFERÊNCIAS

- ANDREATTA, Tanice. **Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul**: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.
- ABIEC. **Perfil pecuária no Brasil: Relatório anual**. 2018. Disponível em: <<http://abiec.siteoficial.ws/images/upload/sumario-pt-010217.pdf>>. Acesso em: 12/12/2018.
- ADAUTO, Fernando. O elemento humano no Pampa: o gaúcho e sua história. In: BENCKE, Glayson Ariel; CHOMENKO, Luiza (Org.) **Nosso Pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 85-111.
- ALIANZA DEL PASTIZAL – ALIANZA. **Iniciativa de Conservación de los Pastizales Naturales del Cono Sur de Sudamérica**. Disponível em: <<http://www.alianzadelpastizal.org/>>. Acesso em: 03/02/2019.
- ALVARENGA, Ramon Costa; NOCE, Marco Aurelio. Integração lavoura e pecuária. Embrapa Milho e Sorgo. Sete Lagoas. 2005. 16 p. ; 21 cm. - (Documentos / Embrapa Milho e Sorgo).
- ALVES, Ana Luiza Pinto; BEZZI, Meri Lourdes. A organização espacial da microrregião geográfica da Campanha Meridional/RS: Novas cadeias produtivas na dinamização do espaço. Caminhos da Geografia. Uberlândia. V.14, n.48. p 14-26. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>>.
- ARBELETICHE, Pedro; LITRE, Gabriela; HERMES, Morales. **Ganaderia familiar y transformaciones territoriales: El impacto dela avance de las monoculturas en el Bioma Pampa**. Disponível em <http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/8va-bienal/rm3_rm22i.html>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- BARCELLOS, Júlio Otávio Jardim; SUÑE, Yara Bento Pereira; SEMMELMANN, Cláudio Eduard Neves; GRECELLÉ, Roberto Andrade; COSTA, Eduardo Castro da; MONTANHOLI, Yuri Regis; CHRISTOFARI, Luciana. **A bovinocultura de corte frente a agriculturização no sul do Brasil**. Disponível em: <http://www.nespro.ufrgs.br/sysdownloads/arquivos/outros/a_pecuaria_de_e_expansao_da_agricultura.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- BENCKE, Glayson Ariel; CHOMENKO, Luiza; SANT’ANNA, Danilo Menezes. O que é o Pampa? In: BENCKE, Glayson Ariel; CHOMENKO, Luiza (Org.) **Nosso Pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 16-27.
- BARRETO, Vitor Angelo Villar. Dom Pedrito cidade e campo: A modernização agrícola e a cidade local. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2011.
- BOFILL, Francisco Jorge. **A Reestruturação da Ovinocultura Gaúcha**. Guaíba, Agropecuária, 1996.

BORBA, Marcos Flávio; TRINDADE, José Pedro Pereira. Desafios para conservação e valorização da pecuária sustentável. In: PILLAR, Valério De Patta; MÜLLER, Sandra Cristina; CASTILHOS, Zélia Maria de Souza; JACQUES, Aino Victor Ávila (Org.). **Campos Sulinos – Conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 391-403.

BRÁZ, Cauê Assis. **O Pronaf-custeio na zona sul do estado do Rio Grande do Sul**. 2013. Trabalho de conclusão de curso. 63 f. (Graduação em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CAPOANE, Viviane; KUPLICH, Tatiana Mora. Expansão da agricultura no Bioma Pampa. In: **Anais do 8ª Reunião de Estudos Ambientais**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/325722472>>. Acesso em: 25/11/2018.

CHELOTTI, M. C. **A estância metamorfoseou-se: (re) configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na Campanha Gaúcha (1990-2007)**. 288p. Tese (Doutorado em geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. *Histórico mensal soja*. 2018. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>> Acesso em: out. 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes, 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

DA SILVA, Monica Nardini. **A face espúria de um grão dourado: impactos socioambientais da expansão da soja em Jaguarão, RS**. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de Administração e Turismo e Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

EMATER. Emater divulga dados oficiais da colheita da soja no Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/emater-divulga-dados-oficiais-da-colheita-de-soja-no-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 28 set. 2018.

ESCHER, Fabiano. **Agricultura, alimentação e desenvolvimento rural: Uma análise institucional comparativa de Brasil e China**. 2016. 303 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2016.

EXPORTAÇÕES para a China pelo Porto de Rio Grande crescem 66%: Destaque foi para a soja em grão, que correspondeu a 87,42% da movimentação no primeiro trimestre. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2018/04/exportacoes-para-a-china-pelo-porto-de-rio-grande-crescem-66-cjgjzpx2043401qolxs3ewg5.html>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. 2018. Shaping the future of livestock: sustainably, responsibly, efficiently. The 10th Global Forum for Food and Agriculture (GFFA). Berlin, 18p.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Produção pecuária na América Latina e no Caribe. Roma. 2018. Disponível em: <<http://www.fao.org/americas/prioridades/produccion-pecuaria/pt/>>. Acesso em: 10 jun 2018.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Shaping the future of livestock: sustainably, responsibly, efficiently**. Berlin, 2018, 18p.

FAOSTAT. **Estatística do cultivo da soja**. 2019a Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/es/#data/QC>>. Acesso em: 05/01/2019.

FAOSTAT. **Estatísticas do rebanho bovino**. 2019b. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/es/#data/QA>>. Acesso em: 05/01/2019.

FEIX, Rodrigo Daniel; JÚNIOR, Sérgio Leusin; AGRANONIK; Carolina. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2017**. Porto Alegre: FEE, 2017.

FERREIRA, Jonas Lima; ANDREATTA, Tanice. Mudanças no uso da terra no município de Dom Pedrito – RS. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Resumo expandido. V.3 N. 2. 2011. Disponível em: <<http://seer.unipampa.edu.br/index.php/siepe/article/view/3142>>.

FILHO, Luchiari, A. Produção de carne bovina no Brasil, qualidade, quantidade, ou ambas. In: **Anais SIMBOI- Simpósio sobre desafios e novas tecnologias na bovinocultura de corte**. Brasília. 2006.

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini; PIZZATO, Fernanda. Recordações do Pampa - estudo das transformações da atividade pecuária no Rio Grande do Sul. In: 12 Encuentro de Geografos de América Latina, 2009, Montevideo Uruguay. Anais do 12 Encuentro de Geografos de America Latina, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/81.pdf>>.

GÉDOUIN, Maëlle, *et al.* Cambios en el sistema agrario y la sociedad rural de una región históricamente ganadera, con la llegada de nuevos usos del suelo. **Pampa**. n. 9, p.177-205, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Lisboa; SANTOS, Daniel Labernarde dos. Estrutura do projeto de pesquisa. In: **Métodos de pesquisa**. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). UFRGS. 1º Ed. Porto Alegre, 2009.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa Social**. Editora Atlas. São Paulo, 2008.

GOLDFARB, Yamila. **Financeirização, poder corporativo e expansão da soja no estabelecimento do regime alimentar corporativo no Brasil e na Argentina: o caso da**

Cargil. 2013. 203f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, São Paulo, 2013.

GONÇALVES, Sérgio Luiz; SIBALDELLI, Rubson Natal Ribeiro. Riscos climáticos e viabilidade econômica da produção de soja no sul do Rio Grande do Sul. Comunicado Técnico Embrapa. Paraná. 2018.

Informativo NESPro & Embrapa Pecuária Sul: bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul – Ano 4, n. 1 (2018). Porto Alegre, RS. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nespro/informativos/4/mobile/index.html>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/ PESQUISA PECUÁRIA MUNICIPAL – IBGE/PPM. **Efetivo de rebanhos por tipo de rebanho.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3939>>. Acesso em: 12/01/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006.** Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico, 2010a.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1552&z=cd&o=5>>. Acesso em 15 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Divisão Político-Administrativa.** Disponível em: <<http://www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao>>. Acesso em: 21/01/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produção da Pecuária Municipal 2017.** Sidra. Tabela 1612 - Área plantada, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias. Soja (em grão). Área plantada (Hectares) e Quantidade produzida (Toneladas). Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1612>>. Acesso em: 29 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/ PESQUISA AGRÍCOLA MUNICIPAL – IBGE/PAM. **Informações sobre culturas temporárias.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1612>>. Acesso em: 12/01/2019.

KAGEYAMA, Angela A. **Desenvolvimento Rural: Conceitos e aplicação no caso brasileiro.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed., São Paulo: Atlas, 2003.

LITRE, Gabriela. **Os gaúchos e a Globalização: Vulnerabilidade e adaptação da pecuária familiar no Pampa do Uruguai, Argentina e Brasil.** 2010. 470f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2010.

MAPBIOMAS. **Projeto de Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo no Brasil.** Disponível em: <<http://mapbiomas.org/stats>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MATTE, Alessandra. **Convenções e mercados da pecuária familiar no sul do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2017. 292f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2017.

MATTE, Alessandra; NESCKE, Marcio Zambone; ANDREATTA, Tanice. Evolução e diferenciação dos sistemas agrários e os reflexos na economia do município de Bagé-RS. **AGROPAMPA - Revista de Gestão do Agronegócio da Unipampa**, v. 1, p. 100-112, 2016.

MATTE, Alessandra. **Vulnerabilidade, capacitações e meios de vida dos pecuaristas de corte da Campanha Meridional e Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul**. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MORALES, H., Coronato, F.R., Carvalho, S.A., Saravia, A., Schweitzer, A., Burlamaqui, A.B., Tourrand, J.F. 2016. Building New Human-Natural Systems for sustainable pastures management in South America. In: *DONG, S. et al. (Eds) 2016. Building Resilience of Human-Nature Systems of Pastoralism in Developing World. Springer*, p177-208.

MOREIRA, Juliana Gomes; MACIEL, Rodrigo Gisler; OPPLERT, Marie. O Dilema do Pampa ou Campo Natural/*Rangeland*: Complexidade do desenvolvimento devido à concorrência pela terra e os recursos naturais. In: VIII ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 2018. **Anais...** Florianópolis, SC: REDES, 2018.

MOREIRA, Juliana Gomes; MATTE, Alessandra; CONTERATO, Marcelo Antônio. “*E esses campos são bom*”: A percepção dos pecuaristas sobre a atividade pecuária diante do crescimento das lavouras de soja no bioma Pampa. In: VII SIMPÓSIO DA CIÊNCIA DO AGRONEGÓCIO, 2018. **Anais...** Porto Alegre, RS, 2018.

NABINGER, Carlos et al. Produção Animal com base no campo nativo: aplicações de resultados de pesquisa. In: PILLAR, Valério De Patta; MÜLLER, Sandra Cristina; CASTILHOS, Zélia Maria de Souza; JACQUES, Aino Victor Ávila (Org.). **Campos Sulinos – Conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 175-198.

NABINGER, Carlos; JACQUES, Aino Victor Ávila. A questão da produção pecuária em campo nativo do bioma Pampa: Contexto geral. In: Carvalho, Paulo César de Faccio et al. (Org.). **Nativão: 30 anos de pesquisa em campo nativo**. Porto Alegre: UFRGS. 2017. p. 1-6.

OLIVEIRA, Adilson Nunes de; VIDAL, Ribas Antônio. **Dom Pedrito**: Pioneira no cultivo da soja na América Latina. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo; HECHT, Susanna. Sacred groves, sacrifice zones and soy production: globalization, intensification and neo-nature in South America. **The Journal of Peasant Studies**, London, v. 43, n. 2, p. 396-418, Mar. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História do Rio Grande do Sul**. 4. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 142 p. (Série Revisão, 1).

PICCIN, Marcos Botton. Processos sociais de recomposição do patronato rural em terras gaúchas. In: BÜHLER, Eve Anne; GUIBERT, Martine; OLIVEIRA, Valter Lúcio de. *Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: Abordagens a partir da América do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. (Série Estudos Rurais).

PILLAR, Valério De Patta *et al.* (Org.). **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. 403 p.

PIZZATO, Fernanda. **Pampa gaúcho**: causas e consequências do expressivo aumento das áreas de soja. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRGS. Porto Alegre, RS.

QUADROS, William Madeira de. Avaliação Bioeconômica de diferentes modelos de produção agropecuária no município de Dom Pedrito: Uma simulação. Dom Pedrito. 2015. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) – Universidade Federal do Pampa.

RIBEIRO, Claudio Marques. Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da Campanha do Rio Grande do Sul. 2009. 300 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de pós- graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS. Porto Alegre, RS.

RIBEIRO, Claudio Marques. O mod de vida dos pecuaristas familiares no Pampa brasileiro. In: WAQUIL, Paulo Dabdab; MATTE, Alessandra, NESKE, Márcio Zambone; BORBA, Marcos Flavio (Org.). *Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. (Série Estudos Rurais).

SARMENTO, Marcelo Benevenga; MACEDO, Isadora Giorgis; RAMBORGGER, Bibiana Melo. Serviços Ecossistêmicos e práticas de manejo de campo na visão dos pecuaristas dos Campos Sulinos. In: VII SIMPÓSIO DA CIÊNCIA DO AGRONEGÓCIO, 2018. **Anais...** Porto Alegre, RS, 2018.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Perfil das cidades gaúchas**. Disponível em: <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Dom_Pedrito.pdf>. Acesso em: 21/09/2018.

SHURTLEFF, W.; AOYAGI, A. History of soybeans and soyfoods in South America (1882–2009). Extensively annotated bibliography and sourcebook. Lafayette: Soyinfo Center, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Pesquisa Científica. In: **Métodos de pesquisa**. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). UFRGS. 1º Ed. Porto Alegre, 2009.

SILVEIRA, Vicente Celestino Pires; GONZÁLEZ, José Antonio; FONSECA, Eliana Lima. **Land use changes after the period commodities rising price in the Rio Grande do Sul State, Brazil**. *Ciência Rural*, Santa Maria. V. 47. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384782017000400931&lng=pt>

&nrm=isohttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttxt&pid=S0103-84782017000400931&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2018.

SIMÕES, Cinthia Da Silva. **Instituições na pecuária de corte e sua influência sobre o avanço da sojicultura na Campanha Gaúcha**. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Diagnóstico Econômico do Município de Dom Pedrito**. Porto Alegre: FUNTATEC, 1996.

STEINFELD, Henning; GERBER, Pierre; WASSENAAR, Tom; CASTEL, Vincent; ROSALES, Mauricio, HANN, Cess de. 2006. **Livestock's Long Shadow**. Environmental issues and options. FAO Report, 380 p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; PIRES DA SILVA, Luís Alberto. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, Valério De Patta; MÜLLER, Sandra Cristina; CASTILHOS, Zélia Maria de Souza; JACQUES, Aino Victor Ávila. (Org.). **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. p. 26-41.

THORNTON, Philip K. Livestock production: recent trends, future prospects. Disponível em: <<https://royalsocietypublishing.org/doi/full/10.1098/rstb.2010.0134>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. *Data and Statistics*. 2018. Disponível em: <<http://www.usda.gov/wps/portal/usda/>>. Acesso em: out. 2018.

VENNET, Bert Vander; SCHNEIDER, Sergio; DESSEIN, Joost. “Different farming styles behind the homogenous soy production in southern Brazil”. **The Journal of Peasant Studies**, London, v. 43, n. 2, p. 396-418, Mar. 2016.

VÉLEZ- MARTIN et al. **Cobertura e Fragmentação**. In: PILLAR, Valério De Patta; LANGE, Omara (Org.). **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos, UFRGS, 2015. p. 123-132.

WAQUIL, Paulo Dabdab; MATTE, Alessandra, NESKE, Márcio Zambone; BORBA, Marcos Flavio. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. (Série Estudos Rurais).

WAQUIL, Paulo Dabdab; MIELE, Marcelo; SCHULTZ, Glauco. **Mercados e comercialização de produtos agrícolas**. UAB/UFRGS/SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

WESZ JUNIOR, Valdemar João. **O mercado da soja e as relações de troca entre produtores rurais e empresas no Sudeste de Mato Grosso (Brasil)**. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Rio de Janeiro, 2014.

WOOD, Charles H. Methodological Introduction to the Study of Cattle Ranching, Land Use, and Deforestation in Brazil, Peru and Ecuador. In : WOOD, Charles H.; TOURRAND, Jean François; TONI, Fabiano (eds). **Pecuária, uso da terra e desmatamento na Amazônia: um estudo comparativo do Brasil, do Equador e do Peru**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 15-48.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA A PECUARISTAS



ROTEIRO DE ENTREVISTA JULIANA GOMES MOREIRA AS RELAÇÕES ENTRE O AVANÇO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM SOJA E A PECUÁRIA NO BIOMA PAMPA

Entrevista nº _____ Data: ___/___/_____
 Nome do entrevistado: _____
 Idade: _____
 Proprietário (a) () Filho() Outro(): _____ Sexo: () M () F
 Escolaridade: _____
 Município: _____
 Localidade/Distrito: _____
 Quanto tempo reside nesse local: _____
 Distância (em Km) da sua casa até a cidade/aglomeração urbana do seu município: _____

1. Situação Fundiária.

Situação fundiária		Área (ha)	Atividades
Área Total (ha)- para desenvolver as atividades produtivas			
Própria			
Arrendamento	De terceiros		
	Para terceiros		
Parceria			

2. Quais atividades produtivas realiza na propriedade e quanto % representa da renda anual?

- () Soja _____%
 () Pecuária _____% () Ovino _____% () Bovino _____% () Caprinos _____%
 () Arroz _____%
 () Silvicultura _____%
 () Outra: _____%

3. A renda ou os ganhos econômicos de sua família provém de:

- () Produção agrícola/pecuária
 () Trabalho agrícola para terceiros (safrista, temporário etc.)
 () Trabalho não agrícola (serviço, comércio ou indústria)
 () Artesanato/manufatura
 () Turismo rural/ambiental/ecológico/aventura
 () Processamento ou beneficiamento de produtos
 () Aposentadoria ou pensão
 () Programas de transferência de renda (Bolsa família, etc.)
 () Arrendamento de áreas
 () Remessas de familiares, amigos, etc. (doações)
 () Outras fontes de renda

4. Tem acesso na propriedade a:

- () Telefone celular
 () Computador
 () Internet
 () Televisão
 () Automóvel e/ou motocicleta

5. Possui maquinários e implementos agrícolas? () Sim () Não. Quais?

6. Se não, contrata serviços de terceiros com maquinários e implementos agrícolas?
 () Sim () Não Para quais atividades?



7. Quais instrumentos necessários para a realização das atividades:

a) Pecuária¹:

b) Lavoura de soja:

c) Lavoura de arroz:

8. Qual o sistema de produção da pecuária?

Extensivo Semi-intensivo Intensivo (confinamento)

9. Qual o tipo de sistema de criação de bovinocultura de corte:

Cria Recria Cria/Recria Ciclo completo
 Terminação Recria/Terminação

10. Quais espécies de plantas (forrageiras) são utilizadas para alimentação dos animais?

Nativas Cultivadas Ambas

Verão:

Inverno:

11. O campo nativo é um recurso de qualidade ou deve ser substituído?

12. Houveram mudanças na atividade pecuária nesses últimos anos? Sim Não. Quais?

13. Quais as principais motivações para a prática da pecuária?

14. Como está o mercado da pecuária hoje?

15. Há quanto tempo cultiva ou arrenda para a produção de soja? _____

16. Qual a forma de plantio da soja? Direto Rotativo

17. Quais as principais motivações para o cultivo da soja?

18. Na sua percepção a inserção da soja, se deu pelo solo ser favorável ao cultivo ou as variedades de soja foram adaptadas ao solo?

19. Utiliza irrigação na propriedade? Sim; Não

Para quais atividades: pastagem; soja; arroz

A água utilizada para irrigação é própria ou arrendada

20. Passou a utilizar insumos químicos na propriedade? Houve intensificação do uso nos últimos anos? Por quê?

21. Acessa alguma forma de crédito ou financiamento? Sim Não

Quais tipos? Empresas de soja Bancos

Para quais atividades? _____

¹ Reprodutor, mangueira, pastagem cultivada, controle sanitário, inseminação, máquina de tosquia.



Com que frequência? _____



22. Teve acesso a algum tipo de política pública destinada para a atividade pecuária? () Sim () Não. Qual?

23. O que mudou na organização do trabalho, na propriedade? A soja teve alguma influência nas mudanças?

24. Na sua percepção a inserção da soja influenciou na permanência dos membros da família na propriedade: () Sim () Não. Por quê?

25. De quais organizações sociais rurais participa?

- a) () Sindicato de Trabalhadores Rurais
- b) () Sindicato de Produtores Rurais
- c) () Associação de Produtores e Criadores
- d) () Cooperativa
- e) () Outro:

26. Em que espaços obtém informações e realiza trocas sobre as atividades produtivas?

a) Lavoura:

b) Pecuária:

27. Recebem assistência técnica?

a) Lavoura () Sim () Não. Quem? _____

b) Pecuária () Sim () Não Quem? _____

28. Observou alguma mudança na região nos últimos anos, especialmente com o aumento do cultivo da soja?

29. Pensa que a entrada da soja compete com o espaço da pecuária? Por que?

30. Pensaria em abandonar a atividade pecuária? () Sim () Não. Por que razões?

31. Como vê o futuro da atividade pecuária?

32. Acredita que as próximas gerações (filhos, netos) darão continuidade a atividade pecuária?

() Sim () Não

33. Como vê o mercado da soja hoje?²

34. Como vê o futuro das lavouras de soja?

35. Pensa em cultivar somente soja? () Sim () Não. Por que razões?

36. Quais os principais desafios que o produtor rural enfrenta hoje?

² Quanto estão pagando pela saca de soja e qual o custo dela?

APÊNDICE B – REGISTROS DO TRABALHO DE CAMPO

Figura 1 - Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dom Pedrito



Fonte: acervo da autora. 2019.

Figura 2 - Sindicato Rural de Dom Pedrito



Fonte: acervo da autora. 2019.

Figura 5 - Pecuarista Tradicional segurando o capim anonne considerado planta invasiva pelos pecuaristas



Fonte: acervo da autora. 2019.

Figura 6 - Atividade nas lavouras de arroz na propriedade de um Pecuarista Sojicultor



Fonte: acervo da autora. 2019.